



**Português como Língua de Herança:
Dinâmicas Familiares e Comunitárias em
Contextos Migratórios**

Lydie Isabelle Marreiros

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa

Orientadora: Professora Doutora Isabelle Simões Marques

Lisboa | fevereiro 2026

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à Professora Doutora Isabelle Simões Marques, pela orientação rigorosa, disponibilidade constante e pelos seus valiosos contributos ao longo deste percurso. O seu entusiasmo pela temática foi uma inspiração decisiva, bem como a sua paciência e compreensão.

Aos participantes das entrevistas, o meu sincero reconhecimento pela generosidade com que partilharam as suas histórias, experiências e emoções. Este trabalho é, acima de tudo, sobre vocês.

Aos colegas do mestrado, pelas partilhas, risos e companheirismo.

À minha família — a que me é dada e a que escolhi —, pela paciência e apoio incondicional, por acreditarem em mim mesmo quando a fé tremeu, por me escutarem nos momentos difíceis e por celebrarem comigo cada pequena conquista. A vossa presença fez toda a diferença nesta caminhada.

Por fim, agradeço ao meu Criador e Melhor Amigo, que me escuta no silêncio e me dá força para viver cada desafio com esperança.

A quem partilha o meu caminho com amor,
mesmo quando o horizonte parece difícil de alcançar.



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 4 de fevereiro de 2026

Nome completo/Full name: Lydie Isabelle Marreiros

Assinatura/Signature:

manuscrita ou digital / handwritten or digital

Resumo

Este estudo analisa as experiências linguísticas de lusodescendentes em três contextos migratórios distintos — Paris, Londres e Nova Jérquia — com foco na relação com o português enquanto Língua de Herança. A investigação adota uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas realizadas com nove participantes adultos que cresceram em ambientes plurilingues marcados pela presença do português e da língua dominante do país de acolhimento.

A análise dos testemunhos recolhidos permitiu reconhecer práticas familiares, percursos afetivos, representações sociais e dinâmicas comunitárias que influenciam a forma como a língua portuguesa é vivida e percebida.

Os resultados revelam uma diversidade de trajetórias, com graus variados de contacto e envolvimento com a língua, moldados por fatores como a consistência do uso familiar, a visibilidade da comunidade portuguesa local, as políticas linguísticas e as ideologias em torno do bilinguismo.

Ao dar voz aos próprios falantes, este trabalho propõe uma leitura crítica e contextualizada da experiência linguística de lusodescendentes, destacando a importância de reconhecer a pluralidade de vivências e a legitimidade de diferentes percursos linguísticos em contextos migratórios.

Palavras-chave: Língua de Herança, bilinguismo, identidade linguística, Comunidades Portuguesas, migrações

Abstract

This study explores the linguistic experiences of Portuguese descendants in three different migrant contexts — Paris, London and New Jersey — with a focus on their relationship with Portuguese as a Heritage Language. The research adopts a qualitative approach, based on semi-structured interviews conducted with nine adult participants who grew up in multilingual environments where Portuguese coexisted with the dominant language of the host country.

The analysis of the interviews highlights how family practices, emotional ties, social representations, and community dynamics shape the way Portuguese is experienced and perceived.

The findings reveal a wide range of trajectories, reflecting different levels of exposure and engagement with the language, influenced by factors such as family language choices, the visibility of the local Portuguese community, language policies, and prevailing ideologies around bilingualism.

By centring the voices of the speakers, this study offers a critical and situated perspective on the linguistic experiences of Portuguese heritage speakers, underlining the importance of recognising diverse pathways and the legitimacy of all linguistic repertoires in migratory contexts.

Keywords: heritage language, bilingualism, linguistic identity, Portuguese Communities, migrations

Résumé

Cette recherche examine les parcours linguistiques de personnes luso-descendantes vivant dans trois contextes migratoires différents — Paris, Londres et New Jersey — en mettant l'accent sur leur relation à la langue portugaise en tant que langue d'héritage. L'étude adopte une approche qualitative, fondée sur des entretiens semi-dirigés réalisés avec neuf adultes ayant grandi dans des environnements multilingues, marqués par la coexistence du portugais et de la langue dominante du pays d'accueil.

L'analyse met en lumière les pratiques familiales, les liens affectifs, les représentations sociales et les dynamiques communautaires qui influencent l'expérience de cette langue.

Les résultats révèlent une diversité de trajectoires, avec des degrés variables de contact et d'engagement, selon des facteurs tels que la cohérence linguistique au sein de la famille, la visibilité de la communauté portugaise locale, les politiques linguistiques et les idéologies sur le bilinguisme.

En donnant la parole aux locuteurs eux-mêmes, cette étude propose une lecture critique et nuancée de l'expérience linguistique des luso-descendants, et souligne l'importance de valoriser la pluralité des parcours et des répertoires linguistiques dans les contextes migratoires.

Mots-clés : langue d'héritage, bilinguisme, identité linguistique, communautés portugaises, migrations

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA | |
| 2.1 Conceito de Língua de Herança e enquadramento inicial | 6 |
| 2.2 Transmissão e socialização linguística: família e comunidade ... | 6 |
| 2.3 Perfis bilingues, identidade e investimento na LH | 8 |
| 2.4 Erosão linguística, ensino do PLH e novas práticas digitais | 9 |
| 3. METODOLOGIA | |
| 3.1 Abordagem | 14 |
| 3.2 Entrevistas semiestruturadas | 15 |
| 3.3 Análise de dados | 21 |
| 4. RESULTADOS | |
| 4.1 Contexto Familiar | 25 |
| 4.2 Relação com a Comunidade | 36 |
| 4.3 Identidade Linguística | 45 |
| 4.4 Estratégias e Desafios | 53 |
| 4.5 Reflexões e Expectativas para o Futuro | 62 |
| 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | |
| 5.1 Padrões comuns e contrastes nas trajetórias de PLH | |
| 5.1.1 Continuidade e erosão por domínios de uso | 68 |
| 5.1.2 Pertença, legitimação e contrastes na experiência comunitária | 70 |
| 5.1.3 Revalorização na idade adulta | 71 |

| | |
|---|-----------|
| 5.2 Micropolítica linguística familiar, erosão e autoestima linguística | |
| 5.2.1 Regras implícitas de uso e socialização linguística no contexto familiar | 73 |
| 5.2.2 Micropolítica familiar e processos de erosão linguística | 74 |
| 5.2.3 Família, agência individual e reconfiguração do vínculo à língua .. | 76 |
| 5.3 Dinâmicas comunitárias, legitimação e oportunidades de uso do PLH | |
| 5.3.1 Aulas formais de português como espaço de contacto institucional com o PLH | 77 |
| 5.3.2 Participação em eventos sociais e circulação do português no espaço comunitário | 78 |
| 5.3.3 Aceitação social, perceção de legitimidade e visibilidade de recursos..... | 80 |
| 5.4 Articulação entre família, comunidade e identidade linguística: perfis comparativos | 82 |
| 5.5 Implicações para políticas linguísticas e educativas | 86 |
| 5.6 Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras | 91 |
| 6. CONCLUSÃO | 95 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 98 |
| ANEXO 1 – Transcrição das Entrevistas | |
| PA1 | 103 |
| PA2 | 113 |
| PA3 | 128 |
| PA4 | 137 |
| LO1 | 145 |

| | |
|-----------|-----|
| LO2 | 158 |
| LO3 | 173 |
| NJ1 | 181 |
| NJ2 | 195 |

Índice de tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 3.1 – Informação demográfica dos entrevistados | 16 |
| Tabela 3.2 – Guião para Entrevistas Semiestruturadas | 17 |
| Tabela 3.3 – Tabela de convenções de transcrição das entrevistas | 20 |
| Tabela 3.4 – Grelha de análise temática..... | 22 |
| Tabela 4.1 – Grelha comparativa dos resultados | 68 |

1. INTRODUÇÃO

O fenómeno da emigração portuguesa tem moldado a paisagem sociocultural de diversas regiões do mundo, especialmente na Europa e na América do Norte. Esta dispersão geográfica, que se acentuou sobretudo a partir da segunda metade do século XX, deu origem a comunidades numerosas e dinâmicas, que tentam conciliar os valores culturais do país de origem com os desafios impostos pelos contextos de acolhimento¹. Uma das manifestações mais visíveis dessa tentativa de conciliação é a relação mantida com a língua portuguesa. No seio dessas comunidades, o português tende a assumir o estatuto de Língua de Herança (LH), por ser geralmente adquirido na infância, no contexto familiar, antes da entrada na escola (Polinsky & Kagan, 2007:6). Contudo, ao longo do tempo, esta língua tende a ser relegada para um uso restrito ao domínio doméstico e afetivo, sendo progressivamente enfraquecida pelo predomínio da língua dominante do país de acolhimento. A continuidade da LH entre gerações pode depender, assim, de fatores como a valorização social, o uso regular e a existência de apoios institucionais e pedagógicos (Duarte, 2012:15).

A LH, na sua essência, não é apenas um conjunto de estruturas linguísticas herdadas. Ela transporta consigo a história familiar, os laços afetivos e a identidade cultural de quem a fala. No entanto, o seu estatuto é por vezes ambíguo: por um lado, é símbolo de pertença e orgulho; por outro, pode ser encarada como um fardo

¹ Estatísticas apresentadas pelo organismo “Observatório da Emigração” (www.observatorioemigracao.pt) indicam a existência de cerca de 1,7 milhões emigrantes portugueses à data de 2020. Destes, cerca de 589 mil residem em França; 158 mil nos EUA; e 166 mil no Reino Unido.

ou obstáculo à integração, especialmente quando em conflito com a língua dominante do país de acolhimento. A tensão entre o uso da língua de origem e a adoção plena da língua do ambiente envolvente é uma constante nas comunidades migrantes - e o português não é exceção. Esta tensão é ilustrada por Melo-Pfeifer (2019:9), através de metáforas como a da “Toranja”, que simboliza a experiência híbrida, ambígua e por vezes conflituosa de quem cresce entre a língua de herança e a língua maioritária. Tal metáfora revela o conflito identitário e linguístico que caracteriza muitos percursos bilíngues (Melo-Pfeifer, 2019:9).

Neste contexto, a família e a comunidade desempenham papéis incontornáveis na aprendizagem e manutenção do PLH. A família constitui, muitas vezes, o primeiro espaço de contacto com a língua, sendo responsável por grande parte da socialização linguística nos primeiros anos de vida. Pais, avós, tios, primos e irmãos mais velhos transmitem não só vocabulário e estruturas gramaticais, mas também formas específicas de ver o mundo, de expressar emoções e de se relacionar com a cultura de origem. Esta transmissão, no entanto, não é linear nem garantida. Está sujeita a múltiplas influências: as convicções pessoais dos pais, a sua própria proficiência linguística, a pressão da escola, do ambiente envolvente, da sociedade de acolhimento, da existência (ou não) de redes sociais e comunitárias de suporte, entre outros fatores.

Por sua vez, as comunidades portuguesas organizadas no estrangeiro, através de associações, centros culturais, escolas complementares, grupos religiosos ou desportivos, e atualmente também por meio de plataformas digitais, constituem espaços de reforço, validação e normalização do uso do português.

Ao proporcionarem contextos de uso da língua em ambientes extrafamiliares, estas comunidades permitem que os falantes de PLH vejam o português não apenas como “a língua dos pais”, mas como um recurso comunicativo útil e legítimo, com valor social. Mais ainda, estas iniciativas ajudam a quebrar o isolamento linguístico, possibilitando trocas intergeracionais, identificação com outros jovens da diáspora e uma reconstrução positiva da identidade linguística.

Contudo, o uso do PLH está longe de ser um processo automático. Diversos obstáculos se interpõem neste percurso. A escassa oferta de ensino formal adaptado às necessidades dos falantes de herança, a desvalorização social da língua minoritária, o preconceito linguístico ou mesmo a dificuldade em aceder a materiais adequados, são fatores que contribuem para a erosão da língua. A exposição limitada ao português, circunscrita frequentemente ao ambiente doméstico, associada à predominância da língua dominante em todas as outras áreas da vida, conduz frequentemente a uma assimetria de competências linguísticas: a compreensão oral é geralmente elevada, mas a produção escrita e a expressão em registos formais revelam grandes fragilidades. Esta situação gera, por vezes, sentimentos de vergonha, insegurança ou desvalorização da língua, o que agrava o risco de abandono linguístico ao longo das gerações (Deprez, 2003:6-7).

Neste quadro complexo, a presente investigação propõe-se responder à seguinte questão central: **de que forma as dinâmicas familiares e comunitárias das comunidades portuguesas no estrangeiro contribuem para a aprendizagem e uso do português como Língua de Herança?** Trata-se de uma

questão que ultrapassa o domínio puramente linguístico, situando-se no cruzamento entre os estudos do bilinguismo, a sociolinguística, a didática de línguas, os estudos migratórios e a antropologia cultural. A abordagem adotada reconhece a pluralidade de experiências e trajetórias individuais, mas procura também identificar padrões, estratégias e obstáculos comuns.

O objetivo geral desta dissertação é, portanto, analisar, a partir de uma perspectiva comparativa, o papel da família e das comunidades emigrantes portuguesas na promoção e preservação do PLH em três contextos distintos: França, Inglaterra e Estados Unidos da América. Estes países foram escolhidos não só pela expressividade das suas comunidades portuguesas, mas também pela diversidade dos seus modelos de integração, políticas linguísticas e práticas comunitárias, o que permite observar diferentes formas de relação com a língua de herança.

De forma mais específica, esta investigação pretende:

1. Compreender as práticas linguísticas e os valores familiares que favorecem (ou dificultam) a transmissão do PLH;
2. Analisar o papel das estruturas comunitárias formais e informais na criação de contextos de uso da PLH;
3. Identificar estratégias utilizadas por famílias e comunidades para transmitir o português, em contextos de forte pressão da língua dominante;
4. Refletir sobre os principais desafios enfrentados pelos falantes de PLH e os fatores que influenciam a sua motivação e identidade linguística;

5. Contribuir com recomendações práticas para instituições educativas e culturais interessadas na valorização do PLH.

Para dar resposta a estes objetivos, a metodologia adotada baseia-se na realização de entrevistas semiestruturadas com falantes de PLH. Esta abordagem qualitativa permite aceder a narrativas pessoais e aprofundar a compreensão das experiências, perceções e estratégias associadas à aprendizagem e manutenção do português no seio das comunidades emigrantes. Através dos testemunhos recolhidos, é possível explorar as práticas familiares, os vínculos afetivos e identitários com a língua, bem como os desafios enfrentados em contextos de bilinguismo. O foco nas trajetórias individuais permite ainda identificar tendências comuns e contrastes significativos entre diferentes contextos geográficos.

Ao articular os níveis pessoal, familiar e comunitário, esta dissertação pretende contribuir para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas linguísticas e identitárias dos lusodescendentes, bem como do lugar que o português ocupa nas suas vivências e pertenças culturais.

Antes de apresentar os resultados da investigação, torna-se necessário enquadrar teoricamente os conceitos-chave que sustentam este estudo. A secção seguinte explora, por isso, as principais abordagens sobre a Língua de Herança, o papel da família e das comunidades na sua manutenção, bem como os desafios específicos enfrentados pelos falantes de PLH em contextos de migração. Esta revisão da literatura permitirá estabelecer um quadro de referência que servirá de base para a análise dos dados recolhidos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Conceito de Língua de Herança e enquadramento inicial

O termo *Língua de Herança* (LH) surgiu nos Estados Unidos no âmbito da investigação científica dedicada à revitalização de línguas minoritárias — nomeadamente línguas indígenas, coloniais ou de imigração — que se encontravam em declínio perante a hegemonia do inglês (Valdés, 2001; Fishman, 2014). A LH é, em geral, a primeira língua aprendida por uma criança no seio familiar, antes da entrada na escola, sendo progressivamente substituída ou enfraquecida pela língua dominante do país de acolhimento (Polinsky & Kagan, 2007:6).

2.2. Transmissão e socialização linguística: família e comunidade

Esta língua não constitui apenas um meio de comunicação, mas também um vínculo identitário, cultural e afetivo. Como refere Carreira (2004:2), os falantes de LH podem ser classificados de acordo com o seu grau de pertença à comunidade linguística, o nível de proficiência e o envolvimento afetivo com a língua e cultura de origem. Estas categorias distinguem os falantes fluentes integrados na comunidade, os que procuram reconectar-se com as suas raízes e aqueles que compreendem a língua, mas têm pouca ou nenhuma capacidade de produção oral. Este processo de aquisição e manutenção da LH está intimamente ligado ao papel da família, que constitui o primeiro e mais relevante espaço de socialização linguística. A transmissão intergeracional da língua está intimamente ligada à valorização que os pais ou cuidadores atribuem à LH. Segundo Faneca (2016:3),

as famílias migrantes têm tido um papel central na definição de políticas educativas informais e comunitárias, frequentemente sustentadas por motivações identitárias. Flores e Melo-Pfeifer (2014:35) defendem também que uma exposição diversificada e significativa ao *input* linguístico em contexto doméstico — como viver com os avós ou realizar viagens ao país de origem — é condição essencial para o desenvolvimento de uma competência bilingue eficaz.

Contudo, o processo não é isento de dificuldades. Muitos pais, pressionados por exigências académicas ou por objetivos de integração social, optam frequentemente pela utilização da língua dominante, diminuindo o contacto com a LH (Duarte, 2012:13). Esta *micropolítica linguística* no seio da família contribui para a progressiva erosão da LH e pode ter impactos negativos na autoestima linguística das crianças.

Complementando o papel da família, as comunidades também desempenham um papel fundamental na transmissão do português como LH. As associações escolares e culturais criadas pelas comunidades emigrantes constituem espaços de aprendizagem que muitas vezes substituem ou complementam o ensino formal. Faneca (2013:44) argumenta que estas instituições proporcionam contextos de retenção linguística e de inserção cultural, funcionando como âncoras identitárias e sociais.

Contudo, a participação das famílias nestas estruturas nem sempre é garantida. Sousa (2014:46,97) relata uma baixa taxa de inscrições em cursos de português em França, frequentemente explicada por desinformação ou pela perceção de irrelevância da língua portuguesa no percurso escolar formal. Esta realidade revela

a necessidade de reforçar políticas públicas e medidas de sensibilização junto das comunidades emigrantes.

2.3. Perfis bilingues, identidade e investimento na LH

A complexidade da aprendizagem e uso da LH é ainda ampliada pela convivência diária com mais do que uma língua, o que pode dar origem a diversos perfis de bilinguismo. Muitos falantes de LH apresentam um bilinguismo assimétrico, em que a língua dominante (geralmente a do país de acolhimento) se sobrepõe à LH, sobretudo em contextos formais (Polinsky, 2015:7-10). Noutros casos, observa-se o denominado *bilinguismo passivo*, em que o falante compreende a LH, mas revela grandes dificuldades na sua produção.

A situação é particularmente pertinente entre os lusodescendentes, que vivem entre duas (ou mais) línguas e culturas. Marques (2022:6) destaca que a vivência em ambientes plurilingues conduz à construção de identidades linguísticas híbridas e ao uso funcional e seletivo das línguas disponíveis. Estes jovens tendem a desenvolver uma competência plurilingue flexível, que lhes permite atuar em diversos contextos sociolinguísticos e comunicativos.

A relação entre língua e identidade é, de facto, uma das dimensões mais relevantes no estudo das línguas de herança. A identidade linguística dos falantes de LH é uma construção complexa e em constante transformação. Investigadores como Kagan (2012:4-6), Val & Vinogradova (2010:3-4) e Faneca (2016:13), entre outros, demonstram que os aprendentes de LH frequentemente se consideram entre dois mundos, o que gera sentimentos ambivalentes de pertença, mas também

abre possibilidades para a construção de uma identidade multicultural enriquecida. A LH constitui, neste contexto, tanto uma herança simbólica como um marcador de diferenciação social. Kagan (2012:4-6) observa que os alunos de LH se sentem alienados quando as suas variantes linguísticas não são reconhecidas ou valorizadas pelas instituições escolares, o que pode comprometer o seu investimento educativo. Inversamente, quando a LH é valorizada tanto no currículo como na sociedade, a motivação dos estudantes aumenta, bem como a ligação à sua identidade. Val & Vinogradova (2010:3-4) reforçam que a identidade linguística é moldada pelo discurso social, pelas ideologias linguísticas e pelos contextos de uso. O posicionamento subjetivo dos falantes — ou seja, a forma como se percebem a si próprios e como são encarados pelos outros — influencia diretamente a sua relação com a LH e o investimento emocional e linguístico que nela colocam.

2.4. Erosão linguística, ensino do PLH e novas práticas digitais

Neste contexto, torna-se inevitável abordar o fenómeno da erosão linguística, frequentemente associado à perda parcial ou total da LH. Esta perda ocorre quando o *input* linguístico se torna irregular ou insuficiente. O estudo longitudinal de Flores (2013:9-13), centrado numa criança luso-alemã, mostra que os sinais de erosão podem surgir poucos meses após a redução no uso da língua. A perda manifesta-se inicialmente ao nível da morfossintaxe, do léxico e da fluência, afetando estruturas mais complexas ou adquiridas tardiamente. Este processo não é linear nem uniforme. Algumas propriedades linguísticas — como a ordem das palavras ou a marcação de caso — são mais resistentes do que outras. Além disso, fatores

afetivos, como a motivação individual e a valorização social da língua, podem acelerar ou retardar a erosão linguística.

Os estudos dedicados à aprendizagem do Português como Língua de Herança (PLH) têm vindo a destacar, com cada vez maior intensidade, a enorme diversidade de perfis dos seus falantes, bem como a complexidade dos contextos sociolinguísticos em que essa aprendizagem decorre. Esta pluralidade manifesta-se, por exemplo, na variedade de experiências de contacto com a língua portuguesa — desde crianças que ouviram o português, mas o usam pouco, até jovens adultos que apenas começaram a aprender a língua por iniciativa pessoal ou incentivo familiar. Neste sentido, Duarte (2012:21-49) sublinha a necessidade de construir abordagens pedagógicas mais flexíveis e inclusivas, capazes de dar resposta a esta diversidade. Para a autora, é fundamental que os currículos e métodos de ensino não se baseiem em modelos de língua materna nem em paradigmas tradicionais de ensino de línguas estrangeiras, mas que tenham em consideração os contextos reais de uso da língua e as histórias linguísticas individuais dos aprendentes. Defende, por isso, uma prática pedagógica centrada nas necessidades e motivações dos alunos, com atenção tanto à dimensão linguística como à identitária do PLH.

Esta perspetiva é corroborada por Vaz Warrot (2022), que explora a realidade do ensino do PLH em contexto universitário e defende que a heterogeneidade das turmas deve ser encarada como um recurso pedagógico. A autora argumenta que os estudantes de PLH podem beneficiar e beneficiar os seus colegas de Português Língua Estrangeira (PLE), através da partilha de experiências culturais e

conhecimentos linguísticos adquiridos em contexto familiar e comunitário. Esta visão implica um olhar mais atento sobre as práticas de avaliação, que devem ser ajustadas à diversidade de percursos de aprendizagem dos alunos e sobre o papel do professor como mediador de diferentes repertórios linguísticos e culturais.

Por sua vez, Faneca (2013:4-6) centra-se nas experiências dos lusodescendentes em França, com particular incidência no papel das associações como espaços alternativos de ensino e socialização em português. O estudo revela que, apesar das limitações estruturais e da escassez de recursos, estas associações desempenham um papel fundamental na continuidade do contacto com a língua e com a cultura portuguesas. Os contextos associativos são muitas vezes espaços onde os jovens podem desenvolver a sua competência em PLH de forma significativa, especialmente quando o uso do português no seio familiar é limitado ou pouco consistente. Os dados indicam ainda que a motivação dos alunos está fortemente ligada a fatores afetivos e identitários, nomeadamente ao desejo de comunicar com familiares mais velhos, de visitar Portugal com mais autonomia ou de afirmar uma identidade lusodescendente perante o grupo de pares.

No que respeita às influências externas que moldam o uso e a valorização do PLH, vários estudos identificam dimensões culturais, sociais e políticas que condicionam a aprendizagem e o uso da língua. Faneca (2013:5) denuncia a falta de articulação entre as instituições públicas e os contextos associativos, bem como o desinteresse por parte das políticas educativas nacionais relativamente às línguas de herança, o que compromete a eficácia e continuidade dos projetos existentes. Esta crítica é reiterada por Sousa (2014:97), que analisa o ensino do português em

França e conclui que as famílias portuguesas se veem frequentemente obrigadas a procurar soluções alternativas — como o ensino em associações — devido à escassez de ofertas no sistema oficial de ensino. Estas soluções, contudo, nem sempre estão dotadas dos meios e do reconhecimento necessários para responderem adequadamente às expectativas da comunidade.

O papel da cultura e das representações sociais é também amplamente discutido por Marques (2022:4-6), que analisa os discursos produzidos nas redes sociais em torno da imagem dos emigrantes portugueses, a partir do filme "A Gaiola Dourada". A autora mostra como os lusodescendentes lidam com estereótipos herdados da geração dos pais e procuram construir uma imagem própria, mais alinhada com os seus percursos pessoais e com a sociedade de acolhimento. Esta negociação identitária afeta diretamente a relação com a língua portuguesa, que pode ser simultaneamente vista como um legado afetivo e como um marcador de diferença social, nem sempre bem aceite nos contextos escolares ou profissionais.

Neste contexto, Oliveira (2022:10) apresenta um estudo com falantes de PLH nos Estados Unidos e no Canadá, onde analisa as imagens que os participantes têm da língua e da cultura portuguesas. Os resultados mostram que muitos identificam o português como uma língua bonita, mas difícil, associando o seu valor sobretudo à comunicação com a família e à expressão de sentimentos pessoais. Esta relação afetiva é um traço comum em várias investigações sobre línguas de herança, que apontam para a importância de promover práticas pedagógicas que valorizem não só a competência linguística formal, mas também as motivações emocionais e culturais dos aprendentes.

Por fim, importa reconhecer o impacto crescente dos media e dos conteúdos digitais na aprendizagem informal do PLH. Duarte (2012:66) aponta que os jovens aprendentes recorrem frequentemente a plataformas online — como YouTube, redes sociais ou aplicações de mensagens — para manter contacto com a língua e com conteúdos culturais portugueses, o que representa uma oportunidade valiosa de reforço da exposição à língua em ambientes informais. Oliveira (2022:10) confirma esta tendência, sublinhando que os media digitais são uma ponte entre os falantes e a sua herança cultural, permitindo o acesso a música, informação, literatura e interações autênticas com outros falantes. Este tipo de aprendizagem, não estruturada, mas altamente relevante, complementa as práticas formais e oferece novas possibilidades de desenvolvimento linguístico, especialmente para quem não tem acesso a cursos presenciais ou ensino estruturado da LH. A crescente valorização da aprendizagem autónoma e das práticas digitais evidencia a necessidade de incluir a literacia digital nas estratégias de ensino do PLH. Para além disso, os estudos analisados reforçam a ideia de que a promoção do PLH deve ser feita de forma contextualizada, sensível às trajetórias pessoais e comunitárias dos falantes, e ancorada num diálogo constante entre os saberes escolares e os saberes familiares e comunitários.

Em suma, a literatura aponta para uma abordagem holística e sensível à diversidade, que reconheça a complexidade dos percursos de aprendizagem e das identidades em jogo. O PLH não é apenas uma língua a ser "ensinada", mas uma prática cultural, social e emocional profundamente enraizada nas histórias de vida dos seus falantes. Para que esta realidade seja valorizada, torna-se imprescindível que o sistema educativo, as políticas linguísticas e os projetos comunitários

dialoguem entre si e promovam ambientes inclusivos e plurais, onde todos os repertórios linguísticos sejam reconhecidos e respeitados.

Com base nas reflexões apresentadas, torna-se evidente a necessidade de compreender as vivências dos falantes de PLH a partir das suas próprias perspectivas. A complexidade dos fatores envolvidos na aprendizagem e manutenção da língua de herança justifica a adoção de uma abordagem metodológica qualitativa, centrada nas experiências individuais e nas dinâmicas familiares e comunitárias. A secção seguinte descreve o percurso metodológico seguido nesta investigação, incluindo os critérios de seleção dos participantes, os procedimentos de recolha e análise dos dados, bem como as limitações do estudo.

3. METODOLOGIA

3.1 Abordagem

Para a presente dissertação, a opção por uma abordagem qualitativa, concretizada através da realização de entrevistas semiestruturadas, revela-se metodologicamente pertinente. Esta escolha justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que privilegia a compreensão aprofundada das experiências linguísticas e identitárias de falantes de PLH, em contextos marcados pela diversidade cultural e pelo plurilinguismo. Conforme defendem Castro e Oliveira (2022:15), a investigação qualitativa permite aceder a dados densos e descritivos, que ajudam a compreender os significados que os participantes atribuem às suas vivências.

A metodologia qualitativa visa interpretar fenômenos sociais e humanos, a partir da perspectiva dos participantes e valorizando os sentidos que atribuem à sua realidade. As entrevistas semiestruturadas, enquanto técnica central neste tipo de abordagem, permitem orientar a conversa através de um guião flexível, dando simultaneamente espaço para que os entrevistados explorem livremente os tópicos mais significativos das suas experiências (Guazi, 2021:7). Esta flexibilidade mostra-se particularmente adequada no estudo das línguas de herança, dada a variedade de percursos de contacto, aquisição e uso da língua.

A escolha desta metodologia encontra respaldo na revisão de literatura anteriormente apresentada, nomeadamente nos estudos de Faneca (2013), Oliveira (2022) e Marques (2022), que destacam o papel das narrativas pessoais na análise das trajetórias linguísticas dos lusodescendentes. A singularidade dos percursos de aquisição, da relação afetiva com a língua portuguesa e da vivência plurilingue justifica o recurso a instrumentos metodológicos capazes de captar a riqueza subjetiva das histórias individuais.

3.2 Entrevistas semiestruturadas

O nosso estudo propõe entrevistar nove participantes adultos, 2 residentes nos Estados Unidos, 4 em França e 3 no Reino Unido, com idades compreendidas entre os 35 e os 50 anos, todos falantes de PLH. Esta faixa etária é considerada estratégica, pois inclui indivíduos com maturidade reflexiva para reconstituir as suas experiências linguísticas desde a infância até à idade adulta, cruzando diferentes

contextos de socialização familiar, escolar e comunitária (Silvestre, Fialho & Saragoça, 2014:5).

A tabela seguinte apresenta a informação demográfica dos entrevistados, usando os nomes codificados.

Tabela 3.1 - Informação demográfica dos entrevistados

| | Cidade | Idade | Sexo | Entrevista em: | País residência atual |
|------------|---------------|--------------|-------------|-----------------------|------------------------------|
| PA1 | Paris | 41 | F | PT | PT |
| PA2 | Paris | 47 | F | PT | FR |
| PA3 | Paris | 46 | M | PT | FR |
| PA4 | Paris | 47 | F | PT | PT |
| LO1 | Londres | 36 | M | PT | UK |
| LO2 | Londres | 36 | F | ING | PT |
| LO3 | Londres | 48 | F | PT | PT |
| NJ1 | Nova Jersey | 35 | M | PT | EUA |
| NJ2 | Nova Jersey | 36 | F | PT | EUA |

A recolha de dados foi realizada através de entrevistas por videoconferência, assegurando não só a acessibilidade dos participantes geograficamente dispersos, como também condições logísticas favoráveis à participação. Esta opção responde a práticas consolidadas na investigação qualitativa em contextos transnacionais.

Após a realização das entrevistas, procedeu-se à transcrição integral dos dados e à sua análise segundo os princípios da análise temática. Esta abordagem permitiu identificar padrões discursivos, categorias emergentes e significados atribuídos à aprendizagem do PLH, em articulação com os estudos sobre línguas de herança (Faleiros & Ferreira, 2021:10).

Para garantir a consistência na recolha dos dados e permitir a comparabilidade entre os testemunhos, foi elaborado um guião de entrevista semiestruturada, composto por seis blocos temáticos que abrangem aspetos centrais da aprendizagem e manutenção do português como língua de herança. O guião utilizado nas entrevistas semiestruturadas encontra-se apresentado na tabela seguinte, organizado por blocos temáticos que visam explorar de forma aprofundada as dimensões familiares, comunitárias e identitárias associadas à aprendizagem e manutenção do português como língua de herança.

Tabela 3.2 - Guião para Entrevistas Semiestruturadas

| Bloco Temático | Perguntas Orientadoras |
|------------------------|--|
| Informação Demográfica | <ul style="list-style-type: none"> - Sexo: M ___ / F ___ - Idade: - Área geográfica: - Em que língua foi conduzida a entrevista? Motivo: |

| | |
|------------------------------------|--|
| <p>1. Introdução</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Podes contar-me um pouco sobre ti? (Idade, local de nascimento, profissão/ocupação, contexto familiar, origem geográfica da família em Portugal). - Aprendeste a língua portuguesa? - Como foi o teu primeiro contacto com a língua portuguesa e como a aprendeste? - Quem ou o quê teve maior influência no teu percurso de aprendizagem do português? |
| <p>2. Contexto Familiar</p> | <ul style="list-style-type: none"> - De que forma a tua família utilizava ou utiliza o português no dia a dia? - Existiam hábitos familiares associados ao uso do português? (Ex.: televisão, conversas em casa, leitura, tradições culturais). - Alguma vez sentiste dificuldades ao comunicar com a tua família em português? Se sim, quais? - Havia hábitos ou incentivos específicos na tua família relativamente ao uso do português? |
| <p>3. Relação com a Comunidade</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Participaste ou participas em atividades relacionadas com a língua e cultura portuguesa? (Ex.: associações, cursos de língua, eventos culturais). - O teu envolvimento nestas atividades influenciou de alguma forma o teu |

| | |
|---|---|
| | <p>contacto com o português? Se sim, como?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como avalias a presença e o uso do português na comunidade portuguesa do teu país? - Conheces outras famílias ou indivíduos na tua comunidade que incentivam ou desencorajam o uso do português? |
| <p>4. Perceções sobre o Português Língua de Herança</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Como avalias o teu percurso com a língua portuguesa? - Em que situações utilizas o português atualmente? (Ex.: casa, trabalho, estudos, vida social). - Notaste vantagens ou desvantagens associadas ao conhecimento do português? Se sim, quais? - Há algo que terias feito de forma diferente no teu percurso de aprendizagem ou uso do português? |
| <p>5. Desafios e Estratégias</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Quais foram os principais desafios que encontraste ao longo do teu percurso com a língua portuguesa? (Ex.: influência de outra língua, acesso a recursos, aceitação social). - O que, na tua experiência, ajudou a ultrapassar esses desafios? - Há algo que gostarias de partilhar sobre o que pode facilitar ou dificultar o contacto com o português? |

| | |
|-------------------|---|
| 6. Reflexão Final | <ul style="list-style-type: none"> - Como avalias a tua relação com o português hoje? - Há algum episódio marcante (positivo ou negativo) relacionado com a língua portuguesa? - Há algo mais que gostarias de acrescentar ou alguma experiência que consideras relevante para esta investigação? - Como vês a transmissão do português para as próximas gerações? O que pensas sobre isso? |
|-------------------|---|

As entrevistas foram integralmente transcritas e encontram-se disponíveis nos anexos. A transcrição seguiu uma abordagem verbatim, respeitando as marcas de oralidade e sem correção dos enunciados produzidos. Os erros linguísticos foram mantidos, sendo assinalados com [sic] apenas quando necessário para a compreensão do texto. Para facilitar a leitura e a análise, foram utilizadas convenções simples para indicar pausas, hesitações e elementos não verbais, conforme a tabela seguinte.

Tabela 3.3 - Tabela de convenções de transcrição das entrevistas

| Símbolo / Convenção | Descrição | Exemplo |
|----------------------------|---|--|
| PA1, LO1, NJ1... | Identificação codificada dos/as participantes (garante anonimato) | PA1: Grandes desafios não me lembro |

| | | |
|----------|--|---|
| [sic] | Assinala erro linguístico tal como produzido, sem correção | integrir [sic] a cultura portuguesa |
| ... | Pausa curta no discurso | é complicado poder... Eu vejo |
| | Pausa longa | pronto... .. é o que eu sinto |
| eh / hum | Hesitação ou marca de oralidade | <i>Eh... eu acho que sim.</i> |
| — | Reformulação ou autocorreção | <i>Eu falava — quer dizer, ainda falo português.</i> |
| [risos] | Riso do/a participante | Está sempre a criticar a equipa de França, mas prontos... [risos] |
| [pausa] | Pausa significativa (quando relevante) | começou a falar em português no avião com os... [pausa] |

3.3. Análise dos dados

A análise das entrevistas foi orientada pelos princípios da análise temática, com base numa grelha previamente construída e inspirada nos objetivos do estudo, nas categorias emergentes dos dados e na literatura sobre línguas de herança. Esta grelha visou sistematizar a interpretação do corpus recolhido, assegurando simultaneamente rigor, coerência interna e fidelidade ao discurso dos participantes. O processo de análise foi realizado manualmente, através de uma leitura atenta e reiterada das transcrições, permitindo uma imersão nos dados e a identificação de temas recorrentes e padrões de significado. Esta abordagem interpretativa possibilitou o diálogo entre os dados empíricos e os eixos teóricos previamente estabelecidos, sem perder de vista a especificidade e a subjetividade das narrativas individuais.

Tabela 3.4 - Grelha de análise temática

| Categoria | Subcategoria | Código Exemplares | Citação do participante (exemplo) |
|--------------------------|------------------------------------|---|--|
| Contexto Familiar | Uso da língua em casa | Português como língua principal; misto com língua dominante | |
| Contexto Familiar | Incentivo à manutenção do PLH | Apoio dos pais; leitura de livros; visitas a Portugal | |
| Contexto Familiar | Barreiras e conflitos linguísticos | Dificuldade de comunicação; rejeição do português | |
| Relação com a Comunidade | Participação em eventos/comunidade | Associações culturais; aulas de português; festas | |
| Relação com a Comunidade | Impacto da comunidade | Redes de apoio; sentimento de pertença | |
| Relação com a Comunidade | Aceitação social | Falta de mobilização; ausência de recursos | |

| | | | |
|------------------------|----------------------------|---|--|
| Identidade linguística | Sentimento de pertença | Identidade portuguesa; ligação à cultura | |
| Identidade linguística | Autoestima linguística | Orgulho ou vergonha; comparação com outros | |
| Identidade linguística | Mudança ao longo do tempo | Revalorização da língua na vida adulta | |
| Estratégias e Desafios | Obstáculos na aprendizagem | Influência da língua dominante; falta de recursos | |
| Estratégias e Desafios | Estratégias de manutenção | Aulas; media; viagens a Portugal | |
| Estratégias e Desafios | Micropolíticas familiares | Decisões conscientes sobre uso da língua | |

A grelha de análise adotada organizou-se em quatro grandes categorias: (1) contexto familiar, (2) contexto comunitário, (3) perceções e atitudes face ao português, e (4) desafios e estratégias de manutenção da língua. Cada uma destas categorias foi desdobrada em subcategorias que refletiram os temas mais significativos nas entrevistas. Por exemplo, dentro do contexto familiar, exploraram-se aspetos como a língua usada em casa, os hábitos linguísticos intergeracionais,

a influência dos pais e avós, e a presença de práticas formais ou informais de ensino. No domínio comunitário, consideraram-se experiências de socialização linguística em associações, escolas comunitárias, eventos culturais ou grupos informais, assim como a visão dos participantes sobre o papel da comunidade na manutenção do PLH.

A categoria relativa à representação e atitudes incluiu elementos como a valorização do português, a relação afetiva com a língua, a percepção da utilidade e identidade linguística associada à LH, bem como eventuais sentimentos de perda, insegurança ou orgulho. Já no eixo dos desafios e estratégias, procurou-se compreender os obstáculos identificados pelos participantes – como a interferência da língua dominante, a ausência de recursos ou o desinteresse familiar – e as soluções adotadas ao longo do tempo, incluindo a procura ativa de contextos de uso, a inscrição em cursos ou a promoção do português nas gerações seguintes.

Os dados foram codificados com base nessa estrutura categorial, sendo atribuídos códigos temáticos a cada unidade de significado relevante identificada nos discursos. A codificação foi de natureza aberta e indutiva, mas articulada com os referenciais teóricos já discutidos na revisão da literatura, o que permitiu um equilíbrio entre a análise exploratória e os objetivos previamente definidos. Após a codificação inicial, foi realizada uma triangulação interna entre os dados das diferentes entrevistas, procurando convergências, divergências e especificidades contextuais. Este procedimento possibilitou a construção de quadros comparativos que evidenciaram padrões transversais às narrativas, mas também destacou

particularidades ligadas ao país de residência, à história migratória da família ou ao grau de contacto com redes comunitárias.

A grelha de análise revelou-se um instrumento fundamental não apenas para organizar a informação recolhida, mas sobretudo para aprofundar a compreensão dos fatores que influenciam a aprendizagem e a manutenção do português como língua de herança. Permitindo uma análise sistemática e estruturada, sem esvaziar a riqueza subjetiva dos testemunhos, a grelha funcionou como um mediador entre os dados empíricos e a construção do conhecimento interpretativo. A partir desta análise temática foi então possível construir a secção de resultados, que reflete a pluralidade de percursos, a diversidade de experiências linguísticas e os significados atribuídos à língua de herança por cada um dos participantes.

Concluída a descrição do percurso metodológico, segue-se a apresentação dos resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas.

4. RESULTADOS

4.1. Contexto Familiar

4.1.1 Uso da língua em casa

A presença do português no espaço doméstico apresenta padrões distintos entre os participantes, oscilando entre contextos em que o português funcionava como

língua principal de socialização familiar e contextos em que surgia de forma residual, sobretudo associado a contactos com familiares ou a momentos específicos. No conjunto das entrevistas, observa-se que a distribuição linguística no lar está fortemente relacionada com (i) a configuração familiar (por exemplo, famílias biculturais vs. famílias de primeira geração com baixa proficiência na língua dominante), (ii) as escolhas linguísticas parentais e (iii) o peso da escola e da língua maioritária na resposta das crianças.

Nos casos de Paris, o português surge, de modo geral, como língua fortemente presente no input parental, mas nem sempre como língua de resposta dos filhos. Em PA1, o português é descrito como a língua habitual dos pais e como veículo afetivo, o que reforça a ideia de português como língua de pertença familiar (“os meus pais comunicavam comigo em português (...) para eles é a língua normal, a língua do coração”). Ao mesmo tempo, a entrevistada explicita uma dinâmica bilingue assimétrica: os pais mantinham o português, enquanto ela alternava entre línguas e tendia a responder em francês, por maior conforto lexical (“da parte deles era o português, da minha era as duas (...) a maior parte das vezes tenho ideia de responder em francês (...) sentia muito mais à vontade para usar o vocabulário (...) não tinha assim tanto vocabulário como em francês”). Em PA2, aparece um percurso semelhante: o lar começa com forte presença do português, mas a entrada na escola acelera a mistura e desloca progressivamente a resposta para o francês (“em nossa casa falava-se português (...) ela falava-me em português e eu respondia em francês”). Em PA3, o padrão português (pais) / francês (filhos) torna-se ainda mais explícito, com um contraste marcado entre as trajetórias sociolinguísticas do pai e da mãe. O pai mantinha o português de forma

praticamente exclusiva em casa, enquanto a mãe, por inserção profissional em contextos francófonos, foi integrando o francês no quotidiano (“o meu pai só falava português em casa (...) a minha mãe (...) começava a integrar o francês no dia a dia (...) a maior parte [do tempo, sic] eles falavam português, a gente respondia em francês”).

Já em PA4, o português é apresentado como língua do lar (em especial por os pais serem imigrantes recentes), sendo complementado pelas visitas a Portugal e pelo contacto com familiares. Fora de casa, com pares e amigos, o francês domina (“falávamos português em casa (...) com os meus avós, os meus tios, falávamos português (...) com os meus amigos em França (...) falávamos francês”).

No conjunto das entrevistas de Paris, repete-se assim uma micropolítica familiar recorrente: pais que preservam o português como língua de casa e crianças/jovens que, apesar de compreenderem e usarem português em certos momentos, respondem frequentemente em francês, sobretudo após a escolarização na língua dominante.

Em Londres, o padrão é mais heterogêneo. Em LO1, a configuração bicultural (pai português e mãe inglesa) e a rede familiar maioritariamente anglófona contribuem para um uso mínimo do português no quotidiano doméstico. O português surge sobretudo como língua ouvida (por exemplo, em chamadas) e ligada ao lado paterno da família, com evidência de resposta em inglês mesmo quando o interlocutor usa português (“eu ouvi o meu pai no telefone (...) com a minha avó, ela não falava inglês, então falou em português comigo e eu respondi em inglês”).

Este perfil contrasta com LO2, em que o português aparece como língua exclusiva do espaço doméstico, associado à limitação da competência da mãe em inglês (o que cria necessidade comunicativa e mantém o português como língua natural de casa).

Em LO3, observa-se um cenário intermédio: a entrevistada descreve forte presença do português na família alargada, mas uma prática quotidiana com predominância do inglês, incluindo alternância com os pais e com primos. A própria reconhece a redução do português nas gerações mais novas (“maioritariamente a família toda falava entre eles em português (...) hoje em dia (...) é quase tudo em inglês, pouco pouco se fala português (...) com os meus pais (...) falávamos em português, mas era pouco”).

Assim, no contexto londrino, a manutenção do português em casa parece depender mais diretamente de condições estruturais (quem domina o inglês dentro do agregado e qual língua é necessária para comunicar) do que de uma continuidade automática da transmissão.

No caso de Nova Jersey, surgem dois perfis contrastivos. Em NJ1, apesar de um ambiente familiar bilingue, o inglês é descrito como língua predominante com os filhos, enquanto o português é usado sobretudo entre os pais. O entrevistado explicita essa separação de funções no espaço doméstico (“os meus pais falavam português entre eles (...) mas connosco era sempre inglês”).

Em NJ2, pelo contrário, a manutenção do português no lar é justificada por um fator de necessidade comunicativa: o pai não fala (ou fala muito pouco) inglês, o que fixa o português como língua familiar. Ainda assim, a entrevistada distingue

claramente entre um português doméstico suficiente para rotinas quotidianas e um português insuficiente para exigências académicas (“falava-se português em casa (...) era um português básico e eu (...) estava muito atrás das outras pessoas”).

Os dados deste subcapítulo convergem com descrições como as de De Houwer (2007) sobre padrões familiares bilingues: o grau de exposição à língua de herança está diretamente ligado à intencionalidade parental e à estrutura linguística do ambiente, sendo que a prática sistemática da língua de herança em casa é um dos fatores mais determinantes para a sua manutenção, especialmente quando a comunidade de apoio externa é frágil ou inexistente.. Assim, quando há prática consistente do português no lar e necessidade comunicativa real, a língua de herança tende a permanecer mais presente; quando a língua dominante assume cedo o papel de língua de escolarização e socialização (e, sobretudo, quando os próprios pais passam a acomodar-se a ela), torna-se frequente a assimetria português no input parental / língua dominante na resposta dos filhos.

4.1.2 Incentivo para o uso da língua portuguesa

O incentivo (ou a ausência dele) por parte dos pais para a aprendizagem e uso do português enquanto língua de herança (PLH) apresenta-se, no corpus das entrevistas, como um contínuo que vai desde estratégias familiares explícitas e consistentes até uma postura de não intervenção (ou mesmo de priorização clara da língua dominante).

No grupo de Paris, surge um padrão de incentivo explícito e estruturado de forma particularmente clara em PA1, PA3 e PA4. Em PA1, o português é descrito como língua afetiva e “língua de casa”, e o incentivo parental inclui, além do uso doméstico, o acesso a recursos mediáticos, quando a entrevistada refere que, “assim que começaram a aparecer os canais por cabo”, existiam hábitos familiares associados ao uso do português. Já em PA3 e PA4, o incentivo familiar aparece associado essencialmente a um percurso mais contínuo de escolarização formal aliado a uma exposição constante à língua portuguesa em casa e viagens a Portugal.

Em Londres, LO2 e LO3 também se inserem neste perfil de incentivo, embora com trajetos distintos. Em LO2, o português é sustentado pela necessidade comunicativa (baixa competência da mãe em inglês) e por recursos externos, como “televisão portuguesa por cabo” e a “escola portuguesa” (mencionada como parte do percurso). Em LO3, há igualmente inscrição na escola portuguesa, ainda que o acesso aos meios de comunicação social em português nem sempre estivesse disponível (“não tínhamos... televisão portuguesa”), evidenciando um incentivo mais centrado na escolarização comunitária do que no consumo mediático.

Nos EUA, NJ2 descreve um cenário em que o português em casa se mantém, em grande medida, pela limitação do pai em inglês (“falava-se português em casa”), mas com reconhecimento de que esse português era “básico”, insuficiente para exigências académicas. O incentivo familiar é reforçado por uma estrutura comunitária concreta: clubes sociais com “uma escola portuguesa... 2 dias à [sic]

semana... Português e História”, que funcionam como extensão do esforço familiar e comunitário.

PA2 e NJ1 aproximam-se de um padrão de incentivo mais indireto e irregular: existe contacto com a língua e a cultura, mas sem uma estratégia doméstica sistemática e consistente ao longo do tempo. No caso de PA2, a inscrição em aulas na infância surge como marcador importante de incentivo, mas o relato sugere que esse incentivo não se traduz necessariamente em práticas familiares contínuas (por exemplo, leitura regular ou rotinas sustentadas em casa). Em NJ1, o participante refere que “nunca fui à escola, nunca fiz aulas”, apesar de existir uma escola portuguesa na cidade, o que aponta para ausência de investimento parental nessa via formal. Ainda assim, houve algum contacto mediático e comunitário: “RTP Internacional”, deslocações frequentes a espaços portugueses (supermercado, jornal comunitário) e participação em rancho, descrita como “uma outra oportunidade [de] estar dentro de uma comunidade”. A própria explicação do entrevistado remete para a orientação parental pró-assimilação (“estamos nos Estados Unidos, temos de falar inglês”), o que ajuda a compreender por que motivo o incentivo ao PLH ficou limitado a exposições pontuais e não estruturadas.

O caso mais claro de não incentivo parental surge em LO1, situação em que apenas o pai era português. A língua portuguesa surge associada ao pai e a contactos familiares, mas sem estratégia de transmissão dirigida aos filhos: o pai usa português “sobretudo em conversas telefónicas” e, mesmo em contextos intergeracionais, o entrevistado relata que respondia em inglês à avó (que não falava inglês), evidenciando um desalinhamento comunicativo persistente na

infância. Este perfil contrasta com os anteriores por mostrar que a simples presença da língua na família (por exemplo, em chamadas telefônicas) não equivale a incentivo efetivo à aquisição, sobretudo quando não há práticas regulares de uso dirigido à criança.

Em síntese, os dados reforçam a ideia de que o incentivo parental funciona como mecanismo estruturante da socialização linguística: quando os pais criam rotinas, recursos e oportunidades (em casa e fora de casa), a relação com o português tende a ser mais consistente; quando o incentivo é irregular ou ausente, a língua surge frequentemente como repertório passivo, residual ou reconstruído apenas mais tarde por iniciativa individual. Esses resultados estão em linha com a perspectiva de Fishman (1991, pp. 78–80), que defende que a transmissão intergeracional depende sobretudo de práticas regulares no seio familiar; quando essas práticas são reforçadas por recursos e rotinas (aulas, media, redes comunitárias), tende a observar-se uma relação mais estável com a língua. Como afirma Schwartz (2010:177), quando os pais valorizam e promovem conscientemente o uso da língua de herança, as crianças desenvolvem uma maior ligação afetiva e identitária com a mesma.

4.1.3 Barreiras e conflitos linguísticos

As barreiras e conflitos linguísticos associados ao português língua de herança (PLH) emergem de forma diferenciada entre os participantes, oscilando entre dificuldades pontuais de natureza lexical/gramatical e experiências mais marcadas de bloqueio comunicativo, frustração ou desafios identitários ligados à pertença.

No grupo de Paris, PA1 e PA4 relatam percursos com pouca conflitualidade explícita, em grande medida associados a uma exposição consistente ao português e ao acesso a apoio familiar e escolar. Em PA1, a entrevistada refere não se recordar de “grandes desafios”, descrevendo antes situações pontuais de incompreensão lexical, resolvidas com recurso aos pais e ao dicionário: quando “não entender”, “perguntava aos meus pais” e, se necessário, “tinha que ir ao dicionário” (com a consciência de que “havia vocabulário que eu usava pouco ou não conhecia”). Já PA4 afirma não ter sentido dificuldades relevantes de comunicação com a família, atribuindo parte dessa segurança à frequência prolongada de aulas de português, que lhe permitiu articular oralidade e escrita.

Ainda em Paris, PA2 e PA3 revelam uma assimetria mais clara entre a língua dominante (francês) e o português, com impacto sobretudo na fluidez produtiva e no conforto comunicativo. A PA2 não descreve conflitos abertos, mas reconhece a luta com falhas lexicais (“Estou sempre à procura de palavras”), sugerindo uma competência funcional suficiente para a comunicação familiar, ainda que com menor automatismo. Em PA3, o entrevistado também associa a dificuldade de resposta em português a uma limitação vocabular (“O problema era não ter o vocabulário... não era fácil responder em português”), mesmo quando o input parental era em português, referindo ainda a presença de mistura linguística no discurso familiar (“os meus pais até falavam francês e português misturado”). Este cenário aponta para um português mais consolidado na compreensão e nos domínios familiares, mas menos estabilizado como língua produtiva em contextos de maior exigência.

No grupo de Londres, as barreiras são sobretudo visíveis em três planos: (i) desalinhamento intergeracional e baixa socialização em português (LO1); (ii) insegurança gramatical e pragmática (LO2); (iii) dificuldades específicas e desafios de integração em Portugal (LO3). O LO1, com um percurso de aprendizagem tardio e com pouco contacto sistemático com a língua na infância, descreve um padrão de comunicação intergeracional desalinhada: a avó “falou em português comigo e eu respondi em inglês”, reconhecendo que não sabe “se entendemos o que estávamos a dizer”. Ao nível afetivo, o entrevistado refere experiências ambivalentes: por um lado, a satisfação por compreender conversas familiares (“fiquei muito feliz porque eu pude entender tudo”), mas também episódios negativos associados à percepção externa do seu português, quando, apesar de considerar que disse “as palavras corretas... com o sotaque correto”, os interlocutores “não entenderam”, descrevendo isto como um “setback” para a confiança, especialmente de quem se sente menos seguro. Complementarmente, o LO1 explicita que a compreensão auditiva foi o maior desafio (“ouvir foi o desafio maior”), notando a diferença entre interações em sala de aula (com “paciência”) e a rua (“As pessoas na rua não têm!”), o que tende a amplificar a ansiedade comunicativa.

A entrevistada LO2 apresenta um perfil distinto: teve forte exposição doméstica ao português, mas fragilidades na dimensão formal e pragmática, reconhecendo que “de vez em quando a minha gramática ou certas pronúncias” denunciam o seu percurso e, de forma ilustrativa, que “não sei a diferença entre tu e você”. Este tipo de barreira aponta menos para rejeição da língua e mais para a ausência (ou insuficiência) de explicitação gramatical e de normas de uso em registos formais.

Já LO3 refere uma dificuldade localizada e marcante (a pronúncia do termo “frigorífico”), que se tornou uma memória de “maior problema” na aprendizagem (“Nunca consegui dizer bem frigorífico”). Apesar de minimizar barreiras no quotidiano londrino, descreve a mudança para Portugal como um momento mais complexo: “Quando vim para Portugal, sim, foi a integração, foi muito difícil”.

No grupo de Nova Jersey, as barreiras assumem contornos mais psicolinguísticos e socioculturais. O NJ1 descreve com clareza um padrão típico de compreensão superior à produção, acompanhado de bloqueio e autocensura: “eu fico muito na minha cabeça... eu fico tímido... eu não falei muito”, reduzindo a comunicação a fórmulas básicas (“ok, sim, sim, eu quero pão, pode ter água”). A isto soma-se uma percepção de pressão ideológica para a integração linguística, atribuindo aos pais uma mentalidade de “falar só em inglês e ser 100%, 110% americano”. Este resultado está em consonância com a literatura que aponta para a assimilação linguística como fenómeno comum em contextos migratórios com baixa densidade linguística (Faneca, 2013:41). A ausência de apoio comunitário e escolar agrava esta tendência, resultando num abandono progressivo do uso da língua de herança. Já a NJ2 distingue nitidamente entre língua e identidade: afirma não ter sentido obstáculos significativos “até tentar inserir-me em Portugal”, sublinhando que a dificuldade principal foi “ser portuguesa” mais do que “aprender o português”. Assim, enquanto o NJ1 evidencia um conflito mais diretamente ligado ao desempenho linguístico e à ansiedade comunicativa, a NJ2 coloca o foco na dimensão sociocultural e no sentimento de pertença.

Em síntese, os resultados mostram que as barreiras linguísticas não se distribuem de forma uniforme: onde existiu maior continuidade de exposição e apoio (por exemplo, PA1 e PA4), os obstáculos tendem a ser descritos como pontuais e geríveis; já nos percursos com menor socialização em português, com interrupções, ou com maior pressão do contexto dominante (como LO1 e NJ1), emergem mais frequentemente frustração, bloqueio e experiências de insegurança. Em paralelo, em perfis como LO2 e NJ2, as dificuldades manifestam-se sobretudo na interface entre língua, normas de uso e identidade, mais do que numa rejeição direta do PLH.

4.2. Relação com a Comunidade

4.2.1 Participação em eventos/comunidade

A participação em iniciativas comunitárias associadas à língua e cultura portuguesas revelou-se heterogénea entre os entrevistados, variando entre experiências regulares (escola portuguesa, eventos culturais e espaços religiosos) e contactos apenas pontuais ou praticamente inexistentes.

No contexto de Paris, observa-se uma tendência global para maior acesso a estruturas formais e/ou comunitárias em língua portuguesa, embora com intensidades diferentes. A PA4 descreve uma integração comunitária visível, referindo a existência de uma festa anual e de eventos recorrentes de convívio cultural: havia “uma festa anual... a festa dos portugueses”, bem como “bailaricos ao fim de semana” e festivais com “ranchos”. Ainda assim, a própria entrevistada sublinha que, apesar de frequentar esses espaços, “nunca participei em nenhuma

associação”, o que sugere uma participação mais como presença social do que como envolvimento institucional contínuo. No caso de PA2, é referida a ausência de participação regular em associações ou festas comunitárias; apenas práticas culturais pontuais (ex.: magusto, tradições de Natal). Similarmente, PA3 reporta contacto comunitário mais esporádico e mediado por iniciativas ligadas ao contexto profissional do pai, indicando que “faziam festa uma vez por ano com a rádio Alfa” e que ia “uma vez ou 2 por ano nessas festas”. Em contraste, PA1 evidencia um perfil mais estruturado de participação comunitária através da participação religiosa em português, que criou oportunidades regulares de uso e valorização da língua fora de casa.

Em Londres, o padrão é mais polarizado. Por um lado, LO2 descreve uma ligação forte à comunidade portuguesa local (incluindo espaços religiosos, eventos e redes sociais portuguesas), com contacto regular com práticas coletivas em português. LO3, embora relate pouca participação em “iniciativas” comunitárias formais fora do círculo familiar, destaca a existência de escola portuguesa associada a um enquadramento comunitário (ligado a uma escola católica), referindo ainda que “toda a família... andávamos todos na escola portuguesa, na Inglaterra”. Por outro lado, LO1 refere a falta total de participação em associações, aulas comunitárias ou festas portuguesas, o que indica ausência de rotinas comunitárias estáveis que sustentassem a socialização linguística.

Em Nova Jersey, os dois entrevistados confirmam a existência de uma comunidade portuguesa visível, mas com níveis diferentes de participação. O NJ1 não frequentou escola portuguesa, mas refere participação durante dois anos num

rancho folclórico e contacto com espaços comerciais portugueses (cafés/supermercados), o que configura uma inserção cultural parcial e relativamente pontual. Já a NJ2 descreve um contexto comunitário denso, com forte concentração de imigrantes e uma socialização marcada por espaços coletivos: relata ter crescido numa “bolha” comunitária, em que “ia à catequese” e “a minha turma eram portugueses”, e descreve também a presença de clubes sociais e eventos culturais, ainda que com críticas à oferta cultural por vezes limitada. Este caso sugere um ecossistema comunitário com alto potencial de reforço identitário e linguístico, ainda que nem sempre traduzido em práticas linguísticas mais formais ou diversificadas.

Em conjunto, estes dados apontam para a participação em eventos com a comunidade enquanto variável de reforço (ou fragilização) do português língua de herança: quando existem espaços regulares de participação (escola portuguesa, eventos, igreja, redes de socialização), surgem mais oportunidades de uso significativo e de legitimação simbólica da língua; quando esses espaços são inexistentes ou apenas ocasionais, o contacto tende a ficar dependente da família nuclear e das visitas a Portugal, com menor impacto na consolidação do português como repertório de uso social alargado. Esta leitura é coerente com abordagens que identificam o envolvimento em atividades culturais e a participação comunitária como mecanismo de socialização linguística e identitária (Duff, 2007:312; He, 2006:14), bem como com a perspetiva de que a exposição a contextos coletivos de uso contribui para reforçar competências linguísticas e sentimento de pertença a uma coletividade linguística específica (Guardado, 2008:175–177).

4.2.2 Impacto da comunidade

O impacto da comunidade de língua portuguesa variou significativamente entre os participantes, dependendo da densidade de redes sociais, da visibilidade pública da língua e da existência (ou não) de contextos regulares de socialização em português. De forma geral, observam-se dois padrões: (i) contextos em que a comunidade funciona como rede estruturante e legitimadora do português (reforçando competências, pertença e confiança), e (ii) contextos em que a comunidade é difusa ou pouco acessível, reduzindo o português a um traço identitário com baixo valor de uso quotidiano.

Os casos de Paris revelam validação externa e reforço simbólico, mesmo com dominância do francês. A comunidade tende a surgir como presença normalizada e como elemento de legitimação do português para além da esfera doméstica. A comunidade portuguesa em Paris é descrita pela PA1 como visível, ativa e respeitada: “ouvir falar português era normal, principalmente na geração dos pais”. A presença de lojas, canais televisivos, e práticas religiosas em português favoreceu o reforço da identidade e da língua, contribuindo para que a língua não fosse apenas um traço identitário privado, mas também um elemento reconhecido publicamente. Além disso, a PA1 revelou que existia um incentivo comunitário claro à aprendizagem do português como meio de comunicação essencial com a família, “porque os emigrantes voltavam todos os anos a Portugal. Se não soubéssemos falar português, não conseguiríamos comunicar com a família. Mesmo que não fosse perfeito, era importante saber manter uma conversa, perguntar aos avós ou primos como estavam, manter ligação com a família.” Para a PA2 e a PA4, a

comunidade teve impacto sobretudo através de estruturas complementares (aulas, redes de pares e eventos), que funcionaram como extensão do uso familiar e como espaço de contacto com registos mais formais. Já no caso da PA3, o impacto comunitário foi mais intermitente: a socialização escolar e juvenil ocorreu maioritariamente fora de redes portuguesas, pelo que a ligação comunitária se consolidou mais tarde (por via de novas redes sociais na idade adulta), evidenciando que a presença comunitária, por si só, não garante acesso efetivo a contextos de uso continuado.

Apesar destas diferenças internas, o conjunto dos casos de França sugere que uma comunidade visível e reconhecida tende a funcionar como fator de suporte identitário: mesmo quando o francês se afirma como língua dominante, a pertença luso-descendente é reforçada por práticas e espaços comunitários que tornam o português socialmente “relevante” e não apenas “doméstico”.

Nos casos do Reino Unido (LO1–LO3), os resultados oscilam entre o isolamento comunitário à socialização localizada. O LO1 descreve um contexto de baixa visibilidade cultural portuguesa no seu quotidiano, chegando a afirmar que “em Londres... não há muita cultura de Portugal”, reduzindo as referências a marcadores muito gerais (“exceto as camisas de Ronaldo”). Esta perceção é consistente com um percurso em que o português se manteve pouco apoiado por redes comunitárias locais, ficando sobretudo associado à família e a visitas a Portugal. Em contraste, LO2 e LO3 apresentam trajetórias mais próximas de uma comunidade enquanto rede de socialização: a presença de escola portuguesa complementar, igreja e círculos familiares alargados cria um ecossistema em que

o português é vivido como língua de pertença (ainda que frequentemente em coexistência com o inglês). No caso de LO3, a comunidade (em particular a escola complementar) emerge como espaço com impacto concreto no desenvolvimento de competências específicas, como a escrita, funcionando como fator diferenciador face a outros lusodescendentes sem acesso a esse recurso.

Nos casos dos Estados Unidos, verifica-se a existência de uma comunidade forte, mas com impactos linguísticos distintos. Os dois entrevistados de Nova Jersey reconhecem a existência de uma comunidade portuguesa com expressão local, mas o efeito no português é desigual. O NJ1 descreve Newark como uma área com uma “comunidade grande”, com comércio e espaços portugueses, mas relativiza a presença efetiva do português no espaço público (“sim, não muito, mas sim...”), sugerindo um contacto comunitário ocasional e nem sempre linguístico ou pedagogicamente produtivo. Embora mencione recursos como imprensa comunitária (“Luso Americano”), estes surgem mais como traços de presença cultural do que como instrumentos ativos de aprendizagem. Já a NJ2 enfatiza uma comunidade vivida como “bolha” social protetora na infância (com normalização da pertença étnica no bairro) e, sobretudo, como uma rede “unida”, em que “os portugueses ajudam-se uns aos outros”. Ao mesmo tempo, a entrevistada introduz uma dimensão crítica importante: a comunidade pode também transmitir uma imagem cultural estreita ou estereotipada (associada a eventos “pimba”), o que sugere que o impacto comunitário não depende apenas da existência de redes, mas também do tipo de capital cultural e linguístico que circula nesses espaços.

No conjunto, os resultados indicam que quando a comunidade é densa, acessível e organizada em torno de espaços regulares (aulas, igreja, redes de pares, eventos), tende a reforçar competências e pertença; quando é distante, dispersa ou pouco integrada no quotidiano da criança, o português fica mais vulnerável a um uso residual e a trajetórias de menor proficiência produtiva. Este contraste entre contextos de alta e baixa densidade comunitária reflete o que Spolsky (2009:110) designa como “ecologia linguística”: a presença ativa de uma comunidade pode sustentar a manutenção da língua, enquanto a sua ausência contribui para o enfraquecimento do PLH.

4.2.3 Aceitação social

A aceitação social do português e da identidade portuguesa aparece, nas entrevistas, como um fator que oscila entre orgulho e invisibilidade, e entre reconhecimento e pressão assimilacionista, variando de forma clara entre França, Reino Unido e EUA.

No contexto de Paris, como exemplo, a PA1 de Paris, após referir a facilidade de acesso a lojas e produtos portugueses, declara que “não havia vergonha de mostrar a identidade portuguesa”, visto que a comunidade portuguesa era respeitada devido à sua capacidade de trabalho. Esta perceção de maior aceitação social pode ser também entendida à luz das políticas nacionais relativas às línguas de herança (LH) em França. Embora o português não tenha tido a mesma valorização institucional que outras línguas como o espanhol ou o alemão, existiram mecanismos paralelos — como os programas ELCO (Ensino de Língua e Cultura

de Origem) e cursos promovidos por associações — que possibilitaram o contacto com uma variedade mais formal da língua (Deprez, 2003:4). Apesar da ausência de reconhecimento curricular, este tipo de iniciativas contribuiu para uma certa legitimação cultural e simbólica da língua, o que pode ter influenciado positivamente a perceção identitária da comunidade. Importa referir que PA3 introduz uma leitura crítica da evolução comunitária ao longo do tempo, ao assinalar que anteriormente “havia organizações que existiam para facilitar a chegada dos imigrantes e dos filhos”, mas que atualmente sente que isso já está a perder, apontando para uma diminuição da mobilização e das estruturas de apoio. Por sua vez, a PA4 relata que, na sua infância, “o português não era muito bem visto” e que existiam estereótipos sociais associados ao grupo, o que sugere uma desvalorização social indireta da língua no espaço público nesse período.

No Reino Unido, surgem dois perfis quase opostos. O LO1 descreve um contexto em que a cultura portuguesa tinha pouco relevo social na sua infância: não conhecia portugueses em Inglaterra e a sua ligação a Portugal era sobretudo familiar e mediática, referindo que conhecia a família em Portugal e os jogadores de futebol na televisão. Quando questionado sobre atitudes sociais face às línguas, sublinha um traço cultural mais amplo: “em Inglaterra, em geral, não falamos outras línguas”, o que contribui para a ausência de valorização específica do português. Este caso reflete o conceito de bilinguismo subtrativo (Lambert, 1978), em que a língua de herança é vista como um obstáculo à integração, ao invés de um possível recurso valioso. A falta de políticas linguísticas de apoio e o fraco reconhecimento social da língua portuguesa em contextos de diáspora são fatores-chave para o enfraquecimento da sua transmissão intergeracional (Duarte, 2012:28).

Em contraste, a LO2 descreve uma comunidade portuguesa altamente organizada e presente, com igreja católica portuguesa, catequese, festas (incluindo festas de Natal) e uma forte centralidade de Stockwell/Little Portugal como espaço de pertença, onde era possível ir e sentir-se em casa mesmo sem conhecer pessoas. A LO2 menciona ainda celebrações comunitárias de grande escala (“Independência de Portugal”, referindo-se ao Dia de Portugal) com estrutura semelhante a uma feira em Portugal (refere “bifanas, cerveja, farturas”), reforçando a ideia de legitimação social intra-comunitária e de visibilidade cultural em determinados bairros. Já a LO3 apresenta um terceiro cenário: uma comunidade entendida sobretudo como família alargada, com baixa participação em iniciativas externas, afirmando que não se recorda de iniciativas comunitárias como as que existem hoje. Esta menor presença pública é acompanhada por um contacto mediático reduzido com a língua, ao referir que não se lembra de ver conteúdos em português na infância.

No contexto de Nova Jersey, a ausência de uma pressão positiva para frequentar escolas de português e a forte assimilação à cultura dominante levou o NJ1 a afirmar: “os meus pais pensaram: estamos nos Estados Unidos, temos que falar inglês bem”. Há uma percepção clara de que, nos anos 90 e início dos 2000, prevalecia uma mentalidade assimilacionista. A pressão para falar apenas inglês e ser “100% americano” era forte, mesmo dentro da comunidade portuguesa. O NJ1 menciona que os pais evitavam falar português fora de casa por receio de parecerem “menos americanos”. Além disso, poucas são as escolas de ensino público que oferecem nos seus currículos a possibilidade de escolarização formal em línguas de herança, sendo mais comum a oferta — variável consoante os

Estados e regiões — das LH como línguas estrangeiras (Duarte, 2012, p. 14). Esta ausência de legitimidade escolar e institucional reforça a tendência para a invisibilização da LH no espaço público, contribuindo para o seu estatuto fragilizado junto das comunidades migrantes. Este ambiente contribui para a fragilização do estatuto público da língua, que tende a ficar circunscrita ao privado e a usos muito limitados.

Por outro lado, NJ2, embora descreva uma comunidade coesa e com orgulho identitário, critica a pobreza e a estereotipização de parte da oferta cultural comunitária, apontando para eventos demasiado centrados num registo “tipo pimba” e defendendo a necessidade de “mais educação e eventos culturais” que representem outras dimensões de ser português.

Em conjunto, os dados sugerem que a aceitação social do português não depende apenas da dimensão numérica da comunidade, mas da visibilidade pública, das redes estruturadas (escola, igreja, associações) e das ideologias de integração dominantes no país e na própria diáspora. A consequência prática é que, para alguns participantes, o português emerge como símbolo legítimo e assumido; para outros, como marca identitária mais invisível e, por vezes, socialmente arriscada de exibir.

4.3. Identidade Linguística

4.3.1 Sentimento de pertença

O sentimento de pertença a Portugal e à comunidade de língua portuguesa emerge como uma dimensão transversal nos testemunhos, mas manifesta-se em trajetórias identitárias distintas, que vão desde a afirmação orgulhosa da origem até formas mais híbridas e negociadas de autoidentificação. Em vários casos, a pertença é expressa através de uma valorização afetiva da herança familiar e da legitimidade social de “ser português” no contexto migratório. A PA1, por exemplo, descreve o português como “uma grande herança”, associando-o diretamente à transmissão intergeracional e à identidade familiar. No mesmo sentido, afirma que “não havia vergonha de mostrar a identidade portuguesa”, reforçando a percepção de reconhecimento social e de orgulho comunitário no seu meio. Noutros percursos, a pertença surge menos como uma identidade estável e mais como uma posição situada entre dois mundos. A LO2 sintetiza essa vivência ao afirmar: “eu digo sempre que sou English Portuguese... eu acho que não sei bem como me identificar”. Também a PA2, ainda que reconhecendo a importância simbólica do português como legado familiar, enfatiza que a língua se liga sobretudo ao universo dos pais e à transmissão cultural (“é um bocado isso, a transmissão”), sugerindo uma pertença construída por continuidade familiar mais do que por centralidade do português no quotidiano.

Verifica-se igualmente um sentimento de pertença ancorado na rede comunitária e na percepção de coesão entre portugueses no estrangeiro. A NJ2 descreve a comunidade como “unida” e afirma explicitamente: “os portugueses ajudam-se uns aos outros”, articulando esta ideia com a existência de orgulho identitário e com uma reflexão crítica sobre a necessidade de diversificar as referências culturais associadas ao “ser português”.

Por fim, em trajetórias marcadas por menor socialização em português na infância, a pertença tende a expressar-se como reconexão progressiva com a cultura e com Portugal, muitas vezes já na idade adulta. No caso do NJ1, essa ligação é formulada como investimento pessoal na cultura e na atualidade do país (“eu tenho uma boa ligação à cultura... eu tento aprender coisas... estar a saber do que é que está a passar em Portugal”), mesmo quando a competência linguística produtiva é descrita como limitada em contextos familiares (interação reduzida a expressões simples com os avós).

Esta diversidade de posicionamentos é compatível com abordagens socioconstrutivistas da identidade linguística, nas quais a pertença não é um traço fixo, mas uma construção social influenciada por histórias de vida, relações (familiares e comunitárias) e investimentos afetivos, tal como proposto por Norton (2013:45).

4.3.2 Autoestima linguística

A autoestima linguística dos participantes distribui-se num contínuo que vai desde uma relação confiante e validada com o português até à autoperceção fragilizada e marcada por inibição comunicativa. Em geral, os relatos sugerem que a confiança aumenta quando existe validação externa (por exemplo, em contexto escolar/comunitário) e quando o uso do português é vivido como competência útil e reconhecida; por contraste, tende a diminuir quando o contacto com a língua é irregular, pouco legitimado ou associado a experiências de exposição social.

No polo de maior confiança, destaca-se o caso da PA1, cuja autoestima linguística é reforçada por um episódio de validação formal em aulas de português. Ao ser inicialmente colocada no nível de iniciantes, a professora, após a ouvir, questiona: “mas o que é que tu estás aqui a fazer?”, funcionando este comentário como reconhecimento explícito da sua proficiência e como confirmação do valor das aprendizagens feitas em casa. Este tipo de validação externa aparece associado a uma postura globalmente segura: a entrevistada reconhece lacunas lexicais, mas não as descreve como impeditivas da comunicação, mantendo uma imagem positiva de si enquanto falante.

Também no contexto londrino surgem narrativas que enquadram o português como recurso valorizado, ainda que acompanhado por inseguranças formais. A LO2 evidencia fluência oral e um sotaque percebido como nativo, mas aponta fragilidades gramaticais específicas (“de vez em quando a minha gramática ou certas pronúncias... eu não sei a diferença entre tu e você”), o que revela uma autoestima globalmente positiva, porém sensível a dimensões normativas da língua. Já a LO3 atribui claramente valor ao seu percurso em português, identificando a escolarização complementar como “uma mais-valia”, o que sugere uma autoimagem favorável e uma leitura utilitária do bilinguismo.

Numa zona intermédia, situam-se participantes que reconhecem o valor do português, mas referem limitações que afetam a segurança em certos contextos. As entrevistas de Paris (PA2–PA4) tendem a evidenciar consciência de “imperfeição” e de lacunas lexicais/estilísticas (muitas vezes associadas ao facto de a escolarização ter sido maioritariamente em francês), sem que isso se traduza

necessariamente em rejeição da língua. Já no caso do LO1, a autoestima linguística aparece mais dependente do contexto social: por um lado, valoriza o facto de falar “uma outra língua” num ambiente em que “a maioria das pessoas... só falam inglês”, o que torna essa competência “interesting” e, por vezes, “impressionante”; por outro, descreve um ecossistema onde aprender línguas não é particularmente valorizado (“em Inglaterra, em geral, não falamos outras línguas”), o que pode limitar oportunidades de prática e reforço da confiança. No polo de maior fragilidade, o NJ1 descreve uma relação com o português marcada por autocensura e retraimento, sobretudo em interações familiares em Portugal. Apesar de compreender, a dificuldade em produzir discurso mais elaborado desencadeia ansiedade e redução comunicativa, visível na forma como narra o próprio bloqueio: “eu fico muito na minha cabeça... eu fico tímido... era só, era sempre ‘ok, sim, sim, eu quero pão, pode ter água’, coisas muito simples.” Este relato sugere uma autoestima linguística vulnerável, potencialmente agravada pela comparação com outros falantes de herança com escolarização formal e por trajetórias com menor legitimação institucional.

Em síntese, os dados mostram que a autoestima linguística não depende apenas do “nível” de português, mas também do modo como esse repertório foi reconhecido (ou não) por professores, família e comunidade, e de como os participantes antecipam a avaliação dos interlocutores. Esta variação é consistente com leituras centradas na autoeficácia linguística (Bandura, 1997:3), ou seja, na crença do falante na sua capacidade de usar eficazmente a língua. Por outro lado, confirmam que a autoestima linguística está diretamente ligada à valorização social

da língua no meio envolvente e à resposta dos interlocutores, como enfatizam Petrovic & Olmstead (2000:63)

4.3.3 Mudança ao longo do tempo

De forma transversal, observa-se uma revalorização progressiva do português na idade adulta, ainda que com trajetórias distintas: (i) continuidade e consolidação (com ajustes de dominância), (ii) reaproximação tardia e deliberada e (iii) manutenção mais simbólica/afetiva, com uso irregular.

i) Continuidade e consolidação (com reequilíbrios)

Entre participantes que tiveram exposição consistente ao português desde cedo (sobretudo no espaço familiar e/ou em contextos de escolarização complementar), a mudança ao longo do tempo tende a traduzir-se num reforço gradual, muitas vezes descrito como pouco consciente. No caso de PA1, o percurso é relatado como um desenvolvimento contínuo, com progressos particularmente notados ao nível lexical e uma maior valorização do capital linguístico adquirido na infância. Também em PA4 e LO3, a transição para fases posteriores da vida (incluindo mobilidade e mudança de residência/ambiente linguístico) contribuiu para alterações no equilíbrio entre línguas, sem apagar marcas do bilinguismo. LO3, por exemplo, explicita que, mesmo vivendo hoje em contexto de forte presença do português, o inglês permanece como língua de pensamento e de automatismos cognitivos, como a contagem (“Primeiro penso em inglês e depois é que vai o

português, mesmo fazendo contagem, conto em inglês e depois refiro em português.”).

No caso de LO2, a experiência adulta (incluindo maior reflexão sobre adequação linguística e registos) parece associar-se a uma relação mais consciente com a língua, em que o português é mantido como recurso identitário e também funcional, embora o inglês permaneça dominante (padrão que emerge no discurso global da entrevistada).

Por fim, NJ2 descreve um percurso globalmente estável no domínio linguístico ao longo do tempo, mas assinala que o verdadeiro ponto de inflexão surge quando tentou inserir-se em Portugal, deslocando o foco do linguístico para o identitário (“Eu senti mais a dificuldade em ser portuguesa do que em aprender o português.”).

ii) Reaproximação tardia e deliberada

Um segundo padrão diz respeito a participantes cujo português teve presença reduzida ou pouco sistemática na infância, mas que, já adultos, iniciam um investimento intencional na aprendizagem e uso. Isso é particularmente visível em NJ1, que situa o seu ponto de viragem em 2021 e descreve um processo consciente, com esforço continuado, práticas autodidatas e aumento de contacto com Portugal (“Eu comecei a focar na aprendizagem da língua portuguesa em 2021 (...) e já é quatro anos a focar muito (...) se eu ia avaliar, zero até dez, tem que pôr em cinco.”). A reaproximação é descrita também como resposta a bloqueios acumulados e a períodos prolongados de afastamento do uso do português, sendo

ultrapassada através de estratégias concretas (interação com o irmão, consumo mediático, aulas privadas). Este movimento vem acompanhado de uma valorização retrospectiva do que poderia ter sido feito na infância, com menção explícita de arrependimento e desejo de escolarização comunitária (“Se eu pudesse voltar atrás (...) eu ia dizer aos meus pais, eu quero fazer a escola português (...) eu gostaria de fazer isso.”).

Em LO1, a mudança ao longo do tempo surge ligada a uma motivação afetiva e patrimonial, com valorização do português como continuidade familiar e projeto pessoal de manutenção. O entrevistado associa essa motivação ao prazer e ao desejo de não perder o que já conquistou (“Eu tenho muito afeição (...) eu gosto muito de ler e falar em português (...) eu não quero perder o que eu aprendi (...) eu quero continuar no futuro.”).

iii) Manutenção mais simbólica/afetiva e uso irregular

Um terceiro padrão, mais evidente em PA2 e PA3, aponta para a tendência de o português, com a entrada na vida adulta no país de acolhimento, passar a ocupar um lugar mais identitário do que instrumental, com uso menos frequente e mais associado a contextos específicos (família, férias, encontros pontuais). Em PA3, por exemplo, a intensificação do contacto com redes portuguesas ocorre sobretudo mais tarde (por via de círculos sociais), contribuindo para uma revalorização gradual da língua e da pertença, ainda que com persistência de uso misto e inseguranças lexicais (como indicado na grelha).

As trajetórias de reaproximação tardia e deliberada e de manutenção mais simbólica/afetiva confirmam que o valor simbólico e afetivo da LH supera, muitas vezes, a utilidade prática. Carreira (2004:5) descreve precisamente este fenómeno ao referir que muitos aprendentes procuram estudar a LH como forma de se reconectarem com a sua história familiar e identidade cultural, mesmo quando já não integram ativamente uma comunidade linguística de uso.

4.4. Estratégias e Desafios

4.4.1 Obstáculos na aprendizagem

Os testemunhos apontam para um conjunto de obstáculos recorrentes na aprendizagem e no desenvolvimento do português como língua de herança, com intensidades diferentes consoante a trajetória de exposição, a escolarização e o acesso a redes de apoio. Em vários casos, o fator mais determinante foi a hegemonia da língua dominante (francês/inglês) como língua de escolarização e de socialização alargada, o que reduziu o português a contextos limitados e, por vezes, sobretudo receptivos.

No Reino Unido, o LO1 descreve um percurso infantil com contacto pouco estruturado e maioritariamente passivo: “não... eu não aprendi nunca das outras línguas até a escola” e “nunca do português”. O português surgia sobretudo em períodos de férias e em momentos indiretos (por exemplo, o pai ao telefone), sendo o quotidiano mediático exclusivamente em inglês (“em Inglaterra só tivemos

televisão em inglês”; “todas as coisas eram em inglês”). A dificuldade não é apenas “não saber”, mas sobretudo não ter tido necessidade nem rotinas de uso, o que enfraquece a passagem da compreensão para a produção e limita a automatização.

Em Paris, apesar de um contexto familiar mais favorável ao português, a PA1 identifica como obstáculo central a falta de vocabulário especializado/abstrato, associada ao facto de o seu português ter sido construído sobretudo no registo doméstico: “quando havia... termos mais técnicos... eu respondia muitas vezes em francês, porque sentia muito mais à vontade para usar o vocabulário”. Esta assimetria revela um desenvolvimento linguístico parcial: competências comunicativas funcionais, mas com fragilidades quando o conteúdo exige léxico menos frequente fora de contextos formais.

Entre os entrevistados com escolarização comunitária ou contacto prolongado, surgem outros tipos de obstáculos, mais ligados à norma, ao registo e às transições de contexto. A PA4, por exemplo, associa parte das suas limitações à variedade familiar e à distância face ao português “padrão” associado a Lisboa: “o meu português acaba por ser o português de Gouveia dos meus pais... talvez... seja um português mais pobre”. Já a LO3, apesar de reconhecer a “mais-valia” de ter frequentado escola portuguesa, explicita dificuldades concretas (por exemplo, pronúncia de palavras específicas) e, sobretudo, o impacto da mudança para Portugal: “quando vim para Portugal... foi a integração, foi muito difícil”. Neste caso, o obstáculo não é apenas linguístico: envolve adaptação escolar e social, numa fase etária sensível, com reajuste do repertório e das rotinas de comunicação.

Nos Estados Unidos, para os participantes com menor apoio formal, o obstáculo tende a concentrar-se na ausência de escolarização em português e na consequente limitação do repertório para usos mais exigentes. A NJ2 sintetiza esta tensão quando refere que “o português... era... básico, suficiente para... cotidiano, mas insuficiente para contextos acadêmicos mais exigentes” — ou seja, o conhecimento da língua era suficiente para o dia a dia, mas revela fragilidades quando passa a ser requerida como instrumento acadêmico e identitário pleno. De forma convergente, alguns entrevistados referem ainda dificuldades ligadas ao acesso a recursos adequados e à disponibilidade de oferta formativa alinhada com o português europeu (quando procuram aprender/aperfeiçoar mais tarde), o que pode gerar frustração e descontinuidade no investimento.

De forma transversal, estes obstáculos enquadram-se na literatura que descreve a tendência dos falantes de apresentarem uma maior propensão para o uso espontâneo da língua majoritária, geralmente dominante devido às situações de socialização mais frequentes, mas detêm ainda assim “competências parciais bastante desenvolvidas” na língua de herança (Flores & Melo-Pfeifer, 2014:17-18). A literatura revela também que a hegemonia da língua dominante em contextos migratórios tende a relegar a língua de herança para o plano doméstico e informal, dificultando a sua consolidação (Polinsky, 2015:32), ao passo que Petrovic & Olmstead (2001:58-61) sustentam que a falta de apoio institucional e educacional à língua de herança gera contextos de bilinguismo subtrativo, em que o domínio da L1 (português, neste caso) é progressivamente substituído.

4.4.2 Estratégias de uso

Apesar das diferenças nos percursos e no grau de exposição ao português, todos os entrevistados descrevem estratégias (familiares, comunitárias e/ou individuais) que permitiram manter a língua ativa — ainda que, em muitos casos, de forma intermitente e sobretudo associada a domínios específicos (família, férias, media, religião, escola complementar).

Um primeiro conjunto de estratégias surge quando há mediação parental e/ou recursos comunitários que prolongam a língua para além da casa. Em Paris, este apoio aparece de forma relativamente consistente em todos os participantes, através da inscrição em aulas e do contacto com práticas culturais ligadas a Portugal. No caso da PA1, por exemplo, a frequência de aulas extracurriculares e a participação em contextos regulares em português (como o contexto religioso) reforçam a exposição e legitimam a língua fora do espaço doméstico. Em termos semelhantes, PA2, PA3 e PA4 referem percursos com escola complementar (em diferentes formatos e durações) e visitas regulares a Portugal como contexto de prática intensiva. Também em Londres, LO2 e LO3 descrevem um percurso em que o português se manteve com maior estabilidade porque existiam redes e rotinas comunitárias (por exemplo, escola portuguesa/igreja e sociabilidades familiares alargadas), o que ajudou a sustentar a oralidade e, em alguns casos, a escrita. Já em Newark, NJ2 destaca um enquadramento comunitário mais coeso e uma escolarização complementar em português, associada a um sentimento de pertença e continuidade cultural. Estas estratégias refletem o que Fishman

(1991:84–86) descreve como domínios de uso da língua: espaços sociais (religião, lazer, comunicação familiar) onde a língua pode ser mantida se houver investimento consciente.

Um segundo conjunto de estratégias envolve o contacto com o português através de televisão, conteúdos audiovisuais e consumo cultural. Este mecanismo é particularmente visível em contextos em que a língua aparece de forma mais “ambiental” (ou seja, como presença constante, mas nem sempre como prática produtiva). No caso do LO1, a exposição inicial passa por momentos de férias e consumo televisivo (por exemplo, ouvir comentadores em português), antes de existir uma aprendizagem mais intencional. Em Nova Jersey, NJ1 refere explicitamente a RTP Internacional e a presença de espaços portugueses (supermercado, café, associações), ainda que isso não se tenha traduzido, na infância, em uso consistente da língua em casa

O terceiro eixo é o mais transversal: a agência individual, sobretudo na idade adulta, quando a manutenção do português deixa de depender do ecossistema familiar e passa a depender de escolhas pessoais. No caso do NJ1, este movimento é muito claro: perante um longo período com poucas oportunidades de prática, o entrevistado descreve uma viragem deliberada para “trazer o português para dentro da rotina”, combinando interação familiar e consumo cultural com aprendizagem formal (“Começar a falar com o meu irmão em português, ouvir música e ver séries em português, e depois disso, começar a fazer aulas”). Também o LO1 descreve

estratégias muito consistentes de manutenção, centradas na leitura e na escuta, e na importância do treino em interação para ganhar confiança. Por um lado, sublinha o papel da leitura como prática regular (“Quando estou aqui, em Inglaterra, eu só uso quando eu leio, porque gosto de ler livros em português”). Por outro, aponta a escuta (podcasts) e as aulas privadas como recursos que criam um espaço de apoio, contrastando com a imprevisibilidade da rua (“Eu ouvia podcasts em português... as aulas... ajudam-me muito com confiança... as professoras têm paciência... as pessoas na rua não têm”). Por fim, mesmo nos casos em que o português foi mais estável desde cedo (por exemplo, LO2/LO3 e algumas participantes de Paris), a manutenção na vida adulta aparece associada a escolhas de continuidade: usar a língua com família, reforçar o contacto com Portugal, ajustar registos, e reconhecer o valor do bilinguismo como recurso pessoal e identitário. Estas estratégias enquadram-se na noção de *language learning agency* (Van Lier, 2008), ou seja, a capacidade do indivíduo de assumir o controlo sobre o seu percurso linguístico através de decisões informadas.

4.4.3 Micropolíticas familiares

As entrevistas evidenciam que as decisões quotidianas sobre que língua falar em casa — e em que situações — funcionam como micropolíticas familiares determinantes para a trajetória do PLH. Estas micropolíticas materializam-se em rotinas e gestos concretos: insistir em falar português com os filhos, aceitar respostas na língua dominante, alternar códigos, recorrer (ou não) a recursos mediáticos em português e optar (ou não) pela inscrição em aulas complementares.

De forma geral, os dados organizam-se num contínuo entre políticas familiares de manutenção ativa do português, políticas de equilíbrio/acomodação e políticas de priorização da língua dominante.

i) Manutenção ativa do português como língua de casa (com reforço institucional e/ou comunitário)

Em vários perfis, observa-se uma micropolítica relativamente consistente de português como língua preferencial do lar, mesmo quando a língua dominante se impõe fora de casa. Este padrão é particularmente visível em PA1 e PA4 (Paris), LO2 e LO3 (Londres) e NJ2 (Nova Jersey).

Nestes casos, a manutenção do PLH é sustentada por uma combinação de fatores: input parental frequente, dependência comunicativa (por exemplo, quando um progenitor tem competência limitada na língua do país), e prolongamento do português para espaços complementares (aulas, catequese/igreja, escola comunitária, redes familiares). Em Paris, por exemplo, a decisão parental de manter o português como língua familiar é descrita como uma escolha estável e valorizada retrospectivamente (PA1), e no caso de PA4 articula-se com uma continuidade de escolarização em português ao longo de anos. Em Londres, LO2 e LO3 ilustram trajetórias em que o português se mantém como língua de socialização familiar e, no caso de LO3, também como projeto familiar alargado (escola complementar e rede de primos). Em Nova Jersey, NJ2 mostra um cenário em que a estrutura linguística do lar favorece a centralidade do português, ainda que o repertório possa permanecer mais associado ao quotidiano e a registos informais.

ii) Equilíbrio e acomodação: português presente, mas com resposta crescente na língua dominante

Um segundo padrão corresponde a micropolíticas familiares mais flexíveis, em que o português está presente no input parental, mas a família acomoda progressivamente a dominância da língua do meio envolvente (sobretudo após a entrada na escola). Este padrão é claro em PA2 e PA3.

Aqui, a manutenção do PLH depende menos de uma regra rígida (só português) e mais de uma lógica de convivência linguística: os pais continuam a usar português em parte das interações, mas aceitam (ou normalizam) respostas em francês, e por vezes a própria linguagem do lar passa a incluir mistura. Ainda assim, nota-se que, quando existe inscrição em aulas (PA2, PA3) ou reforços externos (associações), essa escolha familiar funciona como tentativa de compensar o enfraquecimento do português enquanto língua produtiva, sobretudo ao nível da literacia e da gramática explícita.

iii) Priorização do inglês e periferização do português

Num terceiro padrão, a micropolítica familiar orienta-se para a priorização da língua dominante, relegando o português para contactos ocasionais, simbólicos ou intergeracionais. Este cenário destaca-se em NJ1 e LO1, embora por razões parcialmente diferentes.

Em Nova Jersey (NJ1), a opção por falar inglês com os filhos surge associada a uma ideologia assimilacionista percebida como necessária para integração e mobilidade social, traduzida na lógica: “estamos nos Estados Unidos, temos de falar inglês bem”. Nesta configuração, o português pode manter-se entre adultos, mas não é promovido como língua de socialização regular das crianças, o que limita o desenvolvimento da competência produtiva. Em Londres (LO1), além da predominância do inglês no lar, a configuração bicultural (mãe inglesa) e a ausência de rotinas mediáticas/educativas em português reforçam a posição periférica do PLH, que fica mais ligado a contactos familiares com Portugal do que a uma prática quotidiana.

Estas diferenças confirmam a ideia de que a política linguística não se faz apenas em leis ou currículos: faz-se também em práticas discretas e repetidas no espaço privado. A conceptualização de Shohamy (2006:54–58) sobre políticas linguísticas como mecanismos que operam de forma visível e invisível ajuda a enquadrar estas decisões domésticas como política “real” — com efeitos estruturantes no repertório, na confiança e nos usos possíveis da língua, visto que, embora discretos, operam à escala micro para moldar, de facto, o percurso linguístico e identitário das crianças.

Em paralelo, a evidência empírica aponta para a relação entre práticas familiares consistentes e os resultados linguísticos e identitários dos falantes de herança. No estudo de Lam & Catto (2023,10-14), conduzido com 220 bilingues no Reino Unido, verificou-se que a proficiência em LH previu significativamente todos os indicadores

de aculturação — incluindo o envolvimento cultural, o biculturalismo e a preferência cultural orientada para o grupo de herança. Além disso, os autores demonstram que o uso da LH por parte da família esteve associado a maiores níveis de autoestima, e que a proficiência em LH contribuiu para uma maior utilização em diferentes contextos e para uma orientação identitária mais forte em relação à cultura de origem. Estes resultados reforçam o papel estruturante das práticas familiares consistentes no desenvolvimento linguístico e identitário dos falantes de herança.

4.5. Reflexões e Expectativas para o Futuro

4.5.1 Perspetivas sobre a transmissão intergeracional

De forma transversal, os entrevistados reconhecem a transmissão do português às gerações seguintes como uma questão relevante, mas articulam essa relevância com diferentes graus de convicção, urgência e pragmatismo. Em vários casos, a transmissão é formulada como responsabilidade familiar (a língua como continuidade do grupo e ponte intergeracional); noutros, surge como oportunidade desejável, mas não necessariamente prioritária, sobretudo quando a língua dominante oferece maior capital social imediato.

Entre as posições mais afirmativas, destaca-se a ideia de que o português deve continuar a ser a língua da casa, precisamente para evitar uma rutura comunicativa entre crianças e familiares mais velhos. No caso de Paris, a PA1 associa a transmissão a uma mais-valia e a uma necessidade relacional muito concreta,

antecipando que, sem essa continuidade, a ligação com os avós se fragiliza (“é uma mais-valia saber falar outra língua... os netos já não vão conseguir falar com os nossos pais”).

Esta perspetiva é ecoada por participantes que, mesmo reconhecendo o domínio da língua maioritária, atribuem ao português um valor identitário e familiar inegociável. No caso de Londres, a LO3 formula esta importância como “ter a língua dos pais” e relaciona-a com a possibilidade de participação em Portugal, ainda que episódica (férias, visitas), defendendo que conseguir falar e manter um diálogo é parte integrante dessa pertença.

Em Nova Jersey, a NJ2 sintetiza a transmissão como dependente das famílias e do esforço deliberado de manter o português antes da entrada na escola, porque é nesse período que a família ainda consegue garantir uma exposição consistente; ao mesmo tempo, chama a atenção para um risco frequente: quando os próprios pais têm um repertório limitado, acabam por introduzir o inglês e a transmissão perde densidade.

Noutros testemunhos, a transmissão aparece fortemente marcada por aprendizagem retrospectiva: olhar para trás, identificar o que falhou e transformar isso em expectativa para o futuro. O NJ1 verbaliza de forma muito clara o arrependimento de não ter frequentado escola portuguesa em criança, salientando que espera que os mais jovens tenham “a oportunidade” de ir à escola portuguesa, situando a transmissão num cenário atual de maior valorização social da aprendizagem de línguas (em contraste com a mentalidade assimilacionista que descreve durante a sua infância).

Há também discursos mais ponderados, em que a transmissão é valorizada sobretudo como enriquecimento cultural e cognitivo, sem assumir o estatuto de prioridade absoluta. O LO1 inscreve a questão numa visão geral sobre plurilinguismo e utilidade social das línguas, salientando que aprender outra língua seria benéfico para todos e enquadrando o português como uma oportunidade de ligação cultural, mais do que como obrigação. Esta linha de pensamento aproxima-se de posições em que o português é reconhecido como herança afetiva, mas a sua transmissão é condicionada pelas dinâmicas reais do quotidiano e pelas hierarquias linguísticas do contexto de acolhimento.

Entre os entrevistados de Paris, surgem ainda avaliações críticas sobre a continuidade (ou enfraquecimento) do investimento familiar e comunitário ao longo do tempo. A PA4 observa que, hoje, muitas famílias já não fazem o mesmo investimento na transmissão e na escolarização complementar, sugerindo uma alteração geracional nas prioridades e nos recursos mobilizados. Já a PA3 interpreta a transmissão como algo que exige ação concreta, criticando a ideia de “querer que os filhos falem” sem criar condições consistentes para que isso aconteça.

Neste conjunto de perspetivas, sobressai um eixo comum: a transmissão intergeracional é menos descrita como intenção abstrata e mais como prática sustentada (ou ausência dela), seja através da língua em casa, seja através da escola comunitária, contactos regulares com Portugal e redes familiares. É precisamente neste ponto que a evidência empírica recolhida se articula com a literatura sobre transmissão intergeracional do PLH, que destaca a importância do

papel parental, das atitudes face à língua e da consistência nas práticas familiares (De Houwer, 2007:417). Segundo King & Fogle (2013: 178), o sucesso dessa transmissão depende menos da “intenção” e mais da implementação concreta e diária, incluindo o acesso a recursos e redes de suporte.

4.5.2 Valorização da língua portuguesa

No conjunto das entrevistas, a língua portuguesa é progressivamente revalorizada como património afetivo, marcador identitário e recurso (pessoal e profissional), mesmo quando o quotidiano é dominado pelo francês ou pelo inglês. Em vários casos, esta valorização aparece associada a momentos de conquista e de reconexão familiar. O LO1 descreve um episódio muito concreto de viragem, ao recordar um jantar de Natal em que conseguiu acompanhar toda a conversa e sentiu que tinha chegado ao seu objetivo, ligando esse progresso a felicidade e sentido de pertença (“eu entendi tudo e fiquei muito feliz... eu senti-se como eu cheguei ao meu objetivo”).

A mesma valorização surge, noutra registo, como gratidão e consciência intergeracional. A PA1 sublinha que manter o português como língua de casa é uma mais-valia e associa essa escolha familiar ao risco de rutura comunicativa nas gerações seguintes (“sou grata, porque é uma mais-valia... já são netos que já vão arranhar ali a conversa com os nossos pais que imigraram”).

Para outros participantes, o valor da língua é também claramente instrumental. O PA3 descreve o português como capital linguístico que gerou oportunidades

acadêmicas e profissionais em França (“tive a falar português, deu-me oportunidade... de encontrar... os estágios, o emprego... tive essa possibilidade graças ao português”).

No caso das entrevistas de Londres, o valor é formulado de forma explícita como competência transferível e até como vantagem cognitiva. A LO2 chama-lhe um presente e um skill, criticando o facto de muitos pais não o transmitirem gratuitamente em casa (“as a kid, you don’t realize the gift it is... because it unlocks cognitive skills... why their parents never just for free taught them at home because it’s such a skill”). A LO3 reforça a ideia de mais-valia associada à escolarização comunitária em português e, em simultâneo, faz uma leitura crítica do presente, ao notar que muitas famílias já não atribuem a mesma importância à transmissão (“uma mais-valia foi realmente ter andado na escola portuguesa... mas para a maioria das pessoas, eu não acho que seja extremamente importante”).

Em síntese, a valorização do português aparece menos como utilidade imediata e mais como combinação de (i) afetos e continuidade familiar (ex.: objetivos atingidos, ligação a avós/tios), (ii) reconhecimento de ganhos concretos (competências, trabalho, mobilidade), e (iii) consciência de que a transmissão exige esforço e escolhas consistentes. Esta leitura é convergente com a literatura sobre falantes de herança, que indica que a língua portuguesa não é vista apenas como uma ferramenta funcional, mas como património afetivo e cultural, cuja existência é reforçada pelo reconhecimento individual e coletivo do seu valor simbólico (Flores & Melo-Pfeifer, 2014:23).

4.5.3 Media digitais como recurso de reaproximação ao português na idade adulta

Os dados indicam que, para alguns participantes, os media digitais constituem um recurso central de reaproximação ao português na idade adulta, funcionando como forma de aumentar a exposição à língua fora de contextos familiares ou comunitários. Em particular, surgem referências a práticas de consumo de música, séries e utilização de aplicações como estratégias de contacto regular com o português, sobretudo em fases em que a língua assume um papel mais voluntário do que obrigatório no quotidiano.

No caso de LO1, os podcasts são mencionados como uma via de retorno à língua, permitindo manter contacto com o português de forma espontânea e repetida e, inclusivamente, melhor a proficiência na LH [“Eu ouvia podcasts em português. E acho que provavelmente ajudou-me”]. Já em NJ1, além da música, surgem referências a séries e/ou aplicações como instrumentos de exposição e treino autónomo, associados à intenção de reforçar competências linguísticas na idade adulta.

Estas práticas digitais parecem cumprir duas funções complementares: (i) promover uma exposição frequente e acessível ao português (input informal), e (ii) facilitar uma ligação cultural e identitária através de conteúdos percebidos como autênticos e significativos. Neste sentido, os media digitais surgem como um suporte de aprendizagem informal que se articula com trajetórias marcadas por interrupções de uso e por reconfigurações do lugar do português ao longo do ciclo de vida.

A tabela seguinte apresenta a síntese comparativa dos resultados:

Tabela 4.1 - Grelha comparativa dos resultados

| | | PA1 | PA2 | PA3 | PA4 | LO1 | LO2 | LO3 | NJ1 | NJ2 |
|-------------------------------|---|----------|---------|---------|----------|--------|----------|--------|----------|----------|
| CONTEXTO FAMILIAR | Ambos pais portugueses | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | sim | sim |
| | Incentivo ao uso | forte | fraco | médio | forte | fraco | forte | médio | fraco | forte |
| | PT língua <i>output</i> pais | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | não | sim |
| | PT língua principal <i>output</i> entrevistado/a | sim | não | não | sim | não | sim | não | não | sim |
| RELAÇÃO COM COMUNIDADE | Aulas formais de PT | sim | sim | sim | sim | não | sim | sim | não | sim |
| | Participação em eventos sociais | regular | pontual | pontual | regular | não | regular | não | pontual | regular |
| | Aceitação social | positiva | neutra | neutra | negativa | neutra | positiva | neutra | negativa | positiva |
| | Existência de recursos | forte | forte | forte | média | fraca | forte | fraca | média | forte |
| IDENTIDADE LINGUÍSTICA | Sentimento de pertença | forte | médio | médio | forte | médio | forte | forte | forte | forte |
| | PT língua 1 | não | não | não | sim | não | não | não | não | não |
| | Autoestima linguística | alta | média | média | baixa | média | média | alta | baixa | alta |
| | Importância transmissão língua | alta | alta | alta | alta | média | alta | alta | média | alta |

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Padrões comuns e contrastes nas trajetórias de PLH

5.1.1 Continuidade e erosão por domínios de uso

No corpus analisado, o português surge com frequência associado ao espaço doméstico e às interações familiares próximas, enquanto a língua dominante tende a ocupar os domínios públicos e institucionais. Em vários perfis do corpus, a compreensão do português mantém-se relativamente estável, ao passo que a produção oral se revela mais frágil fora do contexto familiar, sobretudo em interações com desconhecidos ou em situações de maior exigência lexical.

Este padrão sugere que, neste conjunto de entrevistas, a erosão do PLH não se manifesta como desaparecimento total da língua, mas como um estreitamento funcional do repertório. A língua permanece disponível para domínios afetivos e familiares, mas torna-se menos acessível para usos formais, espontâneos ou socialmente marcados. A análise das entrevistas permite observar que esta distribuição desigual dos domínios ocorre tanto em percursos com incentivo familiar médio como em trajetórias em que a comunidade oferece recursos, indicando que a continuidade do PLH depende não apenas da existência de input, mas também das oportunidades concretas de uso significativo em diferentes contextos.

A interpretação destes dados é compatível com abordagens que descrevem a distribuição funcional das línguas em contextos bilingues como resultado de processos de socialização linguística e de hierarquias de prestígio. Nos relatos analisados, a língua dominante tende a ser associada à mobilidade social, escolarização e interação pública, enquanto o português é frequentemente circunscrito a relações familiares, o que ajuda a explicar por que razão a competência pode manter-se ativa num domínio e enfraquecer noutros. Alguns exemplos desta situação são: “falava-se português em casa, mas não, não era um

português que me permitisse acesso ao ensino superior, era um português básico” (NJ2); “Com os meus amigos em França, depois, claro, falávamos francês. Então o contacto do português era com os pais, com os avós, com os tios e nas aulas de português” (PA4).

5.1.2 Pertença, legitimação e contrastes na experiência comunitária

Embora todos os participantes expressem, em maior ou menor grau, um sentimento de ligação simbólica ao português, os relatos revelam contrastes importantes na forma como essa pertença se traduz em práticas efetivas de uso. Em vários perfis, a existência de recursos comunitários (aulas, eventos, associações) é mencionada como fator de valorização simbólica da língua; no entanto, essa visibilidade nem sempre se converte em rotinas de uso regular.

Nos dados analisados, observa-se que a participação comunitária tende a ser mais produtiva quando é acompanhada por acesso real, continuidade e acolhimento. Em alguns relatos, a comunidade funciona sobretudo como marcador identitário — fonte de orgulho e pertença —, mas com impacto limitado na ampliação do repertório linguístico. Noutros, a frequência de aulas ou a inserção em redes de pares em português é descrita como oportunidade concreta de legitimação e prática, sobretudo em fases posteriores do percurso. O seguinte excerto ilustra uma participação comunitária sustentada, assente em redes de pares e em eventos culturais regulares, associada a um reforço do sentimento de pertença e à ampliação das ocasiões de contacto com a língua fora do espaço doméstico: “eles juntavam nas turmas os portugueses, ou seja, acabava por ter

muitos amigos portugueses e ao fim de semana, quando éramos adolescentes, acabávamos por ir também às festas nos bailaricos de sábado, onde ouvíamos músicas portuguesas e convivíamos” (PA4).

Este contraste sugere que, neste corpus, a comunidade não atua de forma automática como motor de uso do PLH. A sua eficácia depende da articulação com práticas familiares e da percepção de legitimidade linguística por parte dos próprios falantes.

5.1.3 Revalorização na idade adulta

Os dados recolhidos indicam uma revalorização do português na idade adulta, entendida como uma mudança no valor atribuído ao PLH e ao seu lugar na trajetória pessoal. Em vários perfis, esta revalorização é descrita como reconhecimento retrospectivo do benefício de ter tido acesso ao português em criança, incluindo sentimentos de gratidão pelas escolhas parentais, mesmo quando a experiência de aprendizagem foi, na altura, vivida com resistência ou desinteresse. Como exemplo dessa revalorização, encontramos no corpus a seguinte partilha: “acho que foi uma boa coisa que os meus pais fizeram e eu não gostava, quer dizer, no início não gostava muito de ir às aulas de Português, mas depois depois eu acho que percebia, quando vinha no verão a Portugal, eu percebia que essas aulas faziam mesmo a diferença e ajudavam-me muito no português” (PA2).

Esta mudança de atitude manifesta-se também na forma como os participantes reinterpretam o passado à luz de necessidades e prioridades adultas, como a mobilidade, a vida profissional, relações familiares transnacionais ou o desejo de transmitir a língua aos filhos. Em alguns relatos, a revalorização surge

acompanhada de um olhar crítico ou nostálgico sobre o acesso a recursos: participantes referem que, no presente, nem sempre encontram a mesma oferta institucional, comunitária ou pedagógica que existia (ou que gostariam que existisse), o que influencia a possibilidade de reproduzir percursos de aprendizagem com a geração seguinte.

Nos casos em que o contacto com o PLH foi mais limitado durante a infância, a revalorização tende a assumir um carácter mais ativo e a traduzir-se numa reaproximação deliberada à língua. No corpus analisado, esta reaproximação é descrita através de estratégias como aulas formais, consumo mediático em português, leitura, maior uso com familiares ou viagens, funcionando como tentativa de ampliar um repertório percebido como incompleto e de reforçar a pertença linguística. Importa sublinhar que, nestes relatos, o investimento adulto não aparece como simples continuação de uma transmissão linear, mas como resposta a lacunas anteriores e como expressão de agência linguística em fases posteriores do ciclo de vida.

Em síntese, neste conjunto de entrevistas, a revalorização do PLH na idade adulta constitui um padrão recorrente, embora se concretize de formas distintas: ora como reconhecimento do capital linguístico e afetivo recebido na infância, ora como projeto pessoal de reaproximação quando esse capital foi parcial. Estes dados reforçam a ideia de trajetórias dinâmicas e não lineares, marcadas por flutuações e reconfigurações do vínculo à língua ao longo do tempo.

5.2 Micropolítica linguística familiar, erosão e autoestima linguística

5.2.1 Regras implícitas de uso e socialização linguística no contexto familiar

A análise das entrevistas evidencia que as trajetórias de aprendizagem e uso do PLH são fortemente moldadas por decisões quotidianas e regras implícitas que se constroem no espaço familiar. Para além da presença ou ausência de input em português, os relatos permitem identificar uma micropolítica linguística familiar que regula quando, com quem e em que condições a língua é usada, bem como o valor simbólico que lhe é atribuído. Estas dinâmicas, frequentemente não explicitadas pelos próprios intervenientes, revelam-se centrais para compreender processos de erosão linguística e variações na autoestima linguística dos participantes.

Nos relatos analisados, a política linguística familiar raramente assume a forma de regras formais ou declaradas. Em vez disso, emerge através de práticas recorrentes, como a escolha da língua de interação, a aceitação (ou não) de respostas na língua dominante, e a forma como os adultos reagem a desvios, misturas ou erros. Em vários perfis do corpus, os pais mantêm o uso do português na interação com os filhos, ao passo que aceitam respostas na língua dominante, criando um ambiente em que a compreensão em português é estimulada, mas a produção oral não é sistematicamente exigida. No corpus, essa dinâmica linguística é representada da seguinte forma: “a maior parte eles falavam português, a gente respondia em francês. Sempre foi assim” (PA3).

Este tipo de configuração contribui para repertórios assimétricos, nos quais a competência recetiva se mantém relativamente estável, enquanto a produção oral se revela mais frágil ou restrita a contextos familiares específicos. Nos dados analisados, esta assimetria não é descrita como problemática em si mesma, mas

tende a ganhar relevância quando os participantes enfrentam contextos externos de uso, nos quais a insegurança linguística se torna mais visível.

5.2.2 Micropolítica familiar e processos de erosão linguística

Os dados sugerem que a erosão linguística observada nas trajetórias analisadas não decorre apenas de uma diminuição quantitativa do input em português, mas de um conjunto de processos relacionais e dinâmicos associados à micropolítica linguística familiar. Nos relatos analisados, a organização das línguas no quotidiano do lar revela-se progressiva e adaptativa, acompanhando transformações nos repertórios dos próprios pais e nas necessidades comunicativas da família.

Em alguns percursos do corpus (por exemplo, LO1 e NJ1), os participantes referem que os próprios pais utilizavam apenas a língua dominante na interação com os filhos. Este uso é descrito como uma decisão explícita, tomada no contexto do processo migratório e das expectativas de integração, resultando na ausência do português como língua de socialização quotidiana no espaço doméstico. Em contraste com estes percursos, noutros relatos o uso da língua dominante no espaço doméstico não é apresentado como uma escolha inicial exclusiva, mas como um processo de ajustamento gradual ao facto de a língua dominante se ter tornado a língua principal de socialização das crianças. Paralelamente, à medida que os filhos desenvolvem maior competência na língua dominante e que o repertório dos pais nessa língua se amplia, observa-se um aumento do seu uso no espaço doméstico, sem que isso implique necessariamente a substituição do português, mas antes uma reorganização das funções atribuídas a cada língua.

Nestes contextos, o português tende a ficar circunscrito a domínios afetivos específicos ou a situações comunicativas mais previsíveis, sendo menos mobilizado para funções narrativas, explicativas ou argumentativas. Esta configuração contribui para a formação de repertórios funcionalmente limitados, nos quais a língua se mantém como marcador de pertença, mas com menor flexibilidade para usos variados. Importa sublinhar que, nos relatos analisados, esta limitação não é vivida como “perda” abrupta da língua, mas como reorganização gradual das funções atribuídas a cada código.

Outro elemento recorrente nos dados é a referência a práticas linguísticas híbridas, frequentemente descritas como um “português de emigrante”, caracterizado pela inserção de palavras da língua dominante ou pela adaptação fonológica e morfológica de empréstimos, conforme indicado no corpus das entrevistas (“Os meus pais até falavam francês e português misturado” – PA3). Este tipo de repertório misto surge como estratégia comunicativa funcional no seio familiar, permitindo a continuidade da interação em português, ainda que com recursos linguísticos parcialmente deslocados. Nos relatos analisados, estas práticas não são apresentadas como problemáticas em si mesmas, mas ilustram formas específicas de adaptação linguística em contextos de contacto prolongado entre línguas.

Importa ainda sublinhar que, neste corpus, a erosão não é descrita como processo linear nem irreversível. Pelo contrário, vários relatos mostram que repertórios fragilizados podem ser reativados ou ampliados em fases posteriores, sobretudo quando os participantes encontram contextos de legitimação, apoio ou investimento deliberado. Ainda assim, os dados sugerem que a forma como o português é

regulado, distribuído e valorizado no espaço familiar ao longo do tempo tem efeitos duradouros na relação que os falantes estabelecem com a língua e na amplitude funcional do seu repertório.

5.2.3 Família, agência individual e reconfiguração do vínculo à língua

Embora a família desempenhe um papel estruturante nas fases iniciais da socialização linguística, os relatos analisados evidenciam também margens de agência individual, particularmente na idade adulta. Em vários perfis, os participantes reinterpretem as práticas familiares do passado à luz das suas próprias escolhas, revalorizando o acesso ao PLH ou procurando compensar lacunas anteriores através de estratégias deliberadas de reaproximação. O seguinte excerto ilustra essa agência individual, particularmente nos casos em que não existiu um forte incentivo familiar ao uso do PLH: “porque o meu pai é português, eu escolhi português, mas também a outra razão é que eu queria conectar um pouco com a cultura e a minha família” (LO1).

Esta articulação entre herança familiar e agência individual permite compreender a diversidade de trajetórias observadas, evitando leituras deterministas. No conjunto das entrevistas, a micropolítica linguística familiar não surge como fator único ou suficiente para explicar os percursos, mas como um elemento central que interage com contextos comunitários, experiências individuais e oportunidades de uso ao longo do tempo.

5.3 Dinâmicas comunitárias, legitimação e oportunidades de uso do PLH

5.3.1 Aulas formais de português como espaço de contacto institucional com o PLH

Nos relatos analisados, as aulas formais de português surgem como um dos principais dispositivos institucionais de contacto com o PLH fora do espaço familiar. A sua presença nas trajetórias dos participantes é, no entanto, variável, quer em termos de acesso, quer quanto ao momento do ciclo de vida em que ocorrem. Em alguns percursos, as aulas são referidas como parte integrante da infância ou adolescência; noutros, estão ausentes ou surgem apenas em fases posteriores, por iniciativa individual.

No corpus analisado, a frequência de aulas formais na infância nem sempre é descrita de forma positiva no momento em que ocorreu, existindo referência a resistência, desmotivação ou falta de interesse. Este posicionamento pode ser interpretado como reflexo da forma como as aulas eram percebidas no quotidiano infantil, eventualmente em continuidade com o espaço escolar. Contudo, em leituras retrospectivas, essas experiências são frequentemente reavaliadas de forma mais favorável na idade adulta, sendo reconhecido o seu contributo para a manutenção de competências linguísticas, sobretudo ao nível da literacia e do contacto com registos mais formais da língua. Este movimento de revalorização confirma que o impacto das aulas não se esgota na experiência imediata, podendo ganhar significado em fases posteriores da trajetória. A seguinte partilha ilustra esta perspetiva: “as a kid, you don't realize the gift it is to learn another language, because it unlocks cognitive skills that helps you in other parts of life” (LO2).

Por outro lado, nos percursos em que as aulas formais estiveram ausentes durante a infância, os participantes tendem a referir lacunas específicas no repertório, nomeadamente ao nível da escrita, da leitura ou do vocabulário mais técnico. Nesses casos, a ausência de contacto institucional com o português é descrita como fator que contribuiu para uma relação mais restrita com a língua, frequentemente limitada ao espaço familiar e a interações orais informais. Em alguns relatos, esta constatação motiva, já na idade adulta, a procura de aulas ou de outros contextos estruturados de aprendizagem, integrando-se num processo mais amplo de revalorização do PLH.

Importa sublinhar que, nos dados analisados, a simples existência de aulas formais não garante, por si só, continuidade no uso do português. O impacto destas experiências parece depender da articulação com práticas familiares, da regularidade da frequência e da forma como os participantes percecionam a legitimidade e utilidade do português nos seus percursos pessoais. Assim, neste corpus, as aulas formais emergem menos como fator determinante isolado e mais como recurso potencial, cujo efeito varia em função do contexto e das trajetórias individuais.

5.3.2 Participação em eventos sociais e circulação do português no espaço comunitário

A partir das narrativas recolhidas, a participação em eventos sociais associados à comunidade portuguesa surge como um dos principais contextos de contacto com o PLH fora do espaço familiar. Estes eventos incluem festas, celebrações culturais,

encontros associativos, encontros religiosos ou iniciativas pontuais promovidas por organizações comunitárias. A sua presença nas trajetórias dos participantes é, contudo, desigual, variando em frequência, regularidade e grau de envolvimento efetivo.

Em alguns percursos do corpus, a participação em eventos sociais é descrita como esporádica e sobretudo ligada à infância ou a momentos específicos, como festividades anuais ou encontros ocasionais. Nestes casos, o contacto com o português é frequentemente apresentado como simbólico, associado a sentimentos de pertença e reconhecimento identitário, mas com impacto limitado na ampliação do repertório linguístico. O português surge como língua do ambiente, mas nem sempre como língua de interação ativa e continuada.

Noutros relatos, a participação em eventos sociais assume um carácter mais regular e integrado no quotidiano, permitindo a criação de redes de pares e oportunidades mais frequentes de uso do português. Nestes percursos, os participantes referem maior exposição a diferentes registos da língua e maior conforto na interação oral, sugerindo que a continuidade do contacto comunitário pode contribuir para a circulação do português em contextos não familiares. Ainda assim, nos dados analisados, este efeito parece depender da articulação com outras dimensões, como práticas familiares consistentes e acesso a redes socialmente significativas.

Importa sublinhar que, neste corpus, a mera existência de eventos sociais não garante, por si só, a utilização efetiva do português. A participação comunitária emerge, assim, menos como fator determinante isolado e mais como oportunidade

potencial, cujo impacto varia em função do grau de envolvimento, da regularidade e da forma como esses espaços se integram no quotidiano dos participantes.

5.3.3 Aceitação social, percepção de legitimidade e visibilidade de recursos

No corpus analisado, a relação com a comunidade portuguesa não se constrói apenas em função da existência de recursos ou de oportunidades formais de contacto com o PLH, mas também da percepção de aceitação social e de legitimidade no uso da língua. Estas dimensões emergem como elementos relevantes para compreender por que razão determinados recursos comunitários são mobilizados por alguns participantes e permanecem periféricos ou inativos para outros.

Em diferentes percursos do corpus, os participantes referem percepções diferenciadas quanto ao estatuto social da língua e da cultura portuguesas no contexto de acolhimento. Em alguns relatos, o português é descrito como socialmente visível e reconhecido, funcionando como marcador identitário positivo; noutros, a língua surge associada a um valor mais neutro ou pouco saliente no espaço público. Existem ainda casos em que a aceitação social é percecionada de forma negativa, sendo referidas experiências de menor reconhecimento social do português, o que parece influenciar a disposição para usar a língua fora do espaço familiar e para investir em contextos comunitários de contacto com o PLH. Tal perspetiva é partilhada no seguinte excerto: quando nós éramos crianças, o português não era muito bem, não era, sei lá, não era muito bem visto. Era aquela

comunidade que eram pessoas mais que não eram tão cultas como os franceses ou sei lá, não sei, não era uma coisa...” (PA4).

A análise das entrevistas sugere, assim, que a percepção de legitimidade enquanto falante constitui uma dimensão interpretativa central. Participantes que se percebem como falantes legítimos — independentemente de reconhecerem limitações no seu repertório — tendem a relatar maior conforto na utilização do português em contextos comunitários. Pelo contrário, quando o repertório é percebido como insuficiente ou inadequado, observa-se maior reserva no uso da língua, mesmo em espaços onde o português está presente. Importa sublinhar que esta percepção de legitimidade não é apresentada como consequência direta de avaliações externas explícitas, mas como construção progressiva, influenciada por experiências anteriores e pelo modo como a língua circula socialmente.

Por sua vez, os dados mostram que a visibilidade de recursos comunitários (aulas, eventos, iniciativas culturais ou religiosas) não se traduz automaticamente em apropriação efetiva. Em alguns percursos, os participantes reconhecem a existência desses recursos sem, contudo, os integrar de forma regular nas suas práticas linguísticas. Neste conjunto de entrevistas, a distância entre existência e mobilização dos recursos parece estar relacionada menos com a sua oferta formal e mais com a forma como os participantes avaliam a sua pertinência, acessibilidade e relevância para as suas próprias trajetórias linguísticas. Como exemplo desta situação, num contexto geográfico com forte presença da comunidade portuguesa, surge a seguinte o seguinte relato: “os meus pais não ... lidavam com essas associações, não sei dizer porquê” (PA2).

Em síntese, os dados sugerem que a aceitação social percebida, a sensação de legitimidade enquanto falante e a visibilidade dos recursos comunitários constituem dimensões interligadas, que condicionam a forma como o PLH circula no espaço público. Estas dimensões não atuam de forma isolada nem determinística, mas ajudam a compreender variações nos modos de envolvimento comunitário observados nas trajetórias analisadas.

5.4 Articulação entre família, comunidade e identidade linguística: perfis comparativos

Esta secção propõe uma leitura integrada dos resultados, articulando as dinâmicas familiares e comunitárias analisadas anteriormente com dimensões da identidade linguística. A partir do conjunto das entrevistas, são delineados perfis interpretativos que ajudam a organizar diferentes formas de relação com o PLH, preservando a singularidade das trajetórias analisadas. Estes perfis não correspondem a categorias fechadas nem a tipologias rígidas, mas constituem instrumentos analíticos que permitem sintetizar combinações recorrentes de práticas, percepções e posicionamentos identitários observados no corpus.

Perfil 1 — Continuidade sustentada: articulação entre família e comunidade

Este perfil caracteriza-se por trajetórias em que o português circula de forma relativamente consistente no espaço familiar e encontra reforço em contextos comunitários acessíveis e legitimadores. No plano doméstico, observa-se a

presença regular do português nas interações quotidianas, ainda que em coexistência com a língua dominante, o que contribui para a manutenção de repertórios funcionais e para uma relação estável com a língua de herança.

No plano comunitário, estes percursos incluem o acesso e a participação em contextos que permitem o uso do português para além do espaço familiar, como aulas formais, eventos sociais ou outras iniciativas comunitárias. Nestes casos, a comunidade não surge apenas como referência simbólica, mas como espaço praticável de interação linguística, oferecendo oportunidades de uso diversificado e validação externa.

Ao nível identitário, este perfil associa-se a um sentimento de pertença linguística relativamente estável e a níveis mais elevados de conforto no uso do português. A autoestima linguística tende a ser descrita como média a alta, mesmo quando os participantes reconhecem limitações no seu repertório, o que favorece uma maior disponibilidade para usar a língua em diferentes contextos. A transmissão do português é, nestes percursos, geralmente valorizada, sendo encarada como continuidade natural da experiência vivida.

Elementos deste perfil observam-se, por exemplo, nos percursos de PA1 e NJ2, nos quais a articulação entre práticas familiares consistentes e envolvimento comunitário contribui para uma relação mais segura e legitimada com o PLH.

Perfil 2 — Português doméstico com legitimação sobretudo simbólica

Este perfil corresponde a trajetórias em que o português mantém uma presença significativa no espaço familiar, sobretudo associado a relações afetivas e à história

familiar, mas encontra menor projeção em contextos comunitários de uso regular. No plano doméstico, o português é utilizado de forma consistente nas interações com pais ou outros familiares próximos, funcionando como língua de comunicação íntima e de pertença, ainda que em coexistência com a língua dominante.

No entanto, ao nível comunitário, estes percursos caracterizam-se por uma participação mais limitada ou esporádica em contextos de uso do português. A comunidade surge frequentemente como referência simbólica — através de eventos pontuais, contactos ocasionais ou simples reconhecimento identitário —, sem se traduzir numa circulação regular da língua em espaços públicos ou institucionais. A visibilidade do português é reconhecida, mas a sua mobilização efetiva permanece restrita.

Do ponto de vista identitário, este perfil associa-se a um sentimento de pertença linguística forte, ancorado sobretudo na família e na memória afetiva. A autoestima linguística revela-se variável: embora os participantes se sintam legitimados a usar o português em contextos familiares, manifestam maior reserva ou insegurança fora desse espaço. A transmissão da língua é, em geral, valorizada, mas surge por vezes acompanhada de dúvidas quanto às condições necessárias para a concretizar, sobretudo na ausência de apoio comunitário percebido como praticável.

Elementos deste perfil observam-se, por exemplo, nos percursos de PA2 e LO2, em que o português ocupa um lugar central na esfera familiar e identitária, mas permanece menos presente em práticas comunitárias regulares, funcionando sobretudo como recurso simbólico de pertença.

Perfil 3 — Contacto limitado no espaço familiar e comunitário, com pertença variável e investimento tardio

Este perfil reúne trajetórias em que o contacto com o português foi reduzido tanto no espaço familiar como no contexto comunitário ao longo da infância e adolescência. Nestes percursos, o português não se estabelece como língua de socialização quotidiana no lar, nem encontra reforço sistemático através de aulas formais ou de participação regular em contextos comunitários. A presença da língua é, assim, descrita como episódica ou residual, frequentemente circunscrita a referências identitárias mais difusas.

Apesar desse contacto limitado, o sentimento de pertença linguística não é necessariamente inexistente. Nos dados analisados, este perfil associa-se a níveis variáveis de pertença, que podem oscilar entre moderados e fortes, mesmo quando a competência linguística é percebida como reduzida. Esta dissociação entre pertença e uso efetivo do português revela que a identidade linguística pode construir-se de forma relativamente autónoma face às práticas de socialização linguística vividas na infância.

Ao nível da autoestima linguística, os participantes que se enquadram neste perfil tendem a relatar níveis médios ou baixos de confiança no uso do português, particularmente em contextos públicos ou formais. A perceção de um repertório limitado ou incompleto contribui, em alguns casos, para maior evitamento da língua. No entanto, esta mesma perceção surge frequentemente como motor de um investimento tardio, traduzido na procura de aulas, no aumento do contacto com a

língua através de meios mediáticos ou no esforço deliberado de reaproximação ao português na idade adulta.

A transmissão do português é, nestes percursos, geralmente valorizada a nível simbólico, embora frequentemente acompanhada da consciência das dificuldades associadas à ausência de uma base linguística sólida ou de contextos de apoio percebidos como acessíveis. Assim, o investimento adulto surge menos como continuidade de uma experiência prévia e mais como tentativa de reconstrução do vínculo linguístico e identitário.

Elementos deste perfil observam-se, por exemplo, nos percursos de LO1 e NJ1, nos quais a ausência de socialização regular em português no espaço familiar e comunitário coexiste com um sentimento de pertença linguística variável e com níveis de autoestima linguística descritos como médios ou baixos, dando origem, em fases posteriores, a estratégias de reaproximação ou investimento individual.

5.5 Implicações para políticas linguísticas e educativas

Os dados analisados apontam para a necessidade de interpretar as trajetórias dos falantes de PLH a partir de uma lógica multifatorial: não basta perguntar se aprenderam ou se mantiveram a língua; é preciso considerar como a família, a comunidade, as oportunidades escolares e as ideologias dominantes se combinam para abrir ou fechar possibilidades reais de uso e desenvolvimento. Neste enquadramento, as implicações para políticas linguísticas e educativas podem ser organizadas em três frentes: (i) oferta e desenho de recursos educativos, (ii)

legitimação institucional das línguas de herança e (iii) combate a ideologias linguísticas que geram insegurança e apagamento.

Em primeiro lugar, os resultados reforçam a importância de recursos educativos acessíveis e ajustados ao perfil dos falantes de herança. Nos contextos anglófonos, a ausência de oportunidades formais para contacto sistemático com o português foi descrita como um fator que contribuiu para trajetórias descontínuas e para o afastamento da língua em determinadas fases da vida. Esta lacuna não é apenas individual: relaciona-se com uma orientação política mais ampla que, em muitos países de acolhimento, tende a privilegiar modelos monolingues e assimilacionistas, dificultando o reconhecimento institucional das LH (Duarte, 2012:13–14). Como observa Cummins (2005, citado em Duarte, 2012:14), “somos confrontados com o cenário bizarro de as escolas estarem a transformar (com sucesso) falantes fluentes de línguas estrangeiras em falantes monolingues de inglês”. Neste sentido, programas que integrem o PLH de forma curricular (ou, pelo menos, reconhecida e estável), bem como formação docente sensível à diversidade linguística e aos repertórios híbridos, poderiam mitigar a tendência para o português ficar confinado ao domínio doméstico e informal. Numa perspetiva mais aplicada, esta lacuna pode ser atenuada através da criação de uma plataforma digital orientada para falantes de herança, com percursos modulares e flexíveis (por idades/perfis e por objetivos), articulando aprendizagem autónoma e momentos síncronos (tutoria, clubes de leitura e grupos de conversação), de modo a assegurar contacto regular com a língua e com registos não domésticos. Para possibilitar respostas ajustadas às especificidades de cada perfil, a plataforma poderia integrar um diagnóstico inicial simples (componente oral, breve produção escrita e

questionário linguístico autobiográfico), apoiando a colocação em percursos adequados e o reconhecimento de competências já existentes, em vez de partir de uma lógica deficitária. Importa ainda sublinhar que o PLH não se reduz à dimensão linguística: envolve também pertença, práticas culturais e literacias comunitárias; por isso, faria sentido incluir conteúdos culturais estruturados (por exemplo, narrativas familiares e memória migrante, música e media em português, referências histórico-culturais, práticas comunicativas quotidianas e eventos da comunidade), favorecendo um contacto significativo e socialmente situado com a língua. Em paralelo, pode considerar-se a criação de uma rede híbrida (local + online) entre associações, escolas comunitárias e entidades educativas/culturais, com oferta estável e bem divulgada, reduzindo a dependência exclusiva da mobilização pontual das famílias e reforçando a função comunitária destas estruturas. Para apoiar a adesão e a continuidade, seria igualmente importante prever um plano de divulgação e captação ajustado aos públicos-alvo, combinando presença ativa nas redes sociais, parcerias com associações e escolas, e circulação de informação em canais comunitários e institucionais. Finalmente, a concretização destas medidas pressupõe investimento em formação contínua de docentes para LH/PLH e em repositórios de recursos adaptáveis, sustentando práticas pedagógicas diferenciadas em contextos extra-letivos.

Em segundo lugar, importa sublinhar que iniciativas comunitárias, embora valiosas, raramente são suficientes sem apoio institucional. A análise sugere que a escola complementar e a comunidade podem legitimar e reforçar a língua, mas a sua eficácia depende da regularidade, da qualidade pedagógica e do capital simbólico que a língua possui no espaço público. Aqui, a atuação de instituições

portuguesas pode desempenhar um papel estratégico ao criar condições de apoio estruturado. O trabalho do Instituto Camões, por exemplo, através da criação de Centros de Língua Portuguesa em universidades estrangeiras, constitui uma via importante para fortalecer o ensino-aprendizagem da língua e culturas lusófonas e para desenvolver materiais e atividades dirigidas também a falantes de herança (Duarte, 2012:72). O exemplo do Centro de Língua Portuguesa Instituto Camões/UMass Boston ilustra a possibilidade de articular ensino, cultura e recursos pedagógicos num espaço com legitimidade académica.

Em terceiro lugar, os resultados sugerem que políticas linguísticas e educativas devem incorporar explicitamente uma dimensão ideológica: a associação entre monolingüismo e identidade nacional, ainda muito presente em vários contextos, pode contribuir para desvalorização do PLH e para experiências subjetivas de inadequação, vergonha ou retraimento. Estas ideologias não afetam apenas o que é ensinado; afetam o que é considerado “legítimo” dizer e como os próprios falantes avaliam a sua competência. Neste ponto, a análise de Deprez (2003:6–7) é especialmente relevante para o caso francês, ao mostrar como variedades de português marcadas por influências do francês ou por formas híbridas podem ser alvo de rejeição, tanto no país de acolhimento como no de origem, produzindo insegurança linguística e violência simbólica. Inspirando-se em Bourdieu, a autora salienta que o bilingüismo dos migrantes pode ser entendido como um capital simbólico e funcional cuja valorização no mercado linguístico é limitada, dificultando o reconhecimento social das competências linguísticas dos falantes.

Esta dimensão ideológica ajuda ainda a interpretar um dado metodológico do estudo: a dificuldade em recrutar participantes para entrevistas pode ser entendida como indicador indireto da carga simbólica associada ao PLH. A relutância em participar pode refletir não apenas constrangimentos práticos, mas também receios de exposição linguística, interiorização de discursos de desvalorização e memórias afetivas ambivalentes. Tal como Deprez (2003:3) sugere, o baixo estatuto social e a ausência de reconhecimento institucional da língua contribuem para a marginalização do português e para o enfraquecimento da sua legitimidade nos percursos individuais. Assim, é plausível interpretar a fraca adesão ao estudo como expressão de bloqueios identitários e de insegurança relativamente ao próprio repertório linguístico.

Neste sentido, uma implicação central desta dissertação é a necessidade de construir ambientes educativos e sociais que valorizem o plurilinguismo, reconhecendo as línguas de herança como recursos legítimos, afetivos e culturais — e não como “português imperfeito” ou como obstáculo à integração. Como destacam Flores e Melo-Pfeifer (2014:23), “a valorização e o reconhecimento por parte das comunidades (de acolhimento e de origem) são essenciais para a manutenção da LH em família e como elo de ligação entre membros da comunidade migrante”. Essa valorização implica, por um lado, políticas públicas que criem oportunidades estruturadas de aprendizagem (incluindo percursos para falantes de herança) e, por outro, práticas pedagógicas que reconheçam repertórios híbridos, promovam segurança linguística e reforcem o sentimento de pertença identitária. Como defende Leeman (2015,101), o ensino da LH tem um papel central na construção identitária, oferecendo aos falantes oportunidades para se

posicionarem em relação à sua herança cultural e ao seu lugar na sociedade majoritária.

5.6 Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras

Este estudo apresenta limitações que importa reconhecer para enquadrar a interpretação dos resultados e clarificar o alcance das conclusões. Em primeiro lugar, a dimensão da amostra e a diversidade dos contextos analisados exigem prudência na extensão destes resultados a outros grupos da diáspora lusodescendente. O estudo baseia-se em nove participantes (quatro de Paris, três de Londres e dois de Nova Jersey), selecionados segundo uma lógica de amostragem qualitativa e intencional, orientada para a exploração aprofundada de percursos linguísticos individuais, e não para a obtenção de representatividade estatística. Neste sentido, os resultados não devem ser entendidos como descritivos da totalidade das comunidades lusodescendentes em Paris, Londres e Nova Jersey, mas como evidência situada de experiências específicas, marcadas por histórias familiares, decisões educativas, condições migratórias e dinâmicas comunitárias particulares. Embora a abordagem qualitativa permita aceder a descrições densas e aos significados atribuídos pelos próprios participantes às suas experiências linguísticas, o número reduzido de entrevistas e a heterogeneidade dos percursos reforçam a necessidade de uma leitura contextualizada dos dados. As conclusões alcançadas refletem, assim, trajetórias singulares e processos interpretativos que podem não ser partilhados por outros

falantes de herança, mesmo dentro do mesmo espaço geográfico ou geracional. O contributo do estudo reside, portanto, menos na formulação de conclusões extensivas e mais na identificação de padrões interpretativos, tensões recorrentes e mecanismos sociolinguísticos que podem servir de base à formulação de hipóteses e a investigações posteriores de maior escala.

O processo de recrutamento revelou-se, em si, uma limitação relevante do estudo. Foram efetuadas múltiplas tentativas de contacto com potenciais participantes nos três contextos analisados, recorrendo a abordagens diretas, redes de conhecidos e contactos informais, bem como ao envio de mensagens para associações e coletividades locais e à divulgação em redes sociais. Apesar desses esforços, a taxa de resposta foi reduzida, sugerindo uma resistência significativa à participação em entrevistas centradas na experiência linguística pessoal. Em vários casos, indivíduos que abordavam informalmente o tema da língua portuguesa ou da herança linguística recusaram participar quando convidados a contribuir de forma estruturada para o estudo. Algumas recusas foram acompanhadas de justificações explícitas que apontam para dimensões afetivas e psicolinguísticas associadas ao tema. Um potencial participante de Nova Jérсия indicou encontrar-se num período de elevado stress pessoal, referindo que a possibilidade de participar numa entrevista acrescentava um fator de ansiedade com o qual não se sentia capaz de lidar naquele momento. Noutra situação, uma entrevistada mostrou-se reticente em partilhar a sua experiência pessoal com a língua portuguesa, redirecionando sistematicamente a conversa para questões de política linguística nacional e evitando, apesar de várias tentativas de reorientação da entrevista, abordar o seu percurso individual. Estas situações sugerem que, para alguns falantes de herança,

falar sobre a própria relação com a língua pode implicar um grau de exposição emocional, insegurança linguística ou desconforto identitário que dificulta a verbalização da experiência. Nesse sentido, a dificuldade de recrutamento não deve ser entendida apenas como um constrangimento logístico, mas também como um dado relevante sobre o próprio objeto de estudo. A relutância em participar pode refletir ideologias linguísticas internalizadas, sentimentos de legitimidade fragilizada enquanto falante de herança ou experiências passadas de julgamento e estigmatização, aspetos que merecem atenção específica em investigações futuras, bem como no desenho ético de metodologias de recolha de dados.

Uma terceira limitação decorre do carácter retrospectivo das entrevistas. A análise depende de memórias e interpretações construídas a posteriori, o que pode introduzir vieses de seleção e de reconstrução narrativa (por exemplo, enfatizar certos episódios e esquecer outros, reinterpretar decisões familiares à luz de resultados atuais, ou organizar a experiência num arco coerente que pode não ter sido vivido assim no momento). A leitura dos dados deve, por isso, considerar que as entrevistas captam não apenas o que aconteceu, mas também como os participantes hoje ressignificam o seu percurso.

Uma quarta limitação prende-se com a ausência de triangulação de perspetivas. Não foram recolhidos dados junto de pais, professores, responsáveis por escolas comunitárias ou outros membros das comunidades, o que teria permitido compreender melhor as micropolíticas familiares e comunitárias a partir de múltiplos pontos de vista. Além disso, não foram aplicados instrumentos complementares (por exemplo, questionários sociolinguísticos mais sistemáticos ou tarefas de

proficiência), o que limita a comparação entre percepções dos participantes e indicadores linguísticos mais objetivos.

Tendo em conta estas limitações, sugerem-se algumas linhas de investigação futura:

- Alargar a amostra, aumentando o número de participantes e incluindo mais países e regiões, o que permitiria comparar ecologias linguísticas distintas (densidade comunitária, políticas educativas locais, modelos de integração).
- Explorar, de forma específica, as barreiras de participação em investigação com falantes de herança (insegurança linguística, medo de julgamento, experiências de estigmatização), testando estratégias éticas e metodológicas de recrutamento que reduzam a exposição e promovam maior confiança (por exemplo, entrevistas mais curtas, formatos anónimos, recolha online, ou mediação via associações).
- Integrar métodos mistos (qualitativos e quantitativos) para triangulação de dados, combinando entrevistas em profundidade com questionários sociolinguísticos, escalas de atitudes linguísticas e, quando pertinente, medidas de proficiência ou tarefas de produção/compreensão.
- Desenvolver estudos longitudinais, acompanhando crianças e famílias lusodescendentes ao longo de vários anos, de modo a observar mudanças reais (e não apenas lembradas) na exposição, uso e competência em português, bem como nos investimentos identitários ao longo do tempo.

- Analisar práticas pedagógicas e modelos curriculares em escolas comunitárias de português no estrangeiro, incluindo a adequação dos materiais ao perfil de falantes de herança, a formação de professores e as estratégias de articulação com famílias e instituições locais.

Em síntese, apesar de limitado em escala, o estudo aponta para a complexidade das trajetórias de PLH e abre espaço para investigações futuras mais amplas e trianguladas, capazes de aprofundar o impacto das decisões familiares, dos recursos comunitários e das ideologias linguísticas na construção de repertórios bilíngues em contextos migratórios.

6. CONCLUSÃO

A presente dissertação procurou compreender as dinâmicas de uso do português entre membros da diáspora portuguesa em diferentes contextos geográficos, analisando simultaneamente condições de socialização linguística (família, comunidade, escola) e vivências subjetivas associadas à língua. O foco incidiu sobre a forma como o português, enquanto língua de herança, circula (ou se retrai) no quotidiano migratório e sobre como as identidades linguísticas são construídas, negociadas e reconfiguradas ao longo do tempo.

A metodologia qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas a lusodescendentes residentes em Paris, Londres e Nova Jersey, permitiu captar

trajetórias linguísticas marcadas por assimetrias e reequilíbrios. Os resultados evidenciam que a presença do português não depende apenas de fatores estruturais — como a existência de ensino complementar, a densidade da comunidade ou a visibilidade pública da língua —, mas também de elementos menos visíveis, porém decisivos: a consistência (ou flexibilidade) das micropolíticas familiares, os investimentos individuais na idade adulta, e o vínculo afetivo que liga a língua a memórias, relações e pertencas.

As narrativas recolhidas mostram que o português pode funcionar como elo de continuidade familiar e cultural, mas também como lugar de tensão. Em diferentes momentos, surgem sentimentos de pertença e orgulho, nostalgia e resistência, mas também experiências de distância, insegurança e retraimento comunicativo. Esta coexistência de sentimentos confirma que o bilinguismo em contextos migratórios não é uma experiência linear nem homogênea: oscila em função do contexto de acolhimento, das ideologias linguísticas dominantes, do acesso a redes comunitárias e das oportunidades reais de uso significativo da língua. Assim, o português assume um papel identitário dinâmico: por vezes reforçado pelos laços familiares e pela validação comunitária; por vezes enfraquecido por pressões de integração, por hierarquias linguísticas e pela redução da língua de herança a um registo doméstico e informal.

Em termos conclusivos, este estudo contribui para uma compreensão mais fina das experiências de falantes de português em contextos migratórios, valorizando as suas vozes e reconhecendo a relevância dos afetos, das histórias de vida e das escolhas quotidianas no percurso linguístico. O português, enquanto língua de

herança, adquire significados diversos ao longo das trajetórias individuais: pode ser património emocional, competência útil, símbolo de pertença ou projeto de reconexão tardia. A diversidade destes percursos convida a repensar práticas educativas e culturais em perspetiva plurilingue, reconhecendo repertórios híbridos e experiências não lineares sem hierarquizar línguas nem impor trajetos normativos.

Referências Bibliográficas

- Bandura, Albert (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. Macmillan.
- Carreira, Maria (2004). Seeking explanatory adequacy: A dual approach to understanding the term “heritage language learner”. *Heritage Language Journal*, 2(1), 1-25.
- de Castro, Elaine & de Oliveira, Ulisses Tadeu Vaz (2022). A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. *Entretextos*, 22(3), 25-45. DOI:10.5433/1519-5392.2022v22n3p25-45
- Deprez, Christine (2003). *Sociolinguistic remarks about Portuguese in France: Construction of a stigmatized sociolect*. Conference on “Language and (im)migration in France, Latin America, and the United States.” University of Texas. Disponível em <https://www.utexas.edu/cola/franceut/files/pdf/resources/deprez.pdf>
- Duarte, Sofia Maria de Carvalho Campos (2012). *Português Língua de Herança: Da Teoria à Prática* (Dissertação de mestrado em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira, Universidade do Porto).
- Duff, Patricia A. (2007). Second language socialization as sociocultural theory: Insights and issues. *Language teaching*, 40(4), 309-319. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0261444807004508>
- Extra, Guus, & Gorter, Durk (2008). The constellation of languages in Europe: An inclusive approach. *Multilingual Europe: Facts and Policies*, 3-60. <https://doi.org/10.1515/9783110208351>
- Faleiros, Pedro Bordini, & Ferreira, André Luíz (2021). Como e o que escrever em um relatório científico de pesquisa empírica?. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, 2. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v2i0.7047.
- Faneca, Rosa Maria (2015). A minha língua também é a Língua Portuguesa: O rosto do Português Língua de Herança. *Pelos Mares da Língua Portuguesa*, 313-336.
- Faneca, Rosa Maria (2013). Aprendizagem e representações do português língua de herança por lusodescendentes em França em contextos não formais. *Indagatio Didactica*, 5(3), 29-49.
- Fishman, Joshua A. (2014). Three Hundred-Plus Years of Heritage Language Education in the United States 1. In *Handbook of heritage, community, and native American languages in the United States* (pp. 36-44). Routledge, Nova Iorque. DOI: 10.4324/9780203122419

- Flores, Cristina (2013). Perder uma língua na infância: um estudo longitudinal sobre erosão linguística. In *Textos Selecionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, APL, 2013, pp. 359-381.
- Flores, Cristina, & Melo-Pfeifer, Sílvia (2014). Políticas linguísticas familiares e herança cultural. *Revista da Associação de Estudos Lusófonos*.
- García, Ofelia (2009). Emergent Bilinguals and TESOL: What's in a Name?. *Tesol Quarterly*, 43(2), 322-326. DOI: 10.1002/j.1545-7249.2009.tb00172.x
- Guardado, Martin (2008). Language, identity, and cultural awareness in Spanish-speaking families. *Canadian Ethnic Studies*, 40(3), 171-181.
- Guazi, Taísa Scarpin (2021). Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, 2, p.1-20. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v2i0.7131
- He, Agnes Weiyun (2006). Toward an identity theory of the development of Chinese as a heritage language. *Heritage Language Journal*, 4(1), 1-28. DOI: <https://doi.org/10.46538/hlj.4.1.1>
- De Houwer, Annick (2007). Parental language input patterns and children's bilingual use. *Applied psycholinguistics*, 28(3), 411-424. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0142716407070221>
- Kagan, Olga (2012, September). Intercultural competence of heritage language learners: Motivation, identity, language attitudes, and the curriculum. In *Proceedings of intercultural competence Conference*, Vol. 2, 72-84.
- Koven, Michele; Marques, Isabelle Simões (no prelo, 2026) Linguistic Anthropological Approaches to Portuguese in the diaspora, in Ana M. Carvalho & Livia Oushiro, *The Oxford Handbook of Portuguese Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Lam, Virginia L., & Catto, Alexandra C. (2023). *Heritage language use and proficiency: Acculturation, identities and psychological health*. *Journal of Home Language Research*, 6(1), Article 3. DOI: <https://doi.org/10.16993/jhllr.51>
- Lambert, Wallace E. (1978). Psychological approaches to bilingualism, translation and interpretation. In *Language interpretation and communication*, 131-143. Boston, MA: Springer US.
- Leeman, Jennifer (2015). Heritage language education and identity in the United States. *Annual Review of Applied Linguistics*, 35, 100–119. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0267190514000245>
- Marques Isabelle Simões (2022) A lusodescendência em literatura: escritas de herança ou errância? in Maria João Simões (Coord.), *Imagologia e Mobilidade -*

Movidas e Migrações Figuradas, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 279-302. DOI: 10.14195/978-989-26-2378-8

Marques, Isabelle Simões (2021) As línguas como pontes: abordagem da interculturalidade e do plurilinguismo literário em PLE. In Vieira, M. Silva de Paula; Almeida, P. Vasconcelos (orgs.) *Por palavras e gestos: a arte da linguagem*, vol. III. Curitiba: Artemis, 208-218. DOI: 10.37572/EdArt_28012126216

Marques, Isabelle Simões; Koven, Michele (2019) We are going to our Portuguese homeland!: French Luso-descendants diasporic Facebook conarrations of vacation return trips to Portugal. In: De Fina, A.; Perrino, S. (eds.), *Storytelling in the Digital World*. Amsterdam: Johns Benjamins, 79-103.

Marques, Isabelle Simões (s.d.). *Imagens e representações da/na emigração nas redes sociais: O caso de A Gaiola Dourada* [Comunicação apresentada em congresso].

Melo-Pfeifer, Sílvia (2019). O que Podem a “Toranja”, os “Anfíbios” e os “Todo-o-Terreno” Explicar Acerca da LH? Reflexões Acerca da Didática do Português Língua de Herança. *LinCool: Língua e Cultura, a Revista Eletrônica sobre o PLH*, 3 (Edição especial: Nossa língua é o que nos une), 5–12.

Montrul, Silvina (2016). *The acquisition of heritage languages*. Cambridge University Press, Cambridge.

Norton, Bonny (2013). Identity and language learning: Extending the conversation. In *identity and language learning*. Multilingual matters. DOI: <https://doi.org/10.21832/9781783090563>

Oliveira, Beatriz (2022). Imagens da língua e cultura portuguesas de falantes de português língua de herança nos Estados Unidos e Canadá. *Linguarum Arena*, 13.

Petrovic, John E., & Olmstead, Susan (2001). Language, power, and pedagogy: Bilingual children in the crossfire, by J. Cummins. *Bilingual Research Journal*, 25(3), 405–412. DOI: <https://doi.org/10.1080/15235882.2001.10162800>

Polinsky, Maria (2018). *Heritage languages and their speakers* (Vol. 159). Cambridge University Press, Cambridge.

Polinsky, Maria, & Kagan, Olga (2007). Heritage languages: In the ‘wild’ and in the classroom. *Language and linguistics compass*, 1(5), 368-395.

Schwartz, Mila (2010). Family language policy: Core issues of an emerging field. *Applied linguistics review*, 1(1), 171-192.

Shohamy, Elana (2006). *Language policy: Hidden agendas and new approaches*. Routledge, Londres. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203387962>

- Silvestre, Maria José, Fialho, Isabel, & Saragoça, José (2014). Da palavra à construção de conhecimento. Meta-avaliação de um Guião de Entrevista semi-estruturada. In A. P. Costa, L. P. Reis, F. N. Souza & R. Luengo (Eds). *Libro de Actas de 3º Congreso Ibero-Americano en Investigación Cualitativa*, Vol. 3: Artículos de Ciencias Sociales (pp.321-330). Badajoz: Ludomedia. <http://hdl.handle.net/10174/11277>
- de Sousa, Adelino Oliveira (2013). *O Ensino do Português em França: Que Política de Língua Para as Associações da Comunidade Portuguesa* (Dissertação de mestrado em Português Língua Não-Materna, Universidade Aberta).
- Spolsky, Bernard (2004). *Language policy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Val, Adriana, & Vinogradova, Polina (2010). What is the identity of a heritage language speaker. *Heritage Briefs*, 1-11.
- Valdés, Guadalupe (2014). Heritage Language Students: Profiles and Possibilities1. In *Handbook of Heritage, Community, and Native American Languages in the United States* (pp. 27-35). Routledge, Nova Iorque. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203122419>
- Van Lier, Leo (2008). Agency in the classroom. *Sociocultural theory and the teaching of second languages*, 1163-1186.
- Warrot, Catarina Vaz (2022). Português Língua de Herança: realidades e desafios (contexto de ensino universitário). *Portuguese Language Journal*, 16. DOI: 10.56515/PLJ562476695

Anexos

Transcrição das entrevistas

Entrevista Paris1 (PA1)

Entrevistadora: Podes contar-me um pouco sobre ti, a tua idade, onde é que nasceste, de onde é que são os teus pais.

PA1: Então, eu nasci em Saint-Cloud, que é nos subúrbios de Paris, é muito perto, cerca de 5 km mesmo da fronteira de Paris, digamos assim. Tenho 41 anos...hum... Os meus pais são portugueses, são os dois transmontanos, o meu pai é da região de Montalegre e a minha mãe da Régua.

Entrevistadora: Muito bem. Qual é a tua profissão?

PA1: Sou administrativa.

Entrevistadora: Quando eras criança, em França, aprendeste a língua portuguesa?

PA1: Sim, por meio dos meus pais, como eles são nativos, portugueses, eles desde pequenina que sempre falaram comigo, por ser a língua materna deles, era a língua de casa, era era o português.

Entrevistadora: Então, tudo o que tinha a ver com a vida dentro de casa, utilizavam o português como regra geral, por norma?

PA1: Os meus pais, sim, porque para eles é a língua normal, a língua do coração, portanto é o português. Comigo, acontecia uma coisa engraçada, porque assim o francês é a que era e é a minha língua materna, portanto os meus pais comunicavam comigo em português e eu conforme, ou respondia em português ou em francês. Pronto, a maior parte das vezes tenho ideia de responder em francês, até porque também era uma maneira de os ajudar a eles a também desenvolverem essa língua, porque pronto, não era a língua materna. Mas havia conversas que eu respondia em português, pronto, talvez para eles entenderem melhor, mas da parte deles era o português, da minha era as duas. [risos]

Entrevistadora: Havia algum tópico específico em que fosse mais difícil de falar em português?

PA1: Quando havia, assim, termos mais técnicos, porque pronto, o meu português era aquele que eu aprendia com os meus pais... hum... portanto, coisas assim mais específicas. Agora, sinceramente, não me estou a lembrar assim de assuntos concretos, mas por isso é que eu respondia muitas vezes em francês, porque sentia muito mais à vontade para usar o vocabulário do que em português, porque pronto, eu conseguia ter uma conversa em português, mas também sentia que não tinha assim tanto vocabulário como em francês.

Entrevistadora: Existiam alguns hábitos familiares associados ao uso do português, por exemplo, televisão em português, livros, leitura em português, outras tradições?

PA1: Sim, por acaso, assim que começaram a aparecer os canais por cabo, pelo menos era assim que é que nós chamamos lá, em França. Sim, os meus pais

faziam a questão [sic] de ter o canal português e de ver o telejornal e depois também houve uma altura que a minha avó viveu connosco, então era muito usado também para ela continuar ligada ao país durante o tempo em que ela estava lá em casa, sendo que para ela ainda seria mais difícil comunicar em francês, porque coitadinha [risos], já nem tinha muita cabeça para aprender. Portanto, sim, tínhamos o canal. Em termos de leitura, nós também líamos muito em português e falávamos também muito uns com os outros e com outros amigos. Em termos de tradições, não somos uma família de tradições assim, como talvez outras famílias, que se lembram em determinados feriados religiosos, na nossa família não, mas sempre tínhamos, vá, por tradição estar com os nossos amigos e a família se fosse possível.

Entrevistadora: Havia algum momento em que, por exemplo, a família ou os teus pais incentivassem especificamente o uso do português? Algum incentivo para, por exemplo, durante determinado tempo falar exatamente português ou aprender e estudar português?

PA1: Sim, porque nós somos uma família religiosa e então nas nossas horas de reuniões nós tínhamos que falar em português porque, pronto, era mesmo feito em português, não é? Portanto, até era um momento que sim, não é que se escapasse alguma palavra em francês não era nenhum crime, mas de facto o objetivo era aprendermos, neste caso até da Bíblia, tudo em português, portanto, também era uma forma de lermos em português, falávamos com outras pessoas também sobre os assuntos da Bíblia em português, então pelo menos três vezes por semana, duas a três vezes por semana, falávamos nessas ocasiões sempre em português.

Entrevistadora: E além dessa parte sobre a comunidade religiosa, participavas em alguma outra atividade em comunidade relacionada com a língua portuguesa, por exemplo, algum curso de línguas ou associação de portugueses no estrangeiro?

PA1: Durante, já não me lembro bem, acho que foi um ano ou dois, os meus pais inscreveram-me numas aulas de português que havia na escola, onde eu andei, na escola primária, havia, depois dessas aulas normais do currículo francês, havia esta opção para quem quisesse aprender português, pronto. E por acaso ainda éramos uns quantos filhos de portugueses a cursar essas aulas que eu acho que era uma ou duas horas por semana, já não me recordo bem. Pronto, e os meus pais até acharam por bem que eu frequentasse para melhorar um pouco mais a língua, para aprender sobre a História de Portugal, conjugação de verbos, gramáticas, pronto, porque era uma miniescola de português. O que foi muito curioso porque, de facto, eu fui para lá e até numa mesma turma, como não éramos muitos, havia como que dois níveis. Havia tipo os principiantes e depois os... não sei como é que se diz, os...

Entrevistadora: Intermédios ou avançados.

PA1: Pronto, exatamente. E a professora, pronto, como não conhecia o meu caso, pôs-me nos principiantes e depois de me mandar ler um trecho de um livro, de me ouvir falar, achei graça porque perguntou-me “mas o que é que tu estás aqui a fazer?”. Eu “olhe os meus pais inscreveram-me nas aulas e aqui estou, pronto. Tenho que obedecer” [risos]. E ela “porque tu lêes bem, tu falas bem”, portanto, passou-me logo para o grupo dos avançados porque, pronto, não viu a grande necessidade de estar a trabalhar muita coisa comigo e acabou por mostrar que

realmente o que eu estava a aprender com os meus pais desde pequenina tinha surtido muito efeito. Porque às vezes a gente não se apercebe, mas ouvir de outros que, “ah não, mas tu já tens um bom nível de português”, foi bom. Então, basicamente, essas aulas foi [sic] mais para aprender da História de Portugal, que já não me lembro, mas pronto, mas foi bom na altura. [risos]

Entrevistadora: Muito bem. Na perceção que tinhas na infância, mesmo na adolescência, como é que avalias o uso da língua portuguesa pela comunidade emigrante em França, perto de ti? No sentido de, por exemplo, era fácil de ouvir português dentro da comunidade, na rua, ou era algo que era visto de certa forma como que negativo? As pessoas identificarem-se com portuguesas ou lojas, restaurantes portugueses, etc. Qual é a tua noção disso?

PA1: Eu, pelo menos em França, sempre vi a comunidade portuguesa, aliás, ela é muito respeitada em França, porque é uma comunidade muito trabalhadora. Se eu não me engano, talvez das mais importantes em termos de número, pelo menos a vaga de emigração, dos anos 70, e então é uma comunidade que realmente os franceses admiram muito e apreciam. Então, na questão da construção, normalmente só procuravam portugueses. Na área da limpeza, é verdade, também procuravam muitas mulheres portuguesas, porque sabiam que eram competentes. Então, ouvir falar português na geração das pessoas que emigrou, portanto, há 50 anos atrás, era normal e não era mal visto. Já na geração dos filhos que nasceram lá, não era muito comum, porque a nossa língua, pronto, materna não era o português. Se tivéssemos só entre jovens ou com outras pessoas, naturalmente falaríamos francês. Estando com os nossos pais, com amigos portugueses, era

provável que nós também falássemos português. Mas é algo normal, não era chocante, nem era mal visto. E a comunidade de lá entre si também fala. Também existem muitas lojas portuguesas. E vê-se que têm orgulho nisso, não tem vergonha de apresentar os produtos portugueses. É interessante que alguns supermercados até já reservam umas prateleiras para produtos portugueses, porque é uma comunidade tão presente, assim como já fazem com outras, não é? Com a comunidade árabe, italiana, pronto. Mas a portuguesa também está lá, portanto, eu acho que é evidência que realmente não há qualquer vergonha em apresentar que a pessoa é portuguesa.

Entrevistadora: Já percebi que existia muito incentivo ao uso da língua. Encontrei algumas situações no nível da comunidade em que algumas pessoas, mais especificamente, que desencorajassem o uso do português?

PA1: Se havia pessoas que desencorajavam? Não, não tenho essa noção. Pelo contrário, até encorajavam, porque, como depois, normalmente, os emigrantes, não é, todos os anos voltavam ao país para encontrar as suas famílias, os pais que tinham deixado aqui, os primos... e nós não soubéssemos falar português, não iríamos comunicar com a família que tínhamos em Portugal. Portanto, o incentivo era mesmo falar, mesmo que não fosse tão bom como os pais ou um português perfeito, mas ao menos minimamente ter uma conversa para perguntar aos avós e aos primos, pronto, como é que eles estavam, como é que passou o ano, e podermos manter alguma ligação familiar. É muito importante, sem dúvida.

Entrevistadora: A nível mais pessoal, como é que avalias o teu percurso com a língua portuguesa? De uma forma positiva? Havia coisas que gostarias de mudar,

se pudesses voltar atrás e ter o poder de escolha? Foi um percurso agradável para ti?

PA1: Sim, muitas vezes, quando até olho para trás, penso como realmente tenho progredido nessa língua, como foi muito importante os meus pais sempre falarem desde pequenina, porque realmente aquele episódio de ir para a escola e da professora me dizer que não fazia ali nada, era porque os meus pais me tinham sempre ensinado bem a língua, além da leitura que eu também fazia, de revistas em português, também foi muito importante e sem me aperceber, fui construindo a língua, pronto, não é construindo, mas encaixando a língua na cabeça e foi se tornando algo natural, pronto, e agora com o passar dos tempos, convivendo cada vez mais com portugueses, acaba por ser uma língua também, pronto, já fluente, já me dá vontade. [risos] Acho que tem sido um percurso positivo, tenho ganhado mais em vocabulário [sic], ainda cometo alguns erros às vezes, às vezes dou-me conta, às vezes não, mas pronto.

Entrevistadora: Neste momento utilizas o português em que situações?

PA1: Em que situações? Olha, continuo na parte religiosa, continua a ser a língua mais importante, também para a parte familiar, para alguns amigos que eu tenho também, com os quais só consigo falar português, se quiser comunicar com eles, para as férias. E às vezes também no dia a dia, dependendo da situação. [risos]

Entrevistadora: Desafios, principais desafios na aprendizagem da língua portuguesa, por exemplo, questões relacionadas com os recursos, pelo que já mencionaste, tiveste acesso a muitos recursos na língua portuguesa, mas por

exemplo nessa escola ou em outras situações, existiram desafios que dificultaram, por assim dizer, a aprendizagem da língua portuguesa?

PA1: Grandes desafios não me lembro, portanto diria que não. Agora, desafios era [sic] às vezes, pronto, de ler algo ou ouvir alguma coisa e não entender, pronto, e aí eu perguntava aos meus pais se eles também não soubessem, pronto, teria que recorrer ao dicionário, na altura não havia internet, não havia o Google Tradutor, portanto tinha que ir ao dicionário, e esse seria talvez o maior desafio. Lá está, não sendo a minha língua materna, havia vocabulário que eu usava pouco ou não conhecia mesmo, pronto, em certas conversas ficava assim um bocadinho sem perceber aquela palavra, mas depois com o contexto da frase, pronto, entendia a ideia, mas depois sempre fui mais em perceber mesmo o que é que as palavras significam; portanto, se não fosse na altura, depois eu iria me lembrar, tens que ir pesquisar aquela palavra que é para saber para uma próxima do que é que realmente se está a falar, mas tirando isso não me estou assim a lembrar de nenhum desafio.

Entrevistadora: Com base na tua experiência, há algo que gostarias de partilhar sobre o que pode facilitar o contacto com o português, de certa forma, alguma sugestão para quem, no estrangeiro, tenta transmitir o português aos filhos?

PA1: Quem está nessa situação, se é mesmo nativo, ... português, eu acho que faz bem esforçar-se em manter o português como língua de casa, em casa, porque realmente acho que é a melhor forma de o ensinar aos filhos. Digo isso porque foi o que aconteceu comigo e sou grata, porque é uma mais-valia, temos uma língua, embora não me identifique com esta língua, mas sou muito grata por saber falá-la,

porque eu vejo que a minha geração, depois casando e tendo filhos, já não faz isso em casa, então já tem mais dificuldade em transmitir a língua já aos filhos, portanto, já são netos que já vão arranhar ali a conversa com os nossos pais que imigraram. Então, eu acho que é importante quem realmente puder ter esse objetivo de ir em casa manter o português, porque na escola, nós na rua, no trabalho, vamos falar a outra língua, seja francês ou inglês, conforme o país onde estivermos, e acho que é importante o falar, o ler, o ouvir também, são várias maneiras de aprendermos essa língua e de se tornar mais familiar para nós.

Entrevistadora: Pegando um pouco nas tuas palavras sobre quando já são os netos, já a situação ser diferente, qual é a tua opinião sobre essa situação de filhos de portugueses ensinarem, por sua vez, os seus filhos a língua portuguesa? Consideras importante, relevante no contexto familiar ou outros?

PA1: Acho que sim, é importante, porque é um legado da família. Eu acho que é quase tão importante como um património que se passa de um pai para o filho ou do filho para o neto, enfim, mas reconheço que é difícil, porque eu vejo isso a acontecer e cada vez mais. E até eu acho que, dentro de poucos anos, muitos que hoje estão a viver em França e que não têm a língua portuguesa assim tão presente, portanto, a geração já dos netos ou bisnetos, têm um nome português, mas não fala [sic], não é? Portanto, é algo que se vai perder com o tempo e é pena, porque é uma cultura que também enriquece o país onde se vive e é uma forma também, pronto, manter alguma tradição, vá, dessa língua. E é uma pena porque depois também essas gerações, quando voltam a Portugal, já têm dificuldade em comunicar também com quem está em Portugal. E é pena, não é? Normalmente já

se veem tão poucas vezes no ano e quando se veem não saber comunicar. Com o tempo, se calhar, até se perdem alguns laços familiares e é pena isso acontecer.

Entrevistadora: Há algo mais que gostarias de acrescentar, relacionado a alguma experiência que tiveste, além da experiência da escola, que consideres relevante para esta conversa?

PA1: Hum... Boa pergunta. [risos]

Entrevistadora: A pergunta mais difícil é aquela mais aberta. Há algo mais que gostarias de acrescentar à tua partilha?

PA1: Pois, acho que tentei não me esquecer de nada que fosse importante em relação a este assunto, mas diria que é um prazer, pronto, falar esta língua, ainda mais que ela está presente em quase todos os continentes, ou todos, já não me lembro bem, mas está na Europa, na América, em África, Ásia.

Entrevistadora: A Oceânia, talvez, deverá ter lá alguma comunidade, de certeza.

PA1: Exato. Acho que é de facto uma grande herança que os pais nos transmitem e que se nós cuidarmos bem dela é muito prática, não é? E pode-nos ser útil em várias situações. Estou grata, realmente, aos meus pais por me terem partilhado isto. E voilà! [risos]

Entrevistadora: Muito obrigada também pela participação e pela partilha.

Entrevista Paris 2 (PA2)

Entrevistadora: Conta-me um pouco sobre ti, de onde és, onde e onde é a família aqui em Portugal.

PA2: OK, então os meus pais chegaram a França nos anos 70. O meu pai é... vem de uma aldeia que se chama Retorta, que fica perto de Vila do Conde, na grande área do Porto. E a minha mãe vem de Trás-os-Montes. E eles conheceram-se aqui em França, já no início dos anos 70 e eu nasci em 78, em Paris. O meu irmão, tenho um irmão mais novo, nasceu 3 anos depois, em 1981 e nasceu também em Paris. Nascemos na mesma, no mesmo hospital, aliás, e e e... portanto... tive o hábito de, como é que hei-de dizer, quer dizer, nasci aqui, fiz a escola aqui em França, claro, mas todos os anos nós íamos passar o mês de agosto a Portugal e foi esse o ritmo, quer dizer, ... não ia durante o ano, só no mês de agosto, durante o mês. E era a, quer dizer, a única conexão ao país dos pais. Quer dizer, não íamos a [sic] outra época e... eu acho que aprendi o português com os meus pais quando era pequenina. Quer dizer, em nossa casa falava-se português, mas... ... houve rapidamente, eu acho uma mistura [risos] que chegou que chegou [sic] quando entrei para a escola francesa, com certeza. Eu acho que já falei com a minha mãe desse aspeto e ela, no início, nós falávamos em português, começámos a aprender o português, mas rapidamente aos 3 anos, ... tu entras para a escola maternelle aqui chama-se [sic] e o francês chega de outra maneira, quer dizer, e acho que a mistura faz-se aí um pouco neste momento, onde comesças a aprendizagem das 2 línguas. Eh... ... E o que é que eu hei-de dizer? E acho que no início a minha mãe

disse-me que respondia bastante em português, mas que rapidamente, quanto mais tempo passava na escola, mais o francês chegava e então ela falava-me em português e eu respondia ... em francês. Porque acho que e é lógico, porque estás todo dia na escola e o francês, a aprendizagem do francês começa. Mas ela disse-me quando era pequenininha, as primeiras palavras era eram palavras portuguesas, porque eu não fui a, quer dizer dos 0 aos 3 anos eu não tive, a minha mãe é que ficava comigo e ela falava português todo o dia, quer dizer, eh... e ela acho que ela começou a falar mais francês quanto mais nós íamos crescendo, ela acrescentou mais palavras francês [sic] no seu vocabulário. É lógico, também aprendeu conosco, mas no início ela disse que só falava, dos meus 0 ou 3 anos, era muito mais português, acho eu, que francês. Porque... ... pois não, ela ... quer dizer, não tinha assim amigas francesas. Acho que não sei se ouvi muito, quer dizer sim, ... ouve-se francês quando vais às compras, estás naquele, como é que se diz? Estou à procura duma palavra... aquele ambiente francês, prontos, mas acho que não sei 85%, 90% do tempo ouves os teus pais a falar português, mas... mas... e depois acho que não sei. Tenho aquela sensação que o português desaparece um bocadinho, que o francês, quanto mais tempo ficas na escola, mais lugar essa nova língua, essa língua, eh... quer dizer, quanto mais essa língua, tu eh... quer dizer, tu falas essa língua, quanto mais ela está presente e depois eu também tive a oportunidade de seguir aulas de Português eh ... na primeira [sic], na primária, era aulas, acho, não sei bem se começou no primeiro ano de, não sei como é que vocês dizem em Portugal primária, é a escola básica...

Entrevistadora: Sim, escola básica, primeiro ciclo, escola primária, vários nomes.

PA2: E acho que foi desde o primeiro ano de primária, desde que tinha para aí uma ou duas horas por semana de português, uma professora vinha à escola francesa e havia assim um grupo de filhos de emigrantes portugueses e nós seguíamos essa aula. Éramos bastante p'ra aí [sic], já não sei, mas éramos bastante. E depois de seguir todos os anos, então tinha assim 2 horas por semana de leitura, gramática, vocabulário português. Não é assim muito tempo. Mas depois no colégio [sic], no eh... sexto ano, acho eu em Portugal se diz [sic] sexto ano, quer dizer na, sim, no colégio [sic], havia uma associação portuguesa que dava aulas no Liceu Fenelon em Paris, aulas de português, 4 horas por semana. aulas de História de Portugal e também de Português, prontos... e fiz essas 4 horas por semana do 6º ano ao 12º ano.

Entrevistadora: São muitos anos, muitos anos mesmo.

PA2: E o meu português não é a grande coisa. Estou sempre à procura de palavras e... tenho um sotaque importante, mas eu vi a diferença. Tinha uma amiga no sexto ano, que era também de origem portuguesa. Os pais chegaram na mesma época, a mesma história que a minha, só que os pais dela não pensaram ou não, não sei, não a inscreveram nessa aula de português e ela nunca teve aulas de Português, só se for na escola primária, se calhar ela teve. Acho que teve na escola primária, mas depois não teve no colégio, no liceu, não teve e ela não percebe e não fala que não tenha a mesma, o mesmo nível de como é que hei-de dizer de português, prontos, e eu tenho e vê-se logo a diferença. Quer dizer, ela não percebe certas palavras, certas conversas. E acho que foi uma boa coisa que os meus pais fizeram e eu não gostava, quer dizer, no início não gostava muito de ir às aulas de

Português [risos], mas depois depois eu acho que percebia, quando vinha no verão a Portugal, eu percebia que essas aulas faziam mesmo a diferença e ajudavam-me muito no português.

Entrevistadora: Sim. Em casa havia muita influência ou muita presença do português, por exemplo, televisão, jornais, material de leitura em geral em português, algumas tradições?

PA2: Televisão, sim. Eh... Os meus pais viam os canais portugueses. Eu ouvia as notícias em português. Lembro-me disso. Livros ... não, se não for os livros que nas minhas aulas, quer dizer, tínhamos que ler, mas não vinha dos meus pais, eh ... não, livros não vinha [sic] dos meus pais e depois o que é que qual é a matéria? Não sei estou a pensar. Não, os livros, era mesmo... .. Não, os amigos, a família, claro... Os meus pais não tinham amigos franceses, quase nenhuns, eram unicamente portugueses que vinham a casa, por isso falava-se português em casa. Eh ... Mas não, livros, eram mesmo os livros dos os professores mandavam comprar e...

Entrevistadora: Havia tradições culturais que tinham vindo de Portugal também diferente da cultura francesa, mesmo a nível, até às vezes a nível religioso, devido à influência que tem na cultura, algumas tradições culturais mais portuguesas?

PA2: Eh Eu acho que nem por isso quer dizer na minha casa, a religião. Nós não íamos à missa, por exemplo, era somos [sic] católicos, mas não praticámos. Quer dizer, a minha mãe não, nunca teve esse hábito de ir à missa. Íamos à missa em Portugal, mas aqui em França não, por isso não, não houve influência da

religião e o que é que havia de eu lembra-me de.. ... não sei... Durante essa esta época do... como é que se chama... o Magoito, Magosto?

Entrevistadora: Magosto... Em novembro, não é?

PA2: Exatamente. Eu lembra-me [sic] de daquela [sic] que tínhamos que ir, não sei aonde, buscar as castanhas e beber jeropiga, que era a bebida de Trás-os-Montes. E pronto, e é verdade que os meus colegas franceses acho que não faziam nada de especial nessa época. Nem havia Halloween e essa coisa toda. Não era muito presente quando era miúda. Natal, sim, não comíamos assim... Quer dizer, é verdade que a minha mãe... quer dizer ,comer, por exemplo, bacalhau no Natal em casa não se comia bacalhau no Natal. Rapidamente a minha mãe fez o que se chama aqui dinde aux marrons, que é o que se come aqui em França e ela aprendeu a cozinhar, ela cozinhava, ela era porteira e ajudava às vezes a servir, no prédio onde morávamos, havia famílias um bocadito burguesas e ela ajudava a servir certas ceias e aprendeu com o cozinheiro a cozinhar comida francesa. E acho que rapidamente [sic], mas próprio no Natal, é verdade que bacalhau em casa, se for bolinhos de bacalhau, mas não há aquela tradição de comer o bacalhau de maneira clássica. Quando ia passar o Natal em casa da minha tia, já havia esse bacalhau, mas em casa não. Mas a minha mãe fazia, claro, a comida tem uma real influência, quer dizer, nós comíamos aletria, ela fazia rabanadas, ela fazia aqueles bolos, ... comíamos pão de ló, comíamos, como é que se chama, prontos, aqueles [sic] aquelas coisas típicas do Natal. Isso... não... estou a pensar na Páscoa, nada de especial. Acho que íamos às vezes à missa no dia de Páscoa.

Entrevistadora: Em português ou em francês? A missa.

PA2: A missa francesa. Não, quer dizer, eu sei que havia colegas minhas que os pais andavam em associações culturais com [sic] e estas associações estavam ligadas a certas igrejas com missa portuguesa. Mas nós não íamos. Os meus pais nunca estiveram nessas associações e, sim, a missa era na igreja de onde nós morávamos, em Paris, e era uma missa francesa.

Entrevistadora: Muito interessante. Por falar nessas associações, não havia uma participação direta, mas, em ocasiões pontuais, existia alguma alguns eventos culturais em que participassem?

PA2: Não. Não, não. Eu eu soube por amigas de origem portuguesas que davam [sic], comigo na escola, que existiam certas associações e, aliás, elas contavam-me que em cada fim de semana havia bailes folclóricos, havia comida e elas iam, mas nunca me convidaram [risos] e nunca fui com os meus pais e os meus pais não iam. Não, não tive essa influência. Não... Não sei porquê, porque nós vivíamos no vingtième arrondissement de Paris. Se calhar, eu sei que nos arredores de Paris, as associações eram mais, quer dizer, ... mais presentes, se calhar, não sei, que em Paris, centro, não sei... É verdade que os meus pais não ... lidavam com essas associações, não sei dizer porquê.

Entrevistadora: Às vezes, a própria família acaba por ser a comunidade. Não existe tanto essa necessidade.

PA2: Se calhar era isso, sim, era mais nos fins de semana ir em casa de familiares e eles virem a casa com amigos, exatamente.

Entrevistadora: No bairro, ou perto de onde moravas, havia influência portuguesa, por exemplo, lojas portuguesas ou algo que lembrasse Portugal no meio de Paris?

PA2: Deixa-me pensar... não, não, não... eu [sic] era mesmo um bairro. O riche arrondissement de Paris é onde estão os Campos Elíseos. É um bairro muito chique parisiense. Não havia lojas e eu acho que os meus pais iam eh... fazer compras de produtos portugueses, mas não ia, não tenho memórias de ir com eles, mas iam no no [sic] norte de Paris, tinham que levar o carro e iam comprar bacalhau, não sei, nozes, vinho, azeite, prontos, mas não não me lembro de ir com eles. Também não ia muito às compras com eles, por isso... Não, não havia lojas portuguesas. Não. Nada. No meu bairro, zero. [risos]

Entrevistadora: Agora, olhando para trás, como é que avalias o teu percurso com a língua portuguesa? Há pouco mencionaste. Sentes-te à vontade?

PA2: Em que nível?

Entrevistadora: A nível de conforto, por exemplo. Ou de dificuldades que tiveste no caminho, episódios mais positivos ou negativos?

PA2: Quer dizer, a língua portuguesa... em casa... eu falava pouco português com os meus pais, respondia em francês e eles falavam comigo em português, às vezes. Mas no verão, eu vi a utilidade da língua para comunicar com a família, com os primos e prontos e eh... sim... Senti que quando era pequenina, eu lembra-me de não gostar que os primos fizessem pouco de mim, do meu sotaque. Eu lembro-me que não, era uma coisa que não gostava, não queria ter sotaque e... e... estávamos sempre naquela, quer dizer naquela, sabes naquela... havia sempre

aquela questão de se és mais português que francês. Eu lembra-me de eles os primos tinham que perguntar se gostam mais de Portugal que França. E tinha de escolher e a gente não podia escolher. É impossível. As duas culturas fazem parte da nossa bagagem. Pois, experiência negativa é mais essa com a com a família, com mais os jovens que a fazer pouco do sotaque. Prontos... e perceber que as aulas de português iam ser importantes para mim e eu, quanto mais velha ficava, mais gostava de ir às aulas de português porque percebia o benefício dessas aulas para mim. E mesmo agora eh... quer dizer, uma língua que não praticas todos os dias, é é muito complicado manter o nível de português e eu acho que perdi com o tempo também o meu português, porque quando acabei o 12º fui para a universidade francesa. Acabei com os cursos de português. Não há, quer dizer, é verdade que não sei se existe agora, mas não há continuação dessas aulas. A associação acaba mesmo com aulas no 12º ano e, depois, na universidade tens aulas de inglês e eu aprendi o alemão e o inglês e... já deixas um pouco o português. E percebes que, com o tempo eu percebi que perdia também a fluência exatamente da língua e que tinha dificuldades... e ainda tenho, claro... com à [sic] procura de vocabulário, mas percebi há pouco tempo, quer dizer para aí uns 5 anos atrás que comecei a ler em português, que nunca lia, quer dizer do 12º aos meus 40 anos, acho que... sim, lia revistas, se calhar no verão, coisas assim, mas livros assim em português não lia claro, livros em francês, mas em português não. E acho que também eh ... é uma experiência complicada, porque não é quer dizer não quando lês um livro em francês, estás, não estás a pensar no vocabulário, na organização da frase, quer dizer, é uma coisa muito mais ... fácil e quando leio em português, custa-me mais, custa-me mais, mas, mas, mas acho que ajuda-me

também a lembrar [sic], a aprender mais vocabulário, pronto, é importante. Se não quiser perder a língua, acho que nunca vou perder. [risos] Vou continuar a manter um português mais ou menos, mas se quero aperfeiçoar o meu português, acho que passa pela fala e isso é complicado porque durante o ano eh... eu, quer dizer, não falo, por exemplo, com a (nome pessoal), que é minha amiga, nós falamos francês as duas, não falamos em português.

Entrevistadora: É a língua do coração, de certa forma.

PA2: Não sei, é a língua, nós fizemos, quer dizer, éramos vizinhas, fizemos a escola juntas e era, pronto, era, é verdade que é o nosso [sic], falamos em francês juntas, pois, mas é assim, não sei o que hei-de dizer, mas eu acho que as oportunidades para falar português são poucas. As oportunidades são poucas, porque com a minha mãe, a minha mãe fala-me em português e eu respondo em francês ou às vezes posso responder em português quando ela não percebe certas coisas. Eu, pronto, passo para o português. Mas com os meus filhos, isso é outro outro tópico interessante, porque com os meus filhos é, quer dizer, eu tenho um rapaz, o (nome pessoal) tem 17 anos e uma filha, a (nome pessoal), que tem 14 anos e quando eles eram bebés, eu casei-me com o (nome pessoal do marido), que é de origem portuguesa, também como eu, por isso e com mais ou menos a mesma história, quer dizer, nasceu aqui em França, como eu, a sua língua todos os dias é o francês, mas também teve aulas de português, *donc* ele fala bem, quer dizer, fala mais ou menos como eu português e, no entanto, tivemos essa reflexão quando eles nasceram dizemos temos que inscrevê-los em aulas de português, porque para nós foi facilitou-nos. A aprendizagem foi importante para nós e temos que fazer

a mesma, a mesma coisa para eles e... Só que a política, não sei se a política de [sic] mudou nesse assunto, mas nós estamos nos arredores de Paris. Agora estamos a viver nos arredores de Paris e na escola na escola primária onde eles estavam, não havia aulas de português, não davam aulas, não haviam [sic], não havia filhos portugueses, quer dizer o não sei como é que hei de dizer o não havia alunos que se chegassem para abrir uma aula para que uma professora viesse, não davam e então comecei a procurar uma associação. E é muito complicado e havia uma associação que dava aulas e então nós inscrevemos os miúdos. Era no sábado de manhã e ficaram lá 3 anos na aula. O meu filho chegou ao quarto ano, o quinto ano, quinto ano antes de ir para o colégio e acabavam as aulas de português. Não havia e no colégio não, quer dizer, não havia mais aulas. A professora só fazia até ao quinto ano e não havia mais solução. A única solução é era ir a Paris na associação onde eu fui, mas ir a Paris todas as semanas durante 4 horas, com as atividades deles, com o desporto, com não sei quê, era muito, eu trabalhava no sábado, era demasiado complicado e a gente deixou isso assim. Por isso, os meus filhos percebem o português. Eles percebem uma conversa eh ... simples com os avós, a família. Eles entendem bem, mas falar português é muito complicado, é muito complicado, têm muita vergonha e acho que realmente eles não têm o mesmo nível que eu tinha à idade deles porque o meu filho tem 17 anos, agora está no 12º, não teve aulas de português desde o sexto ano, por isso não tem o mesmo nível e acho pena. Acho pena porque é importante esta essa transmissão, mas de outra maneira, acho que também faz parte da integração. Quer dizer, os avós, os avós emigraram, os pais nasceram aqui, eles nasceram aqui e eh... eles gostam de Portugal. Gostam do futebol. Seguem o futebol

português, gostam mais da equipa de Portugal do que França, têm aquela aquele afeto com Portugal. Pronto, gostam de ir a Portugal, adoram, mas eu acho que nós temos que aceitar também que são mais franceses que portugueses e eles dizem, não, nós somos portugueses, não, quer dizer, culturalmente tens referências muito mais referências culturais em francês que em português. Quer dizer, tens muito mais com os colegas teus, referências comuns que com os o as tuas primas em Portugal, onde vocês não escutaram as mesmas músicas na adolescência, não leram os mesmos livros e tens que aceitar um pouco essa integração em França, quer dizer... Eu acho que... mas acho pena que eles não... e a e a minha filha, sobretudo, pede mais vezes, mas acho que podemos encontrar aulas de português, não sei quê e eu tive a procurar aulas online, mas é só brasileiros. Eu acho, não quero que ela aprenda o sotaque brasileiro é, não é, não é fácil, não é, não é fácil, mas ela está com essa vontade, o meu, o meu filho é um pouco mais. Mas ela sente que quando vai a Portugal não 'tá, quer dizer, não tem a confiança no seu nível de português e ela, acho que ela gostaria mesmo aprender mais.

Entrevistadora: Sim, interessante, muito interessante. Mesmo sendo a segunda geração a nascer em França tem essa vontade, essa atração por se sentirem mais portugueses ou quererem ser mais portugueses.

PA2: Há uma ligação muito forte a Portugal, claro. E, aliás, esses jovens agora estão têm uma... não sei se é bom, aliás, mas têm uma característica, que é que eles identificam-se muito às origens. Quer dizer, em França é um melting pot importante. Há marroquinos, algerianos, italianos, espanhóis, portugueses de origem e eles identificam-se muito com essas origens. Aliás, há muitos

marroquinos, são marroquinos, mas não falam nada, não falam árabe e não sei se é bom ter essa, quer dizer, não sei se é bom identificar-se com essa, quer dizer... é bom de uma certa maneira eh mas... mas não sei se... Há um momento onde uma pessoa tem que aceitar também que não é que é mais francês que português, mas que sim, que tem, que tem mais raízes, não tem sangue francês, mas as raízes culturais, as raízes, a língua, são mais francesas para eles [sic] e acho que é faz parte do processo e é normal. Temos que aceitar isso e mas não impede ter curiosidade pelo Portugal, aprender mais história, pois não impede de ter essa essa ligação muito forte, mas...

Entrevistadora: Por acaso, uma das questões que eu iria colocar era mesmo sobre, na tua opinião, se era importante a transmissão do português à geração seguinte e já, no fundo, já respondeste a essa questão porque tomaram essa iniciativa.

PA2: Sim, sim, é importante, mas eu não sei se quer dizer, faz-se de maneira natural esta transmissão e acho que passa muito pelos avós também.

Entrevistadora: Sim, grande parte da transmissão a todos os níveis passa pelos avós, não é?

PA2: Porque os avós falaram com eles portugueses quando eram pequeninhos... eh... o avô fala sempre português com eles, as avós é que vão mais para o francês, mas eu sempre a dizer, falem português, falem português que nós não falámos e pronto, eu acho que também ajudou ao entendimento do português, ouvir falar os avós a falar português e com o sotaque correto, porque o nosso não é, quer dizer... temos um português com erros e os avós muito menos. E achava que era

importante. E a transmissão sim, e eles quer dizer gostam, quer dizer... eu acho que podia ter, não sei... acho que às vezes falhei um bocadinho porque gostava que eles soubessem mais da História de Portugal, que eles falassem mais português, que eles... e acho que falhei um bocadinho nessa transmissão, quer dizer, falhei e faz parte se calhar do processo de, da integração no país. Quer dizer, acho que os filhos deles, quer dizer, essa língua português [sic] vai... quer dizer... na próxima geração... ... Não sei o que é que vai, o que é que vai ficar. Acho que a língua não vai, não vai passar para os meus netos. Não sei, acho que não. Mas a ligação com Portugal, acho que vai continuar a ligação com Portugal. E é verdade que, quando se vê agora a lei, a lei que mudou sobre a nacionalidade, agora tem-se, em Portugal, tem-se passar um questionário, falar a língua. Os meus filhos são portugueses, têm carta [sic] de cidadão português, mas eles não iam conseguir passar os testes. Por isso eu acho completamente estúpido, mas pronto. O que é que faz que uma pessoa é portuguesa? É verdade que a língua é fundamental, mas não é só.

Entrevistadora: Essa ligação emocional afetiva que têm é muito interessante, especialmente sendo muito jovens, até um bocadinho fora do comum entre aspas. Não estou a falar do âmbito de entrevistas, mas grande parte do meu círculo de amigos é também filhos de portugueses que nasceram em França e efetivamente não há, depois, nos mais jovens, adolescentes, não há grande, gostam da comida, gostam do ambiente, mas não há muito amor expresso, pelo menos.

PA2: Os meus adoram, adoram, adoram ir a Portugal, adoram.. ... gostam do, gostam mais de futebol português que futebol francês. Engraçado e aliás, eu às

vezes estou brinco [sic] com eles a dizer, mas vocês gostam mais da equipa de futebol portuguesa que da equipa de futebol francesa? Sim, não sei quê, não sei que mais, mas vocês vivem em cá. Às vezes brinco um pouco com eles para ver o que é que eles dizem, mas é não, mas eles jogam mais eh... e o meu e o meu marido é igual. Adora a equipa de Portugal, se calhar é por isso que eles gostam também. E não gosta nada da equipa de França. Está sempre a criticar a equipa de França, mas prontos... [risos]

Entrevistadora: O futebol é algo que fala muito sobre as emoções de uma pessoa.

PA2: Futebol exatamente e a comida também adoram [sic] e é engraçado. Há assim uma coisa que eu queria te dizer uma coisa muito gira. O meu marido tem uma irmã que chama-se (nome pessoal) que foi para Portugal viver depois do 12º ano. OK, teve a sua infância toda em França, falava um francês perfeito e foi para Portugal. Casou-se, fez lá estudos, teve 2 filhas. Ela falou bastante em francês com elas. Engraçado, falou bastante em francês com elas. Aliás, elas aprenderam francês, porque em Portugal há francês no colégio ou na escola, aprenderam, escolheram o francês, aprenderam o francês também, acho que ajudou e, aliás, elas têm agora 27 e 21 ano, são mais velhas que os meus, são primos. Quando passam o verão juntos, os meus falam em francês e elas respondem em português e eles comunicam assim, quer dizer, eles estão a falar e elas falam na boa em português, eles respondem em francês. Elas percebem o francês, eles percebem o português. Eles acham que estão no conforto de que é mais fácil, se calhar ouvir e perceber que a fala, que é muito mais arriscada, que há vergonha, pronto... e eles comunicam assim em duas línguas diferentes. Não sei se ouviste histórias assim.

Entrevistadora: Não, mas é compreensível, porque na nossa língua materna é mais fácil comunicar, não temos de pensar tanto e os processos para compreensão e para expressão são diferentes, mas conseguem entender sem qualquer problema, o que é interessante.

PA2: Não, não há nenhum problema na comunicação. Às vezes há uma palavra, duas, o que é que tu disseste, não sei quê? E eles explicam de outra maneira e eles percebem e prontos. E acho engraçado. E às vezes ... e elas não gostam, quer dizer, não gostam como eles, aliás, elas não têm, não têm aquela facilidade em francês, em falar francês, não gostam, não sei quê e, portanto, funciona assim e eles percebem-se assim. É engraçado.

Entrevistadora: Muito bom é a tal situação de estar entre dois mundos, dois línguas. É muito interessante. Há algo mais que gostarias de acrescentar que aches relevante para este tópico?

PA2: Não acho que... não, acho que...fiz... não tenho mais, não, não, não tenho mais ideias.

Entrevistadora: Agradeço imenso. Foi uma partilha mesmo muito interessante.

Entrevista Paris 3 (PA3)

Entrevistadora: Podes contar-me um pouco sobre ti? De onde és, o local de nascimento?

PA3: Sim, portanto, eu nasci em França, nasci aqui na região de Paris. Eu fui à [sic] escola francesa, eu tenho uma irmã que... portanto, os meus pais vieram emigrar, muitos imigrantes depois da guerra, vieram aqui para trabalhar, para ganhar dinheiro, mas ficaram, afinal, portanto eu cresci, nasci em França, numa casa e numa região muito calma. Fui à [sic] escola francesa, tive uma educação escolar francesa do princípio até ao fim. A minha irmã, só um pequeno ponto, ela voltou para Portugal aos 20 anos. E ela agora já vive em Portugal, já passou mais tempo em Portugal do que em França, afinal, ela tem 5 anos a mais do que eu, tem quase 51... mas eu fiquei aqui, mas segui curso de português desde a primária, até ao nono ano eu tirei o curso do nono ano, portanto isso foi cursos que eu tive com associações portuguesas que tiveram, que existem, e os meus pais inscreveram-me para seguir em paralelo aos estudos franceses. Portanto, eram horas a mais no sábado ou na quarta-feira para estudar a língua portuguesa, a História portuguesa, apresentar obras, tipo os Lusíadas e essas coisas e pronto, para ter cultura portuguesa.

Entrevistadora: E em casa, falava-se português desde que te lembras ou uma mistura?

PA3: A particularidade é que o meu pai, o meu pai quando veio para França trabalhou nas obras, mas depois passou, teve a oportunidade e foi trabalhar para os seguros, uma companhia de seguros portuguesa que chama-se Império, chamava-se, não sei se conheces, mas... e ele, portanto, pois trabalhou a vida toda com colegas portugueses, uma empresa portuguesa aqui em França, com clientes portugueses, 90% dos clientes eram portugueses, imigrantes. Portanto, o meu pai só falava português em casa, ele não falava francês. A minha mãe, ela foi um bocado diferente. Ela trabalhou numa companhia, numa firma francesa com pessoas francesas e depois passou a guardar miúdos em casa de famílias francesas. Portanto, ela... bom, a maior parte do tempo, falava em português também, mas já começava a integrar [sic] o francês no dia a dia e falávamos francês, mas a maior parte eles falavam português, a gente respondia em francês. Sempre foi assim. A maior parte do tempo foi mesmo; era raro a gente responder em português em França. Só quando a gente estava em Portugal. Quando a gente estava em Portugal já começava o português a entrar no dia a dia e a gente habituar-se.

Entrevistadora: Em que caso existia, por exemplo, os canais de televisão portugueses, rádio portuguesa, livros...

PA3: Canais portugueses não, na televisão, porque naquela época a gente não tinha. Rádio português sim. Nós não éramos... o meu pai andava, andava muito com um contexto português e nós, eles tinham amigos portugueses imigrantes, portanto, quando a gente saía ao fim de semana com os nossos pais íamos à casa de uns e dos outros, falava-se português, mas eles não iam nas [sic] associações,

estás a ver, para fazer atividades ou ou bailes ou ou coisas assim ou festas. Eles não iam nisso [sic], mas de vez em quando, como o pai trabalha com a Império, eles faziam festa uma vez por ano com a rádio Alfa aqui; eu ia uma vez ou duas por ano nessas festas, mas de resto, não se ouvia muito nem rádio português. Se calhar o meu pai, quando ia no carro, como ele era comercial, vendedor, havia sempre rádios portugueses e música portuguesa no carro, mas em casa não, nem por isso. A cultura francesa era muito, a televisão era francesa, o rádio também. Afinal, a cultura francesa, tudo isso. Essa cultura francesa entrou muito. Acho que era uma escolha dos nossos pais para a gente pronto aprender a língua francesa e integrar-se [sic] na cultura francesa sem deixar a portuguesa, porque quando havia oportunidade, eles punham música portuguesa no carro durante a viagem e quando a gente ia a Portugal e ouvia numas festas assim de vez em quando.

Entrevistadora: Há pouco mencionaste que normalmente a resposta era em francês, por dificuldade de vocabulário, por simplesmente ser mais rápido responder em francês?

PA3: Acho que era as duas coisas, porque, bom, eu aprendi o português, mas foi preciso muito tempo, quer dizer, da primária até ao nono ano. E mesmo no nono ano, quando eu acabei, pronto, o curso de português, falava português, mas não falava bem. Depois, o facto de eu consegui falar melhor português depois, quando eu fiz uns estágios num banco português aqui em França, depois ao fim dos meus estudos, trabalhava no mês de julho ou durante as férias num banco, porque o meu pai tinha contactos ou tipo ao balcão, estás a ver, para acolher as pessoas e foi isso ao praticar o português no mundo do emprego, do trabalho, aí é que eu tive o

vocabulário, mais vocabulário. Mas no dia a dia, quando era mais novo. Acho que era isso. O problema era não ter o vocabulário e pronto não era fácil responder em português, mesmo se os meus pais me falavam em português, eu depois também começou-se a falar o, já ouviste falar, é o imigrante, estás a ver? Os meus pais até falavam francês e português misturado, afinal. [risos]

Entrevistadora: Os meus pais ainda falam, ainda misturam, estando em Portugal há 38 anos.

PA3: Pronto, isso fica marcado, não é?

Entrevistadora: Sim, sem dúvida. Na comunidade onde crescestes, havia uma forte presença portuguesa através de lojas, de algumas referências a Portugal?

PA3: Vou ser honesto, é que eu acho que é uma particularidade, porque a mulher não foi igual, eu logo de início estive numa escola francesa, depois fui numa [sic] escola privada francesa, para estar numa melhor escola, onde era católico francês, havia poucos estrangeiros, portanto, não havia muita mistura com, portanto, não havia portugueses. Não sei, não digo que era o único, mas havia poucos e por isso... não é que eu rejeitei essa cultura portuguesa ou a língua portuguesa, mas não estava só estava misturado mesmo com franceses e franceses assim naquelas famílias assim um bocado ... católicas... assim... e por isso foi só quando cheguei ao estudos secundários, vá depois do 12º, foi quando encontrei a (nome da esposa) e aí havia mais portugueses. Aí comecei a ter mais amigos portugueses, quer dizer, mesmo até ao 12º foi só depois do 12º é que comecei a ter amigos e portugueses, porque não dantes não tinha. E, não é que eu quando chegava a Portugal, adorava Portugal e tinha os meus primos e isso tudo, mas depois vinha em [sic] França

aquilo era mesmo... pronto, passava à porta de França era era francês e e não tinha não tive oportunidade de encontrar e ter colegas portugueses quando era mais novo. Mas... e agora sinto-me muito mais e agora já há muitos anos, mas muito mais português do que eu me sentia quando era quando era mais novo. Isso acho que é assim uma particularidade minha, não sei porquê, mas acho que foi ligado, pronto, ou às pessoas que estavam à minha volta, não havia e como não havia, a gente não se identificava a dizer eu sou português, pronto, era francês e como os outros?

Entrevistadora: E a tendência, especialmente na juventude, é tentarmos inserir no grupo dominante. É perfeitamente natural.

PA3: Mas isso está a mudar em França. Porque se eu tenho que fazer o paralelo com os meus filhos, por exemplo, eu que agora eu falo com eles porque eles têm, o meu filho tem 17, a minha filha vai ter 15 agora os mais jovens é importante [sic], eu digo em França, não ser só francês, é ser francês e ter uma particularidade ou é ou vem da África, vem da Algéria, vem de Marrocos ou é português. E se não tiveres isso, falta-te qualquer coisa, para ter, pronto... para estar no grupo. Isso já é diferente, estás a ver? Agora já está a ser um bocado diferente. É por isso que os meus filhos já estão mais, os meus filhos são mesmo, se eles puderem sair ali a bandeira portuguesa, pronto, eles têm o mesmo orgulho em ser portugueses, estás a ver.

Entrevistadora: Muito interessante. Neste momento, atualmente, utilizas o português diariamente?

PA3: Não, muito pouco para ser..., só quando falo com os meus pais. Agora, a particularidade é que como os meus pais já são um bocado mais velhos e que não, pronto, não ouvem bem, agora só falo português para eles. A maior parte do tempo, para ser mais fácil, para a comunicação ser mais fácil. Mas é só aí que eu falo português. Mesmo com a minha mulher, não falo, com os meus filhos falo português só quando estou em Portugal. Desde quando estou aqui, não é, não é natural, não vem assim. É preciso fazer um esforço para falar português e, no entanto, isso foi um erro nosso. Nós queríamos mesmo transmitir a língua portuguesa e não é, não é mesmo cultura, vamos dizer a mesma língua, mas não fizemos o esforço. Porque é preciso fazer um esforço para nós [*sic*], para falar português no dia a dia.

Entrevistadora: E em termos de recursos, era ou é fácil encontrar recursos para aprender português? Livros, agora talvez com a internet um pouco mais fácil, mas no passado talvez mais difícil.

PA3: Eu acho que é o contrário, pelo aquilo que a gente, a nossa experiência. Não sei se os meus pais tiveram muito tempo à procura, mas foi simples. Por exemplo, nós eu aprendia na primária aprendia o português na escola onde eu aprendia francês, mas era ao fim do dia, era 1 hora ou 2 a mais ou no sábado, mas era a escola que propunha e punha um horário disponível. Agora já não há. Os meus filhos nunca me proporam [*sic*] um horário na escola, portanto. Para já na primária era mais fácil antigamente, agora já não há. Os meus pais encontraram facilmente uma associação perto de casa, onde a gente havia [*sic*] tínhamos cursos portugueses, português com um bom nível com História, a língua portuguesa, oral e escrita. Nós tentámos com os nossos filhos, encontrarmos perto de casa, mas

para já não foi simples encontrar, o nível, não era assim... era tudo misturado, tipo várias idades, de 8 até 17 anos, que é complicado fazer um curso para várias idades e vários níveis. Acho que nós estamos fora de Paris também. Se calhar dentro de Paris, se calhar há mais escolha, mais possibilidades, mas mesmo assim, antigamente os meus pais encontraram facilmente. Agora é mais complicado e nós tentámos encontrar há pouco, procurar há pouco tempo. Encontra-se muitos professores que falam brasileiro e não falam português, o que é, o que é complicado, porque não é aquilo que a gente procura. Portanto, eu acho que é mais difícil agora, pela nossa experiência. Se calhar não procurámos muito também, mas por aquilo que a gente tentou encontrar, é mais difícil.

Entrevistadora: Muito interessante. Houve algum episódio mais marcante, positivo ou negativo, com a língua portuguesa? Alguma situação, algum momento?

PA3: Positivo? Positivo é... eu tive a falar português, deu-me oportunidade mesmo em França, pronto de encontrar no meu percurso de estudante os estágios, o emprego. Portanto, isso foi positivo porque afinal, deu-me oportunidade só que os outros não tinham os franceses não tinham, porque havia em França já empresas que procuravam pessoas que podiam falar as 2 línguas, portanto, para mim foi sempre uma oportunidade. E tive essa possibilidade graças ao português. Agora negativa. Não, quer dizer, mesmo eu estudei espanhol na escola, o facto de eu saber falar português ajudou-me a aprender o espanhol mais rapidamente, por isso foi sempre mais uma oportunidade que um inconveniente.

Entrevistadora: Como última questão, há algo que gostarias de acrescentar sobre este assunto, consideres relevante?

PA3: Sobre a língua portuguesa.

Entrevistadora: Sim, língua portuguesa no estrangeiro.

PA3: Sim. Não, eu acho que é uma situação que é sempre complicada ser imigrante porque há as duas culturas e é complicado poder... Eu vejo cada geração perde-se um bocado. Mesmo se eu disse que os meus filhos sentiam os portugueses, é verdade, adoram por ir a Portugal. Não vamos todos os anos, mas adoram, têm família e tudo, mas já falam menos, já têm menos cultura sobre a história portuguesa sobre e... é pena. É também como eu disse, temos que fazer mais esforço, mais esforço, para ter, para guardar isso. Eu acho que antigamente os imigrantes vinham, havia organizações que se punham, que existiam para facilitar a chegada dos imigrantes e dos filhos e já está a perder aqui em França. Eu falo em França, não sei como é que é nos outros países, mesmo se existem ainda muitos ou muitas organizações, mas tem que se fazer mais esforços para guardar essa cultura. Não sei se é verdade com as outras culturas aqui em França, eu acho que não e vá é só uma análise, pronto... .. é o que eu sinto que é.. acho que é mais complicado, mas acho que também se calhar é porque os portugueses agora já se sentem mais pronto, já não há portugueses em França, quer dizer, afinal são portugueses - franceses e se calhar. já não é preciso ter essas organizações presentes, mas pronto, de vez em quando é pena, porque quando se procura assim para poder aprender a língua ou integrar [*sic*] a cultura portuguesa, em França já há menos oportunidades.

Entrevistadora: Sim, é uma tendência com a segunda geração, a terceira geração no país, por vezes existe essa tendência, mas é algo muito relevante. Obrigada

pela partilha e muito obrigada pelo tempo para esta entrevista, foi muito interessante.

PA3: E se for preciso de mais alguma coisa, não hesites, mesmo se por escrito ou outra coisa... Se posso ser útil, não há problema.

Entrevistadora: Agradeço muito.

Entrevista Paris 4 (PA4)

Entrevistadora: Iria pedir que me podias contar sobre ti em termos, por exemplo, inclusivamente da origem geográfica da família, cá em Portugal, o contexto familiar.

PA4: Pronto, então os meus pais são os dois da zona, do concelho de Gouveia, na Serra da Estrela e o meu pai emigrou em [*sic*] para França em 1974 E a minha mãe, passado 2 anos, foi para França com a minha irmã, que ainda era bebé, que só tinha 2 anos e eu nasci em 78. Portanto, eu já nasci em França e eu tive muita sorte porque desde a primária tivemos sempre aulas de português. Eu comecei logo com seis anos a ter aulas de português. Era às segundas-feiras à tarde, lembro-me era a tarde toda com curso de português. Portanto, do primeiro ano até ao quarto ano, tivemos aulas de português. E depois, quando fui para o collège, ou seja, para o quinto ano, também tinha aulas de português, que era a minha... tinha inglês e português. Era, estava mesmo dentro do currículo. E no liceu também, tive essa sorte. Depois na faculdade é que eu deixei de ter aulas de português, mas, ou seja, desde a primária até ao 12º ano sempre tive português.

Entrevistadora: O primeiro contacto com a língua portuguesa foi nessas aulas ou em casa?

PA4: Não, pois os meus pais, como eram imigrantes e estavam em França há pouquíssimo tempo, falávamos português em casa. E claro, nas férias, que seja no Natal ou no verão, vínhamos a Portugal e com os meus avós, os meus tios, falávamos português. Com os meus amigos em França, depois, claro, falávamos

francês. Então o contacto com o português era com os pais, com os avós, com os tios e nas aulas de português. Porque os franceses têm essa coisa, depois entre nós não falávamos português, falávamos francês.

Entrevistadora: Em casa existiam hábitos associados ao português, como por exemplo a televisão em português, rádio, livros?

PA4: É assim, no início não existe a RTP Internacional, não tínhamos, portanto televisão não. Tínhamos uns jornais, os meus pais eram, não é sócios, é tipo assinantes de um jornal que é de Gouveia, portanto recebíamos um jornal todas as semanas, portanto tínhamos, sim, tínhamos acesso ao jornal português, vamos dizer assim. E também tínhamos, comprávamos livros português quando vínhamos de férias. Sei que tínhamos uma coleção da Disney em português, por exemplo. Portanto, sempre o contacto com a língua portuguesa.

Entrevistadora: Alguma vez sentiste dificuldade em comunicar em português com a família?

PA4: Eh... ... Não, acho que não... Acho que lá está, acho que as aulas de português também ajudou-nos [*sic*] bastante mesmo para falar e para escrever. Acho que a nível de escrita tive essa sorte porque eu conheço aqui pessoas também como eu, que são filhos de imigrantes que estão a viver em Portugal e têm dificuldades em escrever porque não tiveram essas aulas. Acho que nós tivemos essa vantagem de ter o oral e o escrito, não é? E muitos anos.

Entrevistadora: A nível da comunidade existiam atividades relacionadas com a língua e cultura portuguesas, associações, eventos culturais?

PA4: Sim, portanto, há muitos portugueses em qualquer cidade de França, pronto. E sim, há uma comunidade forte e sei que havia uma festa anual. Penso que ainda existe que era a festa dos portugueses. Depois havia aqueles bailaricos ao fim de semana, a gente costumava ir. Porque lá está, como tínhamos aulas de português, acabávamos por... eles juntavam nas turmas os portugueses, ou seja, acabava por ter muitos amigos portugueses e ao fim de semana, quando éramos adolescentes, acabávamos por ir também às festas nos bailaricos de sábado, onde ouvíamos músicas portuguesas e convivíamos. Depois também havia aquelas festas onde havia ranchos onde havia aqueles festivais de festa. Eu nunca fui muito apreciadora, nunca participei em nenhuma associação, mas pronto, às vezes íamos ver assim, sim, sim. Portanto, continuámos sempre com a cultura portuguesa, apesar de estar em França, acho que sim.

Entrevistadora: Com esse grupo de amigos portugueses, qual era a língua falada?

PA4: Francês, é isso. [risos] Só se calhar quando queríamos falar mal de alguém para a pessoa não perceber, aí se calhar íamos falar português, mas o normal era francês, sim.

Entrevistadora: Existiam na comunidade também lojas portuguesas, cafés, restaurantes?

PA4: É assim, eu quando era criança não havia muitas agora realmente e agora nesta altura tinha já restaurantes portugueses, lojas, mas antigamente não. Neste momento sei que há muitas, sim, restaurantes. Acho que também está muito na moda agora, o português em França.

Entrevistadora: Sim?

PA4: Acho que sim, acho que na minha... quando nós éramos crianças, o português não era muito bem, não era, sei lá, não era muito bem visto. Era aquela comunidade que eram pessoas mais que não eram tão cultas como os franceses ou sei lá, não sei, não era uma coisa... E agora, neste momento, está muito na moda Portugal. Vir a Lisboa é muito bonito. Percebes o que é que quer dizer? Acho que mudou um bocadinho a visão de Portugal nestes últimos anos ... em França. Acho que está muito, está muito na moda. Aliás, vemos pela comunidade francesa que neste momento está em Portugal. Há cada vez mais franceses a viver cá.

Entrevistadora: Neste momento, em que situações é que utilizas o português? Casa, trabalho?

PA4: Em casa, com o meu marido que é português, com o meu filho. No trabalho, tenho a sorte de trabalhar com França, portanto, continuo a falar francês diariamente, mas o português sim, com os amigos, com o meu marido, com os familiares, com os meus pais continuo a falar português apesar de às vezes ser um bocado misturado francês-português que também é um clássico. [risos]

Entrevistadora: Os meus pais voltaram há 38 anos e há certas palavras que eles estão certos que é assim que se diz em português, não é... Estão a fazer tradução ou adoção da palavra francesa, é muito natural.

PA4: E é engraçado porque quando eu era miúda, irritava-me quando os meus pais misturavam e agora acabo por fazer o mesmo. Porque eu vim para Portugal eu já tinha 25 anos e já estou cá há 20 anos, quase, e já acabo por fazer a mesma coisa,

misturar um bocado francês e português. Depois também tenho colegas que são como filho de imigrantes, portanto acabamos por continuar a ser mistura de francês português.

Entrevistadora: Há algo que terias feito diferente no teu percurso de aprendizagem da língua portuguesa ou do uso, da frequência do uso?

PA4: Eh... Se calhar realmente podia ter falado mais português para os meus amigos quando era criança ou... não sei porquê temos essa coisa de falar francês, não sei, não sei explicar qual é a razão, porque é que nos puxa mais depois a falar francês e não português. Porque quando vim ao início para Portugal tinha muito sotaque francês, lá está, acabei por perder um bocado, sei que às vezes ainda há palavras que ainda tenham sotaque francês, mas se calhar podia ter menos sotaque na altura se tivesse praticado mais diariamente com os meus amigos, talvez isso.

Entrevistadora: Nessa altura, qual era a língua que tu consideravas a tua língua materna? Seria mais o francês, mais o português? Tens essa noção?

PA4: Não sei. Quando vim para Portugal, tinha noção que eu pensava em francês, portanto, acho que a língua materna acabava por ser francês. Mas agora, passado estes anos todos, acho que já não é.

Entrevistadora: Sim, mas naquela altura, não é, quando, nessa fase, por isso é que o mais natural era falar em francês. É muito interessante. Sentiste alguma dificuldade, algum desafio, por exemplo, em termos de acesso a recursos para aprender português, se nas aulas havia os recursos suficientes, em casa também

já mencionaste que havia muitos livros e recursos em português. E nas aulas, por exemplo?

PA4: Não, não. Nós acho que sempre tivemos sorte. E por acaso França, acho que nesse aspeto também de educação ao nível de livros, de documentação, acho que nunca tivemos problemas, tivemos sempre acesso. Tínhamos professores de português que nem eram, lembro-me no liceu, era uma professora, era francesa, mas adorava a língua portuguesa e tornou-se professora de português e era uma apaixonada pela língua e dava-nos acesso a livros de autores portugueses. E acho que como era francesa, ainda mais tinha mais aquela coisa de adorava [*sic*] a língua portuguesa. E por acaso, acho que nesse aspeto tive sorte.

Entrevistadora: E como é que avalias a tua relação com o português hoje?

PA4: Podia ser cá um bocadinho melhor... porque o meu português acaba por ser o português de Gouveia dos meus pais e se calhar não é o vocabulário que se usa aqui em Lisboa. Talvez não sei e não estudei cá, portanto não é, não é o mesmo nível de português. Se calhar que se tivesse estudado cá em Portugal, talvez se calhar seja um português mais pobre, vamos dizer assim.

Entrevistadora: É verdade que dá-se muita ênfase ao português de Lisboa, não é? A norma. No entanto, não é superior a outros sotaques de Portugal, a outros vocabulários mais regionais que se utilizam. É simplesmente aquele que, por vários motivos práticos, ganhou mais importância nos últimos séculos, basicamente. Mas lembras-te de algum episódio marcante, positivo ou negativo, relacionado com a língua portuguesa?

PA4: Bem... .. Não... ..

Entrevistadora: Como é que vês a transmissão do português para as próximas gerações? Para neste caso quem está no estrangeiro ainda. Consideras importante transmitir isso aos filhos? Qual é a tua opinião?

PA4: Sim, eu acho que sim, acho que... infelizmente sei que já não é como no meu tempo, sei que já não há aulas de português, porque há cada vez menos alunos e acho que está-se a perder sim, acho que lá está a minha geração que está lá ainda já não aposta no português. Acho que os filhos deles já não falam português. E eu, aliás, tenho uma irmã que está em França, tenho duas sobrinhas. Uma tem 17 anos, vai falando português, vai percebendo, mas já não é como eu ou a minha irmã na idade dela. Portanto, acho que está-se a perder muito. E sei que no ensino mesmo, já não há o português como eu tinha. E... aliás tenho uma amiga, que é professora de Português, ela diz que neste momento o português já não é, já ninguém estuda português como língua principal, como eu tinha LV1 ou LV2, neste momento é terceira língua, terceira opção. E ela diz que muitas vezes os alunos nem sequer são filhos de português [sic] ou netos de português [sic], já são de outra cultura. Portanto, acho que se perdeu muito nos últimos anos o ensino do português em França, que eu acho triste. Está-se a perder a língua português na geração a seguir à minha, vá, nos filhos, dos netos dos imigrantes, vá, netos dos imigrantes já não falam português ou muito pouco.

Entrevistadora: Há algo mais que gostarias de acrescentar ou alguma experiência que consideras relevante para esta conversa?

PA4: Não sei.. .. não.

Entrevista Londres 1 (LO1)

Entrevistadora: Podes contar-me um pouco sobre ti, a tua idade, o local do nascimento, a tua profissão?

LO1: Sim, então, tenho 36 anos. Estou nascido no Reino Unido, em Kingston-upon-Thames, perto de Londres. E na universidade eu fiz física, o mestrado da física. E agora estou cientista de dados.

Entrevistadora: E sobre a tua família? Especialmente a constituição da família mais próxima e da família, a tua ligação com Portugal através da tua família?

LO1: Sim, eu tenho um irmão e o meu pai é português, a minha mãe é inglesa. A minha mãe acho que morou toda a vida em Inglaterra, o Reino Unido, e o meu pai foi nascido em Lisboa. E ele foi para Inglaterra quando teve 18 anos. Então em 1968, e o meu irmão é quatro anos mais para mim, ou tem quatro anos mais. Então eu fui nascido [sic] em 1988 e ela em 1984, mas sempre vivemos em Inglaterra. Também eu tenho família da minha mãe, mas mais ou menos todos são ingleses. E a família do meu pai são portuguesas [sic] e acho que também são de Portugal e de Lisboa.

Entrevistadora: Aprendeste a língua portuguesa quando eras mais novo, na tua infância?

LO1: Não, acho que eu não aprendi nunca das outras línguas até a escola e só aprendi um pouco de francês. E alemão, jamais. Nunca do português ou espanhol.

Entrevistadora: Como é que foi o teu primeiro contacto com a língua portuguesa? Embora não tivesses aprendido qual é que foi o contacto que tiveste com a língua portuguesa quando eras criança?

LO1: Não me lembro muito em Inglaterra. Costumávamos visitar Portugal durante as férias de verão, mas não todos os anos. Ano sim, ano não. E os meus primos falam inglês, mas provavelmente quando... Acho que a primeira vez que eu visitei Portugal eu tinha 3 ou 4 anos e como sempre, como todas as férias e viagens, houve muitos jantares quando toda a família estava a falar em português e eu só senti-se [sic] sem falar e ouvi um pouco, mas eu fiquei aborrecido [sic]. Não estava a ouvir ou escutar de forma ativa. Mas eu ouvi a língua muito durante estas férias e às vezes na casa em Inglaterra o meu pai ligou as minhas tias, normalmente. Então eu ouvi o meu pai no telefone, mas a única vez que eu falei com as minhas tias no telefone falaram em inglês, mas com a minha avó, ela não falava inglês, então falou em português comigo e eu respondi em inglês e... Não sei se entendemos o que estávamos a dizer, mas eu era uma criança e não me importava muito. Quando eu era uma criança, em Inglaterra só tivemos televisão em inglês e nas férias em Portugal passámos muito tempo na casa perto da praia, então não usámos televisão muito. Mas, sim, em Inglaterra acho que não me lembro nunca de televisão ou notícias ou música em português. Acho que todas as coisas eram em inglês.

Entrevistadora: Existe algum hábito, por mais pequeno que fosse em relação ao uso do português, por exemplo, alguma situação específica em que as expressões,

as palavras fossem em português, lembraste de alguma situação em que ouvisse o português quando eras criança, além das chamadas ao telefone?

LO1: Lembro-me só de alguns exemplos quando eu ouvi português, quando era uma criança.

Entrevistadora: Exatamente, algumas situações.

LO1: Em Inglaterra não, acho que é só o meu pai no telefone e às vezes os meus primos visitaram e ficou [sic] connosco. Mas em Portugal, sim, acho que há muito... Eu lembro o meu pai no avião, quando vamos para Portugal, acho que estive entusiasmado para voltar e para falar português. Então, as soon as he could, começou a falar em português no avião com os... [pausa]

Entrevistadora: Assistentes de voo.

LO1: Sim, e se também sempre não houve [sic] Uber, então sempre apanhamos um táxi do aeroporto em Lisboa. Então, o meu pai falava com os taxistas. Sim, e depois disso, só muito, muito, muito tempo nas casas da minha família. E acho que... acho que lá em Portugal, provavelmente, há algum tempo com TV. Porque chegávamos em Lisboa e passávamos uma noite lá e depois vamos para Sesimbra e passámos a maioria do tempo em Sesimbra. Uma noite em Lisboa, às vezes... Sim, normalmente ficámos com a minha tia e eu e o meu irmão jogávamos o PlayStation do meu primo. Normalmente os jogos eram em inglês, não sei se existe em português, mas também vimos o televisão. No televisão eu lembro-me dos jogos olímpicos, não sei o que mais, Atlanta ou Barcelona, mas nos anos 90s. Então, isto e também se houve futebol no televisão, vimos os commentators em

português. E nesta altura, para mim, é só um ruído chato, está na noite em nós [sic]. Sim, pareci-me, como falaram, muito mais rápido e mais.

Entrevistadora: Especialmente no futebol.

LO1: Não sei se é verdade ou só, porque eu não sabia português.

Entrevistadora: Não, é verdade, é verdade. Em geral, quando são comentadores de futebol, a velocidade do discurso é superior ao normal.

LO1: Sim, então provavelmente há mais exemplos, mas quando era classe de criança acho que são alguns.

Entrevistadora: E nesse caso, o que é que te motivou a aprender o português mais tarde? Ou, por outras palavras, quando é que começaste a aprender português de modo mais formal e o que é que te motivou a isso?

LO1: Acho que há duas coisas, acho que eu queria aprender uma língua, qualquer língua. Só porque é um desafio, e é algo interessante e acho que é algo importante, especialmente para as pessoas do Reino Unido, porque não precisamos de aprender vários inglês [sic], mas é importante para a perspetiva e para entender outras culturas mais, e é só algo que eu sempre queria experimentar [sic]. Então, se eu não tinha um pai do Portugal, acho que eu ainda queria aprender uma outra língua. Mas claro, porque o meu pai é português, eu escolhi português, mas também a outra razão é que eu queria conectar um pouco com a cultura e a minha família, e quando visitei Portugal sempre sinto-me um pouco desconectado com o país e as pessoas, e eu não aprendi para razões praticais, porque também em Portugal mais ou menos não preciso de falar português, porque eu falo inglês. Há

momentos quando é útil, mas mais ou menos não preciso, então é mais para razões para sentir-se mais perto do país. E se acho que seria, ou eu seria, desapontado, se eu nunca aprendi português. E eu e a minha namorada queriam [sic] viver num outro país da Inglaterra, e Portugal fez sentido e é útil quando vivemos lá, se moras lá.

Entrevistadora: Neste momento, em que situações é que utilizas, atualmente, o português?

LO1: Quando estou aqui, em Inglaterra, eu só uso quando eu leio, porque gosto de ler livros em português. É algo muito, com muitos... é muito satisfatório. Às vezes eu li as notícias de Portugal e também às vezes eu falo com as minhas tias no [sic] telefone. Falaria em inglês, mas é mais fácil para eles em português. E os outros tempos [sic] são quando eu visito Portugal e estou a visitar Portugal [sic] duas ou três vezes por ano. Então é muito útil para esta. E se [sic] com os meus primos não falo muito em português, porque eles falam inglês muito bem. E sempre falamos em inglês e também com o meu pai. Sempre falamos em inglês, então é um pouco estranho para falar em português com elas. Mas com as tias e outras pessoas falamos em português. E visitámos Brasil há dois anos. E no Brasil falámos muito mais português, porque não havia muitas pessoas que falaram em inglês. E há muitas diferenças entre português do Brasil e Portugal, mas queremos voltar lá no futuro e viajar mais. E uma razão é que falámos português, então é mais fácil, mas também é mais divertido quando falarmos a língua do país.

Entrevistadora: Entendo. Voltando um pouco ao que sentes em relação ao português, notaste vantagens ou desvantagens, por exemplo pela tua herança

portuguesa, por falares ou não falares português, na tua vida diária sentias algum tipo de vantagens ou desvantagens nesse sentido?

LO1: Sim, acho que é sobre os sons da língua, porque é definitivamente mais fácil para mim para falar com o sotaque de Portugal. A pessoa que eu tenho como exemplo é a minha namorada e ela tem pais da Inglaterra. E é mais difícil para ela, acho que para falar com o sotaque e também é mais fácil para mim para entender a língua, especialmente a língua de Portugal e provavelmente de Lisboa. Do Porto e do Brasil talvez eu não tenha uma vantagem como grande, mas o sotaque de Lisboa é muito fechado. E não é fácil para entender, mas acho que é mais fácil para mim, só porque eu tenho muitas horas de... muitas horas de ouvir. Acho que para mim não há uma vantagem com o vocabulário ou gramática e provavelmente não há uma vantagem com confiança. Sim, mas quando falar [sic] e quando ouvir [sic] acho que é mais fácil. Mas talvez uma desvantagem é que acho que é por causa do sotaque as pessoas acham que eu posso falar como um nativo, então falam comigo a full speed. Sim, mas é uma desvantagem muito pequena.

Entrevistadora: Interessante. Neste caso, no teu percurso com a língua portuguesa, o que é que te ajudou a ultrapassar os desafios para aprender a língua?

LO1: Em geral?

Entrevistadora: Em geral, sim.

LO1: Muito tempo de falar [sic]. E não é só uma coisa mais... A coisa mais difícil é falar com pessoas na rua, especialmente para entender as pessoas. Acho que não foi muito difícil para mim aprender a falar. Podia falar mais ou menos e conseguia

dizer o que eu quis, mas quando as pessoas responderam eu não entendi. E é difícil porque neste momento a conversa mudou para inglês. Sim, ouvir. Eu acho que ouvir foi o desafio maior. O que eu fiz? Eu ouvia podcasts em português. E acho que provavelmente ajudou-me. Sim, porque acho que as aulas, quando eu falo muito, ajudam-me muito com confiança quando eu falei. Mas as professoras têm paciência... As pessoas na rua não têm! [risos] Sim, então também eu falei com a minha família e acho que as conversas com pessoas que eu conheço ajudaram-me com confiança. E depois eu tive mais confiança para falar com pessoas, por exemplo, na rua e também para repetir o que eu disse. Em vez de... ao invés de se desistir e mudar para inglês.

Entrevistadora: Em termos da comunidade, quando cresceste, enquanto crescias, na comunidade ouvias português? Ou existia alguma comunidade portuguesa com a qual tivesses alguma ligação?

LO1: Em Inglaterra?

Entrevistadora: Sim.

LO1: Não. Acho que... eu sei que há uma comunidade em Londres, acho que para tudo [*sic*] a Brixton, mas acho que quando eu era uma criança eu não conhecia ninguém. Em Inglaterra, ninguém português. Em Inglaterra eu só conheci a minha família em Portugal. Acho que eu nunca encontrei alguém português em Inglaterra quando era uma criança.

Entrevistadora: Essa comunidade é longe do local onde tu cresceste, geograficamente?

LO1: Uma hora de carro. Sim, eu sei há restaurantes lá, restaurantes de Portugal, portugueses. Sim, mas eu não... Eu só conheci a minha família e os jogadores de futebol no televisão.

Entrevistadora: O falar português em Inglaterra, na tua opinião, é algo positivo, interessante, na opinião geral? Ou o que tu sentes como opinião geral em relação à língua portuguesa em Inglaterra? Como algo positivo, algo de certa forma inferior ao inglês? Qual a sensação que tens?

LO1: Comparado com, por exemplo, ao invés de aprender espanhol ou francês?

Entrevistadora: Por exemplo.

LO1: Acho que para outras pessoas é unusual, é unique, e é diferente. Mas a maioria das pessoas que eu conheço só falam inglês. Então se eu falo uma outra língua, qualquer língua, é interessante e algumas pessoas acham impressionante. Mas não porque é português ou uma outra língua. E as pessoas que já falam uma outra língua normalmente são interessadas com as línguas em geral. Então para elas também é interessante. E recentemente, especialmente durante os últimos anos, eu encontrei muitas pessoas do Brasil, aqui em Londres e para tudo Londres, e é muito divertido para falar com elas, porque são sempre com surpresa que alguém fala português em Inglaterra. Sim, mas acho que porque não em Inglaterra, em geral, não falamos outras línguas, então acho que não há muito... Eu não acho que as pessoas tenham uma grande opinião entre se aprender português é melhor ou pior que aprender francês, ou mais impressionante, porque ninguém fala nada realmente, então aprender qualquer língua é bom e interessante.

Entrevistadora: A maior concentração de restaurantes e de outras lojas portuguesas, como mencionaste, em geral é fácil encontrar referências à cultura portuguesa em Londres, na rua, estabelecimentos portugueses, em alguma comunidade ou algum local em que se fala português, consideras fácil encontrar ou usual?

LO1: Não, acho que se eu encontraria um lugar, estaria com choque, ou em choque, eu seria chocado [sic]. Eu acho que eu às vezes tenho ouvido português na rua, especialmente nos lugares turísticos, mas muitas vezes é português do Brasil e menos português de Portugal, não é uma loja ou restaurante, é só uma família nas férias, por exemplo. Com cultura, desde a Covid, ou desde os últimos três anos, em Londres há lojas em todo o lugar com pastéis de nata agora, não sei porquê agora, mas quando era uma criança nunca conseguimos comprar em qualquer lugar [sic], mas agora são nos supermercados, mas sim, normalmente as pessoas na loja não são sempre portuguesas, e sim... acho que não há muito... Portugal é muito popular com as pessoas para visitar, tenho até, mas em Londres sim, não há muita cultura de Portugal, exceto os camisas de Ronaldo.

Entrevistadora: Sim, uma referência. Na tua experiência, há algo que te marcou de forma positiva ou negativa relacionado com a língua portuguesa? Há algum episódio que te lembres?

LO1: Podes repetir a primeira parte?

Entrevistadora: Claro que sim. Houve alguma experiência, alguma situação que te marcou que te marcou relacionado com a língua portuguesa?

LO1: Eu lembro-me do jantar do Natal há dois anos, talvez, com a minha tia e os primos e o meu pai e outras, acho que havia dez pessoas, e falámos um pouco em inglês e mudámos entre português e inglês, mas às vezes falámos completamente em português e... Mesmo quando eu não falo na conversa, eu falei na conversa, eu entendi tudo e fiquei muito feliz porque eu pude entender tudo e...E não conseguia entender nada, e agora eu consigo entender tudo, então fiquei muito feliz com isso e eu senti-se [sic] como eu cheguei ao meu objetivo. Eu ainda queria melhorar em português, mas sim, este é um momento positivo e também a primeira conversa que eu tive com a minha tia no telefone em português era muito simples, mas era durante Covid e acho que não conseguimos jantar ou algo, mas sim, eu liguei ela e falámos em português. Foi um sentimento similar. Se algo menos ou mais negativo, acho que provavelmente é quando eu e ou a minha namorada tentámos falar em português, por exemplo, num restaurante ou com outras pessoas e para mim falámos perfeito e fizemos as palavras corretas e com o sotaque correto, mas não entendo, não entenderam. E foi difícil para mim, mas acho que foi mais difícil para a minha namorada, porque teve menos confiança com a língua e acho que estes momentos podem ser um grande setback para a confiança, especialmente para ela, mas isto não aconteceu no Brasil porque o inglês não era uma opção. Então é muito interessante como a acação [sic] de uma outra pessoa pode influenciar o seu progresso. Sim, então este é difícil porque não tem controle, é fora do seu controle como as outras pessoas reagem a você quando falas com elas.

Entrevistadora: Uma partilha interessante. Obrigada pela partilha. Como é que te sentes em relação ao português agora, nesta fase da tua vida? Em relação à língua portuguesa, à cultura associada?

LO1: Eu tenho muito afeição [sic], não sei como se diz, afeição [sic]. Por exemplo, quando eu acho que na semana passada eu vi destaques do futebol, no Youtube, em português, e a língua, uma palavra muito portuguesa, e só porque eu ouvi a língua. Sim, e também eu queria ler mais e falar mais da uma motivação. Sim, então no momento eu gosto muito de ler e falar em português porque é divertido, mas também porque eu não quero perder o que eu aprendi. Sim, eu não tenho a mesma motivação para melhorar que eu tive quando morei lá, mas eu quero continuar a falar porque pelo menos manter a língua. E também há alguns livros que eu quero ler e há livros do meu avô que eu quero, em português, que eu quero ler e não, no momento não são em inglês, então a única opção é em português e são livros um pouco difíceis, mas seria agradável para ler um dia e também talvez vamos voltar para Portugal um dia para viver. Sim, então é algo que eu, eu muito feliz [sic] que eu fiz, eu aprendi português mas então numa forma é algo que eu terminei mais ou menos, mas também eu quero continuar no futuro.

Entrevistadora: Quando mencionaste, livros do teu avô, livros que pertenciam ao teu avô ou livros escritos pelo teu avô?

LO1: Não, é livros escritos por ele e também livros escritos sobre ele. Sim, então o trabalho dele é algo muito importante para o meu pai, então seria agradável para entender um pouco mais do trabalho dele e também não é tão um subjetivo [sic] tão feliz, mas o meu pai não vai ser [sic] cá sempre e no futuro quando estou mais velho e também as minhas tias e no momento é o meu pai e as tias da ligação da família e entre os primos, mas no futuro vai ser só os primos então seria muito, eu acho que é importante que continuamos a ligação. Sim, e a língua, acho que vai ajudar

um pouco com essa e especialmente com as crianças delas vai lá aprender inglês, mas acho que vai ajudar com essa também.

Entrevistadora: Por falar em crianças, da tua opinião o que é que pensas sobre a importância ou não de passar o português para as próximas gerações?

LO1: Acho que para os portugueses e Portugal em geral, o país, acho que é importante especialmente porque no futuro talvez mais e mais todas as coisas vão se ter em inglês e acho que é importante continuar as línguas diferentes do mundo, especialmente pela volta da Europa, porque há muitas línguas num espaço muito pequeno. Para mim, eu, para mim como um individual não, acho que não tenho um, se por exemplo eu teria crianças no futuro não tenho uma preferência se aprendem português, mas acho que queriam, eu queria aprender uma outra língua, mas só porque é um, sim, é útil, não é útil mas é importante, não, acho que é importante em geral continuar, especialmente para descendentes de portugueses nos estrangeiros, especialmente para este grupo.

Entrevistadora: Achas que é importante transmitir o português às gerações posteriores? Já mencionaste a tua opinião sobre, no teu caso, se tivesse filhos, qual seria a tua posição. Podes só explorar um pouco mais esta ideia, mas pensando nos filhos de portugueses no estrangeiro, filhos ou descendentes de portugueses?

LO1: Acho que é um, é uma desculpa se não ser passado [sic], porque é uma oportunidade e eu creio que o mundo vai melhorar se todas as pessoas aprendam uma outra língua ou duas línguas. Então faz sentido aprender-se a língua da sua [sic] país. Acho que é difícil para mim para entender completamente porque a minha língua nativa é inglês não há uma, não há chance, bem, no momento não há chance

que o inglês vá morrer, mas Portugal é um país pequeno e se acho que é importante manter a língua. Mas se a família vivem [sic], por exemplo, na Inglaterra ou num outro país e as crianças nunca voltam para Portugal, acho que não é necessário para aprender português, mas eu acho que seria uma oportunidade porque se alguém aprende português, por exemplo, em Espanha é uma ligação entre Espanha e Portugal... é uma ligação pequena, mas se ajuda com a perspetiva das outras culturas. Então acho que não é algo específico sobre português, mas acho que as línguas em geral é importante [sic].

Entrevistadora: Sim, obrigada pela tua partilha, pela tua participação. Há algo mais que queiras contribuir para esta entrevista? Há algo mais que queiras partilhar?

LO1: A única coisa é sobre... AI? Inteligência Artificial, porque acho que vai ser muito fácil para falar em qualquer língua só com o telemóvel ou quase já, como o sumas [sic], acho que no futuro ninguém vai precisar falar uma outra língua. Então é algo interessante porque como as razões para aprender eu não aprendi para razões praticais [sic]. Então, eu ainda aprendia [sic], eu ainda aprendia, mesmo com a AI. Mas se no futuro talvez vai ser mais como um arte a língua, não é algo que precisa, mas é algo para... é um desafio e alguém para enjoy, like art. Sim, então, por exemplo os meus... ou o meu pai... Os portugueses que vão para os estrangeiros [sic] não vão precisar de passar [sic] por português por razões práticas, só por razões culturais. Por exemplo, no País da Gales, na Espanha, ninguém precisa falar espanhol ou irish, talvez eu seja um pouco naíf, mas a maioria das pessoas só fala inglês e você não precisa. Mas muitas pessoas ainda aprendem porque querem continuar com a cultura, mas isso pode acontecer em

todos os lugares, não sei. Porque eu trabalho com inteligência artificial, então eu penso sobre isso por as [sic] semanas.

Entrevistadora: Sim, muito obrigada por essa partilha.

Entrevista Londres 2 (LO2)

Entrevistadora: Can you tell me a little bit about yourself?

LO2: Sure. So my parents are Portuguese. My mom is actually half Spanish, half Portuguese, but never got involved with her Spanish side. So grew up with full Portuguese culture for a majority, for part of her life, for half a bit. But my family, they immigrated to the UK when, shortly after, I was born a bit. And then when I was about two, my dad went to the UK and my mom and I stayed here in Portugal. Then when I was three, my mom went to the UK and I lived with my grandma, as they do here in Portugal. And when I was about three, three and a half, I moved to the UK and went straight into primary school. So, it's as if to me, I don't remember. I remember some parts, but I basically remember just my life in the UK. because I think at the age of three is when you really start to grow memories anyway. And so, I grew up in central London. So, my parents not only moved to the UK, but they moved to the huttle and bustle of the capital. So, I lived in and grew up in zone one, where I could walk everywhere. I could walk to Buckingham Palace, I could walk to Big Ben. So, super central and it was very metropolitan. So even the schools I was in was very mixed of English and a lot of mixed cultures, Spanish, Brazilian, African, like a whole bunch of everything. And there was a huge Portuguese community in central London anyway. The zone one and zone two are known for having pockets of Portuguese communities. So, my parents were really, only really had Portuguese friends and at home we only spoke Portuguese. But then I had a whole other life where school, primary school, secondary school, university. I basically, my whole

life was in the UK until my, just before turning 30 when I decided to move back to Portugal. And that's where I am now. I'm living in the Algarve with full of British people. I definitely speak more Portuguese here, just because of the day-to-day supermarket. But all of my friends in Portugal are also English speakers. So, I really don't have many opportunities to speak Portuguese, especially because where I live now anyway. But yeah, falar em português, tipo, se quiseses também que eu fale em português, eu o meu sotaque e a maneira de eu falar nota-se que eu cresci a falar em português, mas de vez em quando a minha gramática ou certas pronúncias, eu não sei a diferença entre tu e você. Os verbos estão misturados porque eu não aprendi gramática portuguesa tecnicamente, então... Yeah, but English is my first language.

Entrevistadora: That was a very smooth switch. Well done.

LO2: Yeah, I can switch well between both. English is still better.

Entrevistadora: How did you learn Portuguese then? You told me that you didn't learn it technically. How did you learn it?

LO2: So, I only spoke Portuguese at home. And in the UK, the Portuguese government had a deal in England, I think only in some areas, but because I grew up in central London, the consulate had a program for Portuguese people to go to Portuguese school. So, and it was not mandatory, but you could do it until the age of 18. Most of the people, most of the kids that I knew did it up until maybe 12, 16 years old. I don't know if you're familiar with the UK education system. So, you're supposed to go to school until you're 16, and then after that you can go to college or, you know, go to work or whatever. So, my parents, they enrolled me into the

Portuguese school. So, two days a week I would go to another secondary school, and it became like a club. Basically, it was all the Portuguese kids would basically go to the one of the secondary schools and we'd use one of the like classrooms and there we would do the Portuguese syllabus of Portugal. So, every year we would get a list of all the books that you would use if you were a student here in Portugal. And every summer I would have to go to Portugal, and I would have to go to the papelaria with my mom or my grandma would do it. And we had to order all the Portuguese books and take them back to England. And here's the funny thing, we rarely use those books. It was just a waste of money because we'd only use maybe a few pages here and there. And it became more of a social club. So, I do remember that we did do work. We did do a general test, but it wasn't like in Portugal where you would flunk and you'd have to redo. No, it was still the same way if you flunked, you had to redo the year again. And what happened is most of us all spoke Portuguese, but we didn't know how to write properly, the grammar. So, we did learn a little bit of that. And all of our writing quality wasn't that great compared to the way we spoke it. But I do remember one year, the teacher said, how about you do an exam that's two years in front, because we were advanced for our age. So, I was able to skip a year. And I was able to, my cousin, who was younger than me, we were both in the same kind of class. So, in England, there was a possibility of skipping years and doing the national Portuguese exams. So, when I turned 16, I stopped, and everybody stopped. But because, I mean, I was doing my A-levels and GCSEs, I thought, let me just carry on. And so I continued doing it until I was 18. And I did the 12^o like exams, national exams. And this is where you might laugh. I did my A-levels. I did French. I did like other technical things. And Portuguese was

my worst subject, because I got a D in my Portuguese exam because I didn't read the question right. I was overconfident and during the exam I did it all and I left early and everyone, after an hour, everybody was still in the exam and I made the mistake and I just didn't read the question properly. So, I got a really bad grade, but at the end of the day, no one ever asks me for Portuguese because I grew up, I speak it fluently. So, it's kind of like a waste of time really. But I do, as an adult, I do appreciate it because I do understand the writing technicalities of Portuguese and the sounds and the sinais sometimes so that's sorry if that's a long answer but it was mainly I went to Portuguese school which was half half and ... and everybody we learned bad habits from each other because we spoke Portuguese slang you know. And in at home we only really watched tv cabo, we had Portuguese cable. So, my mom, she didn't speak a lot of English at home. It was just Portuguese because she spoke very little English. And I was the translator for everything. And I would always watch the teenage soaps. I grew up watching soaps in Portuguese soaps in the UK. Morangos com Açúcar, Anjo Selvagem... That was the best one. Anjo Selvagem was the best one. That was my favorite. I think that was my coming of age. And that's where we grew up with a lot of slang, because it's like "bué", because she was a tomboy, you know? So we mimicked a lot of the characters we saw on TV from Portuguese soaps.

Entrevistadora: That's a great way to learn a language, the real language.

LO2: Yeah, and every time I'd come to Portugal, I would come every summer and to feel integrated into here because I was a foreigner in Portugal, I was a foreigner in England. And so coming here, I would always try and relate. And it was almost

like I wanted to keep my heritage show. I love, I would also listen to Portuguese music, whatever was like popular in the fun fairs. Every time we'd come to the summer fun fairs here, whatever was playing out loud that people liked, I would make sure that I liked it too. You know, I knew the lyrics. So there's a nostalgia to it as an adult, like, yeah, you know, and cartoons, like, You know, like Batatoon and As Lições do Tonecas, O Prédio do Vasco, shows like that, that were like comedy, and I think we always, I like that.

Entrevistadora: Did you have any difficulties speaking to your family in Portuguese or when you were here in Portugal? Besides the accent and people trying to figure you out, did you have any other difficulties?

LO2: Yes, the Portuguese formality, the way the Portuguese talk, if you have a formal like job, like if you work for MEO, if you go to some sort of like on the phone, they say really long sentences when they could have just said your contract is active. Instead, they'll be like "Em consequência, relativamente ao seu pedido"... I'm like, in English, it's like in relation to your request, blah, blah, blah. We don't talk like that in English and in Portuguese. I would always be weirded out by them saying, "a menina (nome pessoal)". Like when the Portuguese say, Esonia, and they refer to people in the third person. Like, imagine in English where you go, if I say to you, "a (nome pessoal)", if you say, "a (nome pessoal) sente isso", instead of saying, Do you feel like that? I find that so strange. Like, why would you say that? And these things I pick up on, but a Portuguese person up here, they don't get that. And it's little things like, for example, if I want to say, I clean the toilet, simple past tense, I would say "a casa de banho foi limpada", and a Portuguese person would say "foi

limpa”, and I'm like, what's the difference? You know, so little nuance thing. And I would always get like, so where are you from? I'm like, I would actually say I'm from London. Now that I live here in Portugal, I do like to say I was born in Lisbon, but I grew up abroad. I just say I'm from Lisboa because I don't want to start the conversation about, you know, things. And then sometimes I get comments where we're all talking in Portuguese. They met me for the first time and then I switched to English and they're like, huh? Who are you? Yeah, and I have a lot of group of friends that we mix languages without realizing it, that we're talking English and Portuguese at the same time. Entendes o que estou a dizer? Because then otherwise, we're also getting like weird. É assim que eu consigo espontaneamente falar assim e eu não noto, mas os portugueses notam.

Entrevistadora: É, o nosso cérebro é fantástico. Consegue ter uma flexibilidade que nos espanta.

LO2: Yeah, but I do get quiet. At the end of the day, if I'm talking a lot, I just, my brain is like, I need to speak English. I do that for work as well. Sometimes for work, I say, look, it's been a long day, I'm tired. And I'm, especially formalities and like formal, because I work in real estate, that I have to negotiate, I have to talk about contracts. And I have to learn, now living here over the years, I've had to learn to formally present things orally. And so sometimes if I have a good relationship with that person, I'm like, I need to tell you in English.

Entrevistadora: More straightforward than Portuguese.

LO2: Yeah, I didn't have to be worried about being rude because I wasn't formal.

Entrevistadora: At home, did you, besides the fact that you always spoke Portuguese at home, did your parents tell, told you things like, let's speak in Portuguese, tell this in Portuguese, did they have to do that? Or was it just natural?

LO2: Yeah, I think it was natural. I don't remember because my mom, I mean, my parents got divorced. My dad was really great. He was really open, but because he left when I was seven, I don't have, it was just a memory of me and my mom, and my mom was very sick. So because my mom had a history of being sick, it was never a demand because I knew with her it had to be in Portuguese. She did go to English school. I did try and help her with her homework, you know, she did have English book, but when she was well she did try and learn and I think... honest I think she knew more than she led on to be you know I think she was just lazy. But in the house there was never a "speak Portuguese", speaking in Portuguese it was just automatic.

Entrevistadora: You told me that there were pockets of Portuguese living there. Are you aware or do you remember any Portuguese associations, initiatives, like parties?

LO2: Absolutely.

Entrevistadora: Okay, tell me about it.

LO2: I think, I don't know if it helps towards a study because, I mean, it is about London and big cities, but where we were, we even had a Portuguese Catholic church where everybody was Portuguese. So, because my mom wanted me to go to a good school, she knew somebody who was part of a Catholic church. So I went

to Catequese. And so obviously, I mean, my mom would take me to church to get the signature. And we went to the Christmas party, we went to all of that, and then we stopped going. So, I feel like my mum used the community in different ways for what she needed to. So, in terms of pockets, you had Stockwell. Stockwell was like mini Madeira and Portugal, and that's where every time there was football, especially football, the World Cup and the Euros, all the Portuguese would go there and I would go there with my dad and whoever was in my community and we would watch football there live, you know, even if you didn't know anyone, like you could go and feel at home.

Entrevistadora: That's where Little Portugal is?

LO2: Yeah, Little Portugal, Stockwell, yeah. So all of that kind of like before Brexit, so Stockwell is very Portuguese. Then we had the Portuguese churches, like communities there. Was also near one of the Portuguese restaurants. They always do bailes, you know, they had like space. So, on Saturdays would like be those cheesy Portuguese singers that sing a bit of everything, a bit of kizomba, a bit of pop, music cultural, and on the little keyboard, you know, and it would just be cheesy Portuguese folk music. And also, every year, the Portuguese government, because it was Independência de Portugal, and my parents only had Portuguese friends, like my parents never really integrated. My dad yes at work, he was open. My mum was very comfortable with the Portuguese people. But every year, I think it's in July or June when it's Portuguese independence, there would be a big park in London, in South London and there would be a stage. It was as if it was a feira in Portugal. It would be a stage, it's would be bifanas, farturas... And everyone from Portuguese

school was there all the mothers were there, like, everyone who went to Portuguese school all the parents knew each other, like, they all like either dated each other cousins there were big families for me I wasn't a big family, but I knew lots of families and they were like all the kids, all the parents, like all of them would go you know to and do activities and stuff. But yeah so then every year we would always go to have cerveja, bifanas, caracóis always during this Portugal Independence Day and it was like something you'd look forward to as a Portuguese person. So, in London there was a lot of integration, if you came from Portugal. So, I'm trying to remember if there's anything else. Community-wise was sports, was the Independence Day, the binge, dancing, and everyone would go, like the Portuguese are loyal. They go to the Portuguese shops, even if they have to travel, you know? So, just to have a café and meet up with people. And it's just, yeah, there's like a road that has like a bakery, a cafe, frozen goods, everything from Portugal. And my mum also near our house, because Little Portugal was far away from where we live, not far, but it was a ride. We had to take a bus. But in walking distance to our house, we had a Portuguese café called Delícias de Portugal, and it's actually a chain. And there was a couple, there were quite a couple in central London, and one of them was 10 minute walking distance from us. And my mum, every time she got paid, she would always go there and she'd buy her comfort goods, even though they were expensive. So, she'd always buy, like, azeitonas, those are the main ones. She'd buy the Bubbalo chewing gum, even though they were disgusting. Like, they're not great chewing gum, you know. They were very popular and they lasted for like half an hour. Then you had to chuck them away. Then those horrible chocolate umbrellas. I don't know if you remember that. They look like a crown. And I don't even buy them here in

Portugal. I don't know why they're popular. And my mom would also, we'd always get prestal nata. Prestal nata was part of our life. And my grandma would go there for every occasion, for Christmas, or if it was a birthday, it was a tradition. She would go to the Portuguese restaurant and order either caracóis or a full rabbit. So, you could buy, like, she could go to a normal supermarket, but no, it had to go to the Portuguese. And she would come home with like a massive skinned rabbit at home, to cook. And Christmas would be a big table and she would make filhoses, rabanadas, a big rabbit, and she would do what she did in Portugal. And the food would stay on the table for days until it was eaten. So, like all the sweets and stuff, if there was no space in the fridge, they're on the table and you have them for breakfast. And yeah and you know wines and stuff like that. So, yeah that's what my mum was part of my culture growing up is you buy all the Portuguese things you buy them there and everything else you kind of preserve that you know?

Entrevistadora: Did you feel any advantage or disadvantage associated with being Portuguese or speaking Portuguese while you were growing up? Like the other kids, not the Portuguese ones, how was that accepted? How do you feel?

LO2: I think because I grew up in a multicultural society, being bilingual was not seen as being weird. In fact, it was a strength. In terms of, as a child, I only got bullied for being fat, not because I was a bilingual. I don't remember, in terms of race, I think maybe we used to, the Portuguese, we used to take the mick out of ourselves. So we would call ourselves pork and cheese, the Portuguese, and English people were called egg-land-vivas, like the eggheads. So egg-lands and pork and cheeses. So, growing up, there was like, there was like this humor to being

different, but it wasn't seen as being rude. In fact, to be popular, all the popular people came from a different background. They were either Jamaican... In fact, growing up in the 90s and 2000s, if you were mixed race and Jamaican or Latino, you were cool because Portugal was known for being good at football. So, you were automatically respected because of the good football players, like respect, you know. Yeah, so the Latinos, they were seen as being like spicy and like being cool because they were the pretty ones. So, the Latinos were the pretty ones and the Portuguese too, depending on the girl, because you had the, I mean, I'm not, I'm not, I'm I'm not like, well, I am beautiful, yes, when I think. But the Portuguese and the Spanish, they were like the pretty race. The Jamaicans and the Caribbeans and the... the Jamaicans and the Caribbeans, they were known for being like the cool, you know, like they were R&B, like they were just cool, you know, they were always popular. And then you had the kids who were like African background, they were like tough, you know? And so, it was like, everyone wanted to date a Portuguese or a Latina, and everyone wanted to be part of the cool kind of gang. And all the English people, which is known as like, being, unless you were cute, you were just kind of like a chav. All the English were known as chavs. Do you know what the chavs are?

Entrevistadora: No.

LO2: Okay. So chav, c-h-a-v... Again, this is, we had our culture and the English culture was mainly if you were like a chav or posh. You had to be one or the other. You couldn't be normal.

Entrevistadora: Posh, I know. So, chav is the opposite?

LO2: Chav was when they wanted to integrate and be cool also. So you could be a chav with any background, and that's where you would dress up in. So you would dress like the Jamaicans, you know, with like tracksuit bottoms. You would dress like the Africans, you know, who were like modernized. And the Portuguese and the Latinos, we were more like pretty cool. Like we would wear more tight knitting clothes to accentuate like our beauty and then, you know, we'd always wear like big fat jewelry like fake silver fake gold or whatever, and like really... But you see us Latinos or Portuguese, we had to like gel our hair, like, there was a an era where you had to really gel your hair back as if you were you had black hair, you know, and so it was like all of our cultures we were all entwined and It was kind of like, if you weren't mixed, then you weren't cool. And you were only cool if you were English and a chav because you're kind of like integrated. And if you're posh, you probably didn't go to our school. So, we did have very normal English kids. And they just kind of did their own thing. I don't, I never had just like an English girl. I did have one English girl in our group of friends, but she was a chav. She wore like really slick straight hair, very Avril Lavigne, you know? So, and with sports, with like sports wherever, like the pretty girl, so. I hope that answers your question. Did we get bullied? No. If we did, we took the mick out of ourselves. So, it wasn't a problem unless the gang culture got involved because there was a big issue between like the Kosovans. Because during the war, you know, there was like a thing between those from Albania and Kosovan. There was a lot in the 90s and the 2000s, a lot happened politically in Europe so there was a lot of young gang culture but mainly between Eastern European. But the Portuguese the Latinos the Africans we were already

established because many had already been there since the 70s and 80s, if that makes sense. I hope that answered the question in some way.

Entrevistadora: It does, it's really very interesting. It's a very deep analysis of what it was at school with language. Okay. By the way, how old are you? Or when you were born.

LO2: I'm 36. So, I went to the, I was born in '89 and moved to the UK in '92. So Yeah, 90s, 90s baby in the UK.

Entrevistadora: How would you evaluate your relationship with Portuguese now, today?

LO2: The language or the culture or the country?

Entrevistadora: The language, mainly.

LO2: I think I've come to appreciate its complexities, unnecessary complexities. That's what I call it, to be honest. I find it over the top. And I feel like because of the history of Portugal with the dictatorship in the 70s, where everything had to be a certain way, I feel like the Portuguese people don't evolve as much because they really maintained their culture, which is nice because the gentrification and the change in society hasn't been as fast as much as Spain. Because I don't think of Spain as having as much culture as the Portuguese holding on, right? And I think the Portuguese do that because of the-- and they do that by means of their language. So, I appreciate that they refuse to speak in more simple terms. And I don't think it will ever change, to be honest. If it does, it will have to be with not my generation, but the generation after me. Because I feel like I think our generation,

the millennials, is this turn of societal kind of norms because of technology, because of getting straight to the point, because we've become more of an impatient humanity, if that makes sense. So, I think my relationship is: I appreciate it and I skip it, to be honest. I am only formal if I'm talking to older professionals. If it's someone who's Portuguese and younger, I will talk to them normally. But out of respect, I will, I've learned, that's why I moved to Portugal. And so now living here, I think I've adapted. And I just use it based on who I'm talking to. If it's formal, they have to be older and in a professional capacity. And other than that, I'll just speak to you like I'm speaking to you now.

Entrevistadora: As a final question, do you think it's important to transmit, to teach Portuguese to the future generations for those who are living abroad, for example?

LO2: Absolutely. The amount of people that they wish their parents spoke Portuguese to them at home. Because as a kid, you don't realize the gift it is to learn another language, because it unlocks cognitive skills that helps you in other parts of life. Additionally, so many-- I've seen some-- I know a Portuguese person. In fact, if you want to interview her, she would be a really good case. Her parents are Angolan Portuguese. And she grew up in England, and her Portuguese is not like mine. For example, she speaks as she is reading something in Portuguese but with the English accent. But she speaks Portuguese fluently, but her accent and her culture is nothing Portuguese. Like, she doesn't have much, she's really integrated into England. And she doesn't think like a Portuguese. Anyways, but she has a bit of an autism thing, so I don't think if that would be a clear kind of analysis or a subject.

But a lot of my friends who have multiple parents, I don't understand why their parents never just for free taught them at home because it's such a skill.

Entrevistadora: Is there anything else you would like to add to this interview?

LO2: I guess, I don't know if it helps, but I have a degree in teaching, so I am a teacher by trade. Now I have a real estate business, I've completely changed, but it's still to do with people and communication. So, I think having, because I go with my foot forward that I help my clients with Portuguese and English. I think when people talk, ask me, like, where are you from? And I say, I'm English Portuguese. I also, at the same time, do not know how I would identify myself as, because there's no unanimous... my friends will not tell my friends will be like well you don't look English, but you are English, but you don't sound Portuguese as much, but you are Portuguese so yeah... I wouldn't even know how I would... because if I had an English passport does that make me English then? Like would it make a difference if I had an English passport or not? You know? So, yeah... I just say English Portuguese and leave it at that.

Entrevista Londres 3 (LO3)

Entrevistadora: Podes contar um pouco sobre ti, o local de nascimento, a tua idade e de onde é a tua família aqui em Portugal?

LO3: OK, o meu nome é (nome pessoal), pronto, nasci em Londres. Os meus pais são da Beira Alta e da Beira Baixa. Cada um deles, um é da Beira Baixa e o outro é da Beira Alta, ao qual depois emigraram para Londres. Já tinham uma filha que é 16 anos mais velha que eu, que ficou cá em ficou em Portugal, enquanto eles foram emigraram para começar a ganhar o seu dinheiro, não é, onde mais tarde ela foi ter com eles e 16 anos mais tarde nasci eu, já um bocadinho fora de tempo e fora de horas [risos], por assim dizer e nasci [sic] nasci lá. Pronto... tínhamos lá a família toda, praticamente todos foram mais ou menos para a mesma zona a família e todos imigrantes. Foram alguns dos meus primos, incluindo eu, que nascemos realmente lá em Londres. Pronto, neste momento.. pronto, já tenho 48 anos e com 48 anos, posso dizer que 10 anos mais tarde de estarmos em Londres, não sei eu dizer, imigrei eu para cá, voltei para Portugal. Os meus pais reformaram-se e eu voltei para Portugal com eles com 10 anos e comecei depois na escola no terceiro e quarto ano. Isso também para dizer que nós, a família toda, andávamos todos na escola portuguesa, na Inglaterra. Todos andávamos na escola portuguesa, todos falávamos em português, também em família, quando nos juntávamos, por isso toda a gente falava em português. E tínhamos a escola portuguesa que íamos fora da escola normal, pronto, de Inglaterra e por isso eu já sabia falar português não muito bem ... mas depois quando voltamos para, quando viemos para Portugal, fiz

o terceiro ano, fiz o segundo e o terceiro ano no mesmo ano para perceberem a minha evolução e a questão do português que eu tinha. E depois fiz mais uma vez, depois fiz o quarto ano na primária e pronto e, pronto, e continuei a minha evolução. Por isso o português foi, esteve sempre presente, pronto, mas depois com 10 anos é que vim para Portugal e fui aqui depois que fiz a minha vida.

Entrevistadora: E como é que era essa escola portuguesa?

LO3: Como é que... eu já nem me lembro muito bem... mas a escola portuguesa era quase como se tivéssemos, sei lá, no ATL, podemos assim considerar ou num centro de estudos onde éramos um grupo grande e íamos para lá e depois ensinavam-nos a escrever e a falar e... então, aquilo que os miúdos fazem hoje em dia, os ditados em português, lembro-me perfeitamente e isso eu tenho bastante presente, que o meu maior problema de dizer em português era frigorífico. E nunca consegui dizer bem frigorífico e tenho tão presente isso. Hoje em dia já sei dizer frigorífico [risos], mas havia ali um problema muito grande de não conseguir dizer essa palavra gigantesca com tantas letras pronto. Não sei, era a minha maior dificuldade. Pronto.

Entrevistadora: Nesse caso aprendeste um português, também um pouco de História?

LO3: Não, não necessariamente; o que nós trabalhávamos mais era a língua e o escrever. Não me lembro propriamente de falarmos da História de Portugal, mas que certamente estaria dentro também da parte dos estudos, mas realmente não me recordo muito disso. Lembro-me mais das palavras e dos ditados e de ler, pronto, mais a parte de escrita, talvez, do que da parte da História.

Entrevistadora: Essa escola era parte da comunidade, uma iniciativa mais privada... tens recordação?

LO3: Eh... Isto é, eu acho que fazia parte. Era uma escola, deixa-me lá aqui tentar relembrar... ... Nós estávamos, nós estávamos numa escola católica e na parte da escola católica, aquilo estava tudo dividido entre rapazes e raparigas, pronto. Havia parte das raparigas e parte dos rapazes e eu estava na parte primária, por isso era misto. Eu lembro-me de ir para a zona dos rapazes, pronto, para a parte da escola dos rapazes, onde no final das aulas havia uma sala em que estava dirigida para nós. Por isso eu acho que fazia realmente parte da comunidade, provavelmente, para poder agilizar isso para as pessoas. E eu e os meus primos íamos todos para o mesmo sítio, praticamente pronto em diferentes cidades, obviamente agora, por isso eu acho que se pagava, se calhar era uma parte privada também, que era incluído na escola, pronto, na escola pública.

Entrevistadora: OK, por falar na comunidade, havia na comunidade algumas iniciativas em português. A presença do português era visível?

LO3: Não... nós, a família era grande e estávamos sempre juntos. Primos, tios, estávamos todos muito juntos. Era a nossa comunidade, não fazíamos nada fora da família, era sempre dentro da família. Verdade seja dita, éramos muito unidos, nesse sentido. Por isso não me lembro de fazer nada com a comunidade, nem sequer me lembro de ver coisas, iniciativas, como certamente hoje há, naquela altura.

Entrevistadora: Lojas portuguesas, por exemplo, restaurantes.

LO3: Não... íamos às lojas portuguesas, se calhar íamos buscar o pão, algum pão ou alguns bolos. A parte da charcutaria também, pronto, do chouriço, pronto, do presunto. Os pastéis de nata também, mas pouco, pouco. Ia-se mais a essas lojas realmente buscar qualquer coisa em específico que se quisesse pronto e depois, na generalidade, ia-se às lojas normais, pronto, aos supermercados.

Entrevistadora: E em casa, o português era utilizado constantemente? Existia também inglês e coexistência com o português ou apenas português em casa?

LO3: Era muito português, mas isso também tinha a ver com as idades. Os meus pais já eram mais velhos também e falavam muito em português, por isso maioritariamente a família toda falava entre eles em português. Os primos não, já falavam mais inglês, mas maioritariamente sim, era tudo em português. Era tudo em português. Posso dizer que hoje em dia, os meus primos mais novos a maioria é quase tudo em inglês, pouco pouco se fala português. Há muita gente lá ainda.

Entrevistadora: Havia, por exemplo, acesso a televisão portuguesa, RTP quando eras criança, jogos de futebol em português?

LO3: Eu lembro, não me lembro nada de ver coisas em português. Não me lembro de ver nada em português. Era sempre em inglês. Sei que hoje em dia todos têm os canais portugueses, não é? Mas maioritariamente não, não me lembro. Nunca me lembro de ver coisas em português, não me lembro, mas acho que não. Eu não me lembro de ver, por isso... [risos]

Entrevistadora: Houve assim algum momento em que sentiste dificuldade em comunicar em português, tirando a palavra frigorífico?

LO3: Quando vim para Portugal, sim, foi a integração, foi muito difícil e depois também estava com aquela na idade, não é? Tinha 10 anos, aquela idade assim, um bocado manhosa, foi relativamente complicado, sim.

Entrevistadora: Lá, na zona de Londres, não sentiste essa dificuldade?

LO3: Não, porque maioritariamente era... porque era inglês, só quando ia para a escola portuguesa é que, pronto, havia essa dificuldade, não é? Mas maioritariamente não, era praticamente tudo inglês. Com os meus pais também falava, falávamos em português, mas era pouco, pronto. Não havia aquela necessidade de ter uma conversa gigantesca. Mas, por exemplo, mesmo hoje em dia quando falo com os meus primos, falamos metade inglês, metade português. Naquela altura era a mesma coisa.

Entrevistadora: Em termos da língua portuguesa, de saber a língua portuguesa, sentiste alguma vantagem em conhecer a língua e a cultura portuguesa quando eras criança?

LO3: A vantagem foi quando vim para Portugal. Foi uma grande vantagem. Sem sombra de dúvida, foi meio caminho andado e sim, senão... por isso sim, gigantesca. [risos]

Entrevistadora: Houve algum desafio ainda na zona de Londres, algum desafio que sentiste em relação à língua portuguesa?

LO3: Não, não... Não esquecendo que, pronto, o português era utilizado em casa. O português é utilizado na sala, era utilizado na sala, não é? Quando tínhamos

aulas de português e mais nada. Pronto, maioritariamente, era só mesmo com a família e só na sala de português, mais nada.

Entrevistadora: Qual é a tua opinião sobre a importância de, especialmente quando estamos no estrangeiro, transmitirmos o português para a geração seguinte?

LO3: Ai, eu acho importantíssimo, não é? Por exemplo, nós naquela altura, não toda a família, todos os primos iam para a sala para a sala de estudo português, não é? E neste momento, com os primos que lá estão, só uma é que o faz. De resto, dos primos nenhum faz. Há uma, existe um incentivo dela a andar na escola portuguesa, incentivo dos pais também a obrigarem-se também a falar em português com ela. Mas hoje em dia, sinceramente, isso não é... não acho que maioritariamente eles achem que sejam [sic] assim tão importante. A verdade é essa. Não acho que seja assim muito importante. Acho que há alguns que sentem falta ou requerem essa necessidade para que a geração seguinte fale noutra língua, que é a língua materna dos avós, vá, mas não maioritariamente. É como há aquela necessidade, por exemplo, o meu filho é português. Mas eu tento sempre passar-lhe as palavras em inglês, por exemplo, é o inverso, mas pronto. Ele ainda não tem nada na escola, vai ouvindo algumas coisas e vai dizendo algumas palavras assim muito soltas, mas em português não... só uma pessoa. Tenho esse exemplo de uma pessoa que está, que ache... que seja importante.

Entrevistadora: Sim, como avalias a tua relação com o português hoje? É a língua do coração, por exemplo, é a língua em que pensas ou é mais em inglês?

LO3: Não. Não. [risos] Primeiro penso em inglês e depois é que vai o português, mesmo fazendo contagem, conto em inglês e depois refiro em português. [risos] E sou muito gozada por causa disso, atenção. [risos] No trabalho, fartam-se de rir por causa de eu fazer contagens em inglês pronto.

Entrevistadora: Há algo que queiras acrescentar para esta entrevista que consideres relevante em relação à tua experiência?

LO3: É assim, a minha, quer dizer, não sei se te vou adiantar muita coisa, não é, mas a minha experiência foi realmente única, não é, porque foi a minha. Uma mais-valia foi realmente ter andado na escola portuguesa, foi a minha mais-valia porque depois vim para Portugal, não é? Mas na realidade, se eu não tivesse vindo, se tivesse ficado por lá, imaginem que eu ficasse por lá. Eu acho que seria bastante importante ter a língua dos meus pais. Pronto, que eu acho que é importantíssimo porque toda a gente passa férias cá em Portugal também, não é? Mas para a maioria das pessoas, eu não acho que seja extremamente importante. Eu, pessoalmente, acho que é muito importante termos pelo menos mais que uma língua, não é? E sendo que somos de outro país, acho que é importante não termos só uma língua onde nascemos, mas sim a outra língua dos nossos avós, bisavós, epá... Mas eu acho que maioritariamente as pessoas não pensam dessa forma, porque o português realmente não é uma segunda língua para aprender. Se calhar é mais importante, pronto, o inglês, o internacional não é... Se calhar hoje em dia entre o inglês ou o espanhol - porque o espanhol depois acaba por ser meio quase português - e o francês são, se calhar, são as principais línguas que sejam importantes. Mas eu acho que para quem é português, quem tem... que corre no

sangue ainda o sangue português, acho que é importantíssimo, claro que sim. Mesmo que pelas vezes que vem em Portugal, nem que seja uma vez de vez em quando, passar umas férias, é importantíssimo de conseguirem falar, não é? E dizerem alguma, conseguirem ter um diálogo com alguém, seja lá com quem for.

[risos]

Entrevistadora: Muito obrigada.

Entrevista Nova Jersey 1 (NJ1)

Entrevistadora: Podes contar-me um pouco sobre ti, a tua idade, por exemplo, onde nasceste, a tua profissão?

NJ1: Sim, eu tenho 35 anos, eu nasci em 1989 em Nova Jersey, muito perto de Newark, é uma zona com muitos portugueses, e eu tenho um irmão muito mais velho e eu trabalho na zona, na área da saúde pública. Por muitos anos era com o governo, mas agora é fora do governo. O que é que mais? [sic] Eu gosto muito de viajar e comida e provar vinhos, mas fora disso, eu acho... suficiente.

Entrevistadora: Mencionaste que tens um irmão mais velho e mais familiares que morem contigo nos Estados Unidos ou que tenham morado, no passado?

NJ1: Meus pais, eles moram em Portugal e meu irmão agora também, mas eles moraram nos Estados Unidos, juntos morávamos nos Estados Unidos, mas agora eu estou só lá nos Estados Unidos, eles voltaram para Portugal.

Entrevistadora: Por quanto tempo é que os teus pais, por exemplo, estiveram lá nos Estados Unidos?

NJ1: 40 anos, talvez? 35 ou 40 anos. E o meu irmão, eu acho que ele já está em Portugal por 10 e depois ele estava em França por 2, 12 anos fora dos Estados Unidos.

Entrevistadora: Os teus pais, de onde são aqui em Portugal?

NJ1: Das Gafanhas, Gafanhas da Encarnação, região de Aveiro.

Entrevistadora: Então foram os primeiros da família a emigrar para os Estados Unidos?

NJ1: Não, a minha tia foi a primeira, a minha tia do lado do meu pai, ela é mais velho [sic] do meu pai.

Entrevistadora: Lá estavam na mesma área, tinham contacto?

NJ1: Sim, por algum tempo, estavam na mesma área do New Jersey, mas depois ela foi para uma outra zona dos Estados Unidos, em outro estado.

Entrevistadora: Nesse contexto, aprendeste a língua portuguesa quando eras criança?

NJ1: Não, eu aprendei [sic] com pessoas de [sic] falar, era só isso, eu nunca fui à escola, nunca fiz aulas, era só ouvir pessoas falar e depois dizer a mesma coisa porque eu ouvi pessoas falar e pôr as coisas em contexto. Ok, eles estão a falar sobre X. Ok, eu já sei que as palavras sobre X são estes [sic], eu vou usar estes [sic] palavras, era só isso. E vir para Portugal, não todas os verões, mas talvez cada ano ou coisas assim para vir, um mês, um mês e meio, ficar aqui com minhas avós e a família cá.

Entrevistadora: Quem é que teve mais influência? Alguém teve algum papel mais importante nessa aprendizagem do português? Alguém que falasse mais contigo em português?

NJ1: Não, era maiormente do tempo [pausa]

Entrevistadora: A maioria do tempo?

NJ1: A maioria do tempo... Era só inglês na casa. Os meus pais falaram inglês e português dentre [sic] eles, mas com o meu irmão e eu não, era só inglês. Eles...era [sic] uma escola na cidade onde estávamos a morar e eles tinham uma escola portuguesa para alunos que eram portugueses de as famílias vindo para os Estados Unidos e ter uma oportunidade para os filhos falarem e aprenderem português, mas nunca foi [sic] para fazer aulas ou nada assim.

Entrevistadora: Sabes porquê? Porque é que não foste? Alguma vez foi assunto de conversa?

NJ1: Eu acho que era mais sobre, ok, estamos nos Estados Unidos, temos de falar inglês e o tempo [sic] durante os 90s e depois os 2000s, o primeiro [sic] parte dos 2000 era... como é que eu posso dizer? A mentalidade, ok, tu estás nos Estados Unidos, tu tens de falar inglês, tens de falar inglês bem e tu tens um *patriot*, a mentalidade que é *american*. Tu tens de ser um americano e é isso.

Entrevistadora: Existia, por exemplo, televisão em português, o hábito de assistir a programas em português?

NJ1: Sim, RTP, Internacional, e fomos muito para [sic] um supermercado português, o nome de [sic] Seabras, para comprar comida durante a semana e comprar coisas português [sic] lá... Eu também, eu não fiz a escola, mas eu fiz rancho por talvez dois anos numa associação portuguesa perto da cidade e a minha amiga ela é português [sic] e ela estava a fazer rancho e ela disse “Tu queres fazer rancho?” E eu disse “sim, eu posso tentar” e foi fixe, mas era uma outra

oportunidade estar dentro de uma comunidade só falar português, mas eu não tinha mesmo nível português de os outros bailarinos ou bailarinas dançar [sic].

Entrevistadora: Sentias dificuldade em comunicar por causa disso?

NJ1: Não, eles falaram em inglês, mas eu senti que o meu nível português não era o mesmo nível deles, muitos deles foram para a escola do português e os pais, eu acho, deram mais apoio para aprender e fazer a ligação da língua e cultura português.

Entrevistadora: E em casa, além da televisão da RTP, existiam, por exemplo, livros em português ou algumas tradições portuguesas?

NJ1: Não... Só revistas e papel [sic] das notícias.

Entrevistadora: Sim, de Portugal?

NJ1: Não, eram papéis [sic] de um grupo em Newark, o papel [sic], o nome era Luso Americana, era só para pessoas de Portugal que estavam nos Estados Unidos.

Entrevistadora: Agora temos páginas na internet, naquela altura existia um jornal só para essa comunidade....

NJ1: Ainda existe também, ainda existe, tu podes ir para Seabras e comprar o jornal e as revistas.

Entrevistadora: Ok, depois vou verificar se há página na internet deste jornal também.

NJ1: Tem, Luso Americano.

Entrevistadora: Vou ver, já tomei aqui nota. Muito bem, então em termos de comunicação com a família em português mencionaste a comunicação com os teus pais seria em inglês. E quando estavas cá em Portugal? Por exemplo, mencionaste os teus avós... comunicaste em português?

NJ1: Eu tentei, eu acho que provavelmente eu não falei certo [sic], ou eu disse coisas erradas, mas eu tentei falar português com eles, eles não falaram em inglês, e meus tios e tias também, era só tentar falar e dizer o que eu sabia no tempo [sic], e a coisa, o problema para mim era, eu fico [sic] muito na minha cabeça, sempre, e eu posso saber como é que dizer algo, ou qualquer coisa, e eu fico tímido, e eu falei, mas eu não falei muito, era só, era sempre “ok, sim, sim, eu quero pão, pode [sic] ter água”, coisas muito simples.

Entrevistadora: O português de sobrevivência...

NJ1: Hum hum.

Entrevistadora: Ok, ok, nesse caso, tu conseguias compreender o que te era dito?

NJ1: A compreensão, sim, a compreensão era sempre mais, um nível mais alto que o de falar.

Entrevistadora: Sim, era mais em termos de conhecer as palavras e depois conseguias falar, ok, é natural. Além do rancho folclórico, participaste em mais atividades ou eventos culturais de portugueses?

NJ1: Sim, é só o rancho e ir ao supermercado e ir para Portugal durante o verão.

Entrevistadora: Mencionaste que nasceste numa área que tinha muitos portugueses. Mencionaste o supermercado português, o jornal também para luso-americanos, a de Nova Iorque, mas mais direcionado para esta comunidade. Era fácil ter acesso a português na comunidade em que estavas inserido, ou seja, era fácil ouvir português, o português estava presente? Como é que avalias, qual é a tua opinião?

NJ1: Eu só vou fazer uma pergunta, a pergunta é se eu fosse na rua ir [sic] caminhar, eu ia ouvir português?

Entrevistadora: Basicamente isso, exatamente. E achas que estava presente?

NJ1: Sim, não muito, mas sim, era uma área que muitos portugueses foi imigrado [sic] lá e tivemos um café, churrasco, rias [sic], restaurantes, não era só um supermercado, era uma comunidade grande, mas talvez não sempre [sic], mas algumas vezes ir fora e ir caminhar e ouvir avó, família fora, falar português sim.

Entrevistadora: Mencionaste que no rancho estiveste com pessoas que falavam português, tinham estado na escola, por outro lado também existe outra forma de pensar que é se estamos nos Estados Unidos, vamos falar e utilizar o inglês. Na tua perceção na comunidade portuguesa, algum dos lados ganhava nesta forma de pensar?

NJ1: Bem, eu acho que a mentalidade, estamos nos Estados Unidos, temos de falar em português - não temos de falar em inglês, só em inglês e falar em inglês perfeito, era a mentalidade dos meus pais, a mentalidade, eu acho, do lado do meu pai e o pai da minha mãe, eram muitos a focados, eu vou dizer outra vez, o *patriot*,

a mentalidade americana e estamos aqui, temos de falar só em português e ser 100%, 110% americano, mas eu acho outras famílias não pensaram assim ou tiveram uma ligação para a mentalidade assim.

Entrevistadora: Ok, ok, é interessante ter essa percepção no fundo, muito bem.

NJ1: Eu tenho uma palavra em inglês, *acculturation, assimilation and acculturation*, eu acho para pessoas portuguesas ou qualquer país que está fazendo emigração para os Estados Unidos, nos Estados Unidos tem uma força ou um *pressure* muito alto para pessoas ficar ou tentar ficar mais americano ou em inglês.

Entrevistadora: Sim, existem diferenças de país para país nessa aculturação, dizemos em português, também na parte linguística, é interessante ver a diferença. No teu caso pessoal, como é que avalias o teu percurso com a língua portuguesa? Falando agora um pouco mais sobre ti. Até mesmo que te motivou a querer aprender mais tarde?

NJ1: Eu comecei a focar na aprendizagem da língua portuguesa em 2021 e eu entrei o processo a falar, não falar de certo, era o mesmo estilo de falar e usar palavras errados, porque eu estava só dizer o que é que eu ouvi, mas a compreensão era sempre alto, eu sempre tinha um nível muito alto disso e já é quatro anos a focar muito e ir para Portugal muitas vezes cada ano, eu acho, agora é um nível ainda para mim, eu acho que ainda tenho que melhorar muito, mas a coisa para mim [*sic*] eu já falei mais cedo sobre o, não é problema, mas é um desafio, é a minha bloque [*sic*] mentalidade, eu sei dizer coisas ou eu sei, na minha cabeça eu estou a falar, mas eu tenho depois um bloco [*sic*] quando eu quero falar para alguém, e é estresse e outras coisas, isso é outro [*sic*]...

Entrevistadora: Mas faz parte, é um percurso.

NJ1: Faz parte, e eu acho que se eu ia avaliar, zero até dez, tem que pôr em cinco.

Entrevistadora: Discordo, mas não é o ponto em questão da entrevista, mas esse processo para ti foi natural, foi algo que surgiu ou que tivesse vontade de aprender ou que surgiu mais tarde na vida?

NJ1: Era uma vontade mais tarde na vida, eu acho, com meu irmão viver em Europa, em Portugal e meus pais, e querer ir, a vontade que eu queira [sic] ir para Portugal e falar com pessoas e ir fora e fazer o que é que eu quero fazer e não ter medo de ir, ou precisar meu irmão ir fora [sic] comigo, ou meus pais, e eu acho que quando tu tens uma idade, tu não és uma criança e tu queres viver a sua vida, dá um força para, ok, eu tenho aprender e eu tenho praticar e eu tenho melhorar o nível que eu já tenho, e não era 2021 a ideia de vir para Portugal para viver, mas eu acho isso também era um grande motivador, puxo [sic] motivador para ainda mais focar e aprender, mas não é fácil, eu acho que aprender uma língua não é fácil para todas as pessoas, ou se a pessoa é um poliglota talvez é fácil para eles, mas eu acho que quando tu és uma pessoa que é com o cérebro, que é dez mil coisas cada vez, cada minuto, é aprender uma língua difícil, e é aprender uma língua quando tu tens já alguma noção ou alguma... Saber, saber, alguma saber, e ainda é mais difícil porque eu aprendi a ouvir outras pessoas falar isso por muitos anos, 20 anos, 25 anos, é muito muito tempo, e depois eu tenho isso na minha cabeça, sobre a língua, e depois eu tenho trocar e aprender outra vez, mas ainda tenho a boa idade, que eu, eu sabe, porque não é tudo errado, é um tipo de dança, de... [pausa]

Entrevistadora: É um esforço mental superior. Basicamente, como que apagar algumas coisas, voltar a escrever, mas outras não, e essa indecisão: estou certo, estou errado?

NJ1: Não é o processo normal [sic] aprender uma língua. Se eu quero, se eu quis aprender português e eu não tinha algum conhecimento ou experiência a falar português, eu acho que iria ser mais fácil, porque eu ia começar a aprender a falar português, porque eu ia começar no nível zero, mas é por isso, eu acho, eu ainda estou 5.5, porque... [pausa]

Entrevistadora: Entendo, então existe esse desafio de já aprenderes, ou começares a aprender mais tarde, e teres de fazer essa essa passagem. Mesmo quando eras mais, mais jovem, que outros desafios, tanto quando eras mais novo, como agora desde 2021, quando começaste a aprender de forma mais técnica, a língua portuguesa, que principais desafios, é que encontraste Além deste grande desafio a nível pessoal, houve por exemplo questões relacionadas com os recursos, mesmo quando eras mais novo, ou até mesmo a língua portuguesa era valorizada na escola, ou em outros locais, ou por outro lado, existia preconceito contra a língua portuguesa, se falasses em português na escola, isso era motivo para *bullying* ou o contrário?

NJ1: Não, mas eu acho, eu disse mais cedo, sobre só falar inglês, podíamos, e meus pais falaram português, mas era uma... Ok, eles não iam falar português fora da casa muito, eu acho que isso era uma coisa estranha, eu acho eles, eles pensaram que ok, as pessoas vão ouvir, ou eles vão pensar algo sobre nós, nós não somos *American enough*, ou qualquer coisa assim, não podamos [sic] pôr a

bandeira portuguesa, era só a bandeira americana, era coisas assim, mas não era ok, se eu falo português na escola, ou tento falar português na escola, eu tenho medo, ou vai ser *bullying*, ou qualquer coisa assim. Sinceramente, eu lembro, durante o secundário, durante o lanche, o almoço, a escola deixaram nós ir fora para comer, para ir para um café, para colocar de sítio para comer, e eu fui [*sic*] para, o nome do café era Arcos Café, era um café português, e eu fui para comer o almoço lá, e eu tentei falar português, e eu tentei fazer as encomendas todos os dias sobre o português, que, eu sempre queria melhorar o português, mas eu nunca tive oportunidade, e também durante secundário e depois universidade, eu não conseguia voltar a Portugal durante o verão, como antigamente, quando eu era mais novo, era mais difícil, eu não tive oportunidades de falar, ou praticar falar com minhas avós, ou meus tios, ou tias, era um tempo, talvez de dez anos ou mais, com um *block* a não falar português, e isso também não ajudou o processo.

Entrevistadora: Como é que ultrapassaste esse desafio?

NJ1: Começar a falar com o meu irmão em português, ouvir música e ver séries em português, e depois disso, começar a fazer aulas. Eu lembro, eu fiz um pacote de aulas numa escola em Nova York, porque eu era [*sic*] em 2018, 2017, e eu disse, ok, eu vou focar, e era antes de eu ir a Boston, algum tempo, 2018, era 2017, se eu lembro certo, era um tempo que eu disse, ok, eu vou tentar melhorar o português, há muito tempo, eu quero aprender outra vez, e era uma escola, eu comprei um pacote de aulas, mas era português do Brasil, e o professor, ela disse, tu falas bem, porque tu estás a fazer as aulas num nível muito básico, e isso era fixe ouvir, mas... o que é que eu quero dizer? Durante o tempo, eu tentei a melhorar,

mas eram sempre coisas que não funcionam, ou não funcionam, ou não dão jeito no processo.

Entrevistadora: Se pudesses voltar atrás, há algo que terias feito diferente nesse percurso?

NJ1: Se eu pudesse voltar atrás, eu ia voltar em 1995, 1996 ou 7, quando eu era menos de 10 anos de idade, e eu ia dizer aos meus pais “eu quero fazer a escola português”, depois a [sic] escola normal, e eu gostaria de fazer isso, mas já é uma coisa, o passado é o passado, ou se eu pudesse, voltar 10 anos, eu ia começar aulas mais cedo, mas isso também, 10 anos para trás, 10 anos, não existia aulas online com agora, a língua português [sic] do Portugal só começou a crescer, muito, talvez 6, 7 anos, durante, talvez um ano antes de Covid, mas era mais, durante 2020, a língua português do Portugal, o ter o acesso para aulas, não é muito tempo, o ter o acesso online, ainda menos, ainda menos *in person*, com encontrar uma escola.

Entrevistadora: Com português europeu especificamente, era muito mais difícil. É, o facto de agora termos internet e mais recursos na internet realmente ajuda muito. Mencionaste que se voltasses atrás, dizias ou pedias aos teus pais para ir para a escola portuguesa. Como é que vês esta transmissão do português para as gerações seguintes? O que pensas sobre isso, a importância da língua, da cultura?

NJ1: Ya, eu acho que aprender uma língua agora, todas as línguas, fora de aprender uma outra língua, é uma coisa agora que as pessoas dão muito valor, e isso depois de ver agora as escolas, primário, quando os miúdos são muito novos, cinco anos, seis anos de aprender espanhol ou francês, isso não aconteceu, isso

não aconteceu durante a minha infância ou durante a escola, era só na secundária aprender uma língua e não ter muito opções, e eu acho, ya, é um tempo diferente e agora pessoas querem falar outras línguas e aprender outras línguas, e eu acho a língua portuguesa da Europa, do Portugal, é... ainda é uma língua, pessoas confusão com outros países ou onde é Portugal, parte de Espanha, parte do Brasil... acho que a língua portuguesa do Portugal ainda tem um pouco de tempo para crescer, eu acho, ainda vai a crescer e eu espero que os mais jovens nos Estados Unidos vão ir [sic] à escola portuguesa e terem a oportunidade. Não sei se eu estou a responder a tua pergunta, mas eu... [pausa]

Entrevistadora: Dentro da família, achas importante passar a língua e a cultura portuguesa quando existe uma ligação familiar à língua? Portanto mencionaste a parte da comunidade que é também algo muito importante e dentro da família?

NJ1: Eu acho sim [sic], sem dúvida. E isso também agora é diferente que 2000 ou 1900 era um tempo diferente e era uma mentalidade diferente sobre a língua e cultura... mas sinceramente eu acho nos Estados Unidos a mentalidade vai regredir, vai voltar ao passado. Não para todas as pessoas, mas eu acho a mentalidade a pocar [sic] noutras culturas e ter experiências e eu acho que já sabes o que é que eu estou a dizer sobre isso. Na situação política é a administração [sic]. Eles não querem a mentalidade para as pessoas ter ligação para outros tipos de maneira de vida ou outra identificação sobre qualquer coisa, sexualidade, aparência, a cor de pele é um problema. Mas noutros países, noutras partes do mundo, eu espero que vai continuar a mentalidade para avançar e pessoas

aprenderem outras línguas e ter ligação para outras culturas e culturas da pessoa própria.

Entrevistadora: Sem dúvida a parte política influencia muito as políticas linguísticas também. Isso é muito natural. O grau de abertura a outras culturas e línguas, aceitação social que vem de próprias políticas. Por exemplo, a escola, se existe acesso a outras culturas ou não no currículo e isso está tudo interligado. É um *insight* muito interessante. Houve algum episódio mais marcante, positivo ou negativo, que queiras partilhar relacionado com a língua portuguesa? Uma situação mais cómica ou mais traumatizante ou foi tudo mais linear?

NJ1: No processo de aprender ou melhorar.

Entrevistadora: Ou mesmo quando eras mais jovem, novo, quero dizer, quando eras criança ou adolescente, algo que te tivesse ficado marcado na memória?

NJ1: Não, não, eu acho, não tenho nada a vir para a [*sic*] minha cabeça agora sobre isso, mas não.

Entrevistadora: Como é que avalias a tua relação com o português hoje? Já mencionaste o que achas a nível de proficiência na língua, mas em termos pessoais, como é que te sentes em relação à língua?

NJ1: A ligação da cultura e a saber coisas da cultura e... é um 7.5. Eu acho que eu tenho uma boa ligação à cultura, eu tento aprender coisas sobre a política e ouvir e estar com a saber do que é que está a passar em Portugal e a cultura e a situação que as pessoas estão a ter.

Entrevistadora: Há algo mais que gostasses de acrescentar nesta entrevista que consideres relevante para este tópico da língua portuguesa no estrangeiro? Alguma experiência ou comentário?

NJ1: Não.

Entrevistadora: Então agradeço muito a tua participação, a tua partilha e boa continuação com a língua portuguesa.

Entrevista Nova Jersey 2 (NJ2)

Entrevistadora: Podes contar um pouco sobre ti?

NJ2: OK, então eu tenho 36 anos, eu nasci em New Jersey, nos Estados Unidos, mais propriamente numa cidade de Newark que, portanto, na época dos anos 80 tinha muitos, muitos imigrantes portugueses, principalmente assim só para enquadrar assim, principalmente aquela geração que nasceu em Portugal nos anos 60, antes do Salazar, onde nem escola secundária tinham. E, entretanto, vinham para aqui e gerou-se ali uma comunidade. Não sei, não sei explicar tudo, todas as condições históricas... Eh... Só sei que é um padrão que se vê em que é que essa geração, principalmente de Torreira e Arcos de Valdevez, tem imensas pessoas dessa geração dos 60 que acabaram ali na zona. A minha família não é dessas zonas. Nós somos da zona de Cantanhede, mais propriamente, mas fazíamos parte dessa comunidade, então existe até hoje. Hoje os portugueses, entretanto, saíram mais daí, subiram, melhoraram na vida e foram para outras zonas, mas ainda existe a comunidade antiga em Newark, onde se vende o leitão, o frango piri-piri, os, *you know*, papo seco, o ouro, os ourives portugueses, todas as pessoas que ainda emigram para lá para fazer a sua mercadoria [*sic*] na mercearia portuguesa. Então, eu nasci nesse ambiente. Eu, sinceramente, eu não, até digamos, ao 9º ano, eu, os meus colegas de, não tive assim propriamente aquela experiência imigrante de racismo, digamos, porque os meus colegas, como nós estávamos num bairro de imigrantes portugueses ou espanhóis de Espanha e nós todos tínhamos a mesma, uma situação de vida semelhante. Se eu ia à catequese, a minha turma eram [*sic*]

portugueses. Se eu ia na primária, os meus colegas eram todos situações de família como a minha. Só quando fui para o 9º ano é que comecei a, digamos, a ter parceiros de escola que eram mais americanos, mesmo assim, que foram criados aqui, sem ser naquela bolha em que a gente vivia ali naquela, naquela sociedade, não é? Depois, para o 10º ano, a minha família resolve, os meus pais resolvem regressar a Portugal. Portanto, não tínhamos qualquer família aqui. Foram eles os únicos que emigraram. Então, na altura, para eles, fazia sentido esse retorno. Mas para mim foi muito difícil. E eu tenho um irmão também, acredito que para ele, tipo, foi igualmente difícil, só que ele era muito mais jovem do que eu. Não querendo desvalorizar, cada um de certeza que teve as suas dificuldades. Eu acho que no regresso a Portugal foi quando eu, a primeira vez que eu senti discriminação, tudo isso que eu hoje eu olho para Portugal e eu penso, eu não conheço este país. Como é que aceitam pessoas de todo o mundo e parece, de certo modo, parecem aceitar... quando eu fui para uma localidade onde toda a minha família era dali, eu tinha cabelo castanho, olhos castanhos, o meu nome não pode ser mais, tipo, português e eu não fui bem recebida e sempre aquela discriminação e aquele preconceito de Estados Unidos. Eu acho também se deveu à época. Foram os anos depois do 11 de Setembro, onde existia, não sei se alguns dos teus outros entrevistados mencionou, mas existia muito aquele sentimento *anti-Yankee* na Europa e em Portugal também existia. Eu senti isso muito, muito. Ou depois, a secundária ... para mim foi difícil inserir-me porque as pessoas, toda a gente da turma, já eram da turma desde a escolinha básica. E então vinha eu ali de fora e depois, não sei se era preconceito ou talvez eles achassem que eu... não sei... mas foi muito difícil inserir-me. Por parte dos professores também não tive assim

apoio, aliás, minha diretora de turma ela tinha, ela falava abertamente do seu *like disdain*, como ela não, assim como ela não gostava dos Estados Unidos e os Estados, ela fazia tudo para mim, tipo de como não queria achava, não sei, não queria... não tinha intenção qualquer de me de me ver a ter sucesso naquela transição. Foi interessante. E, entretanto, eu fui para a para a faculdade. Tive alguma dificuldade no acesso. Até hoje não sei muito bem o que aconteceu, porque eu nunca tinha tido dificuldades anteriores e nunca tive dificuldades na minha vida depois disso, mas, enfim... Eu penso que foi tudo assim uma... foi tudo junto, não sei. Entretanto fiz faculdade em Portugal. Durante essa altura eu senti-me mesmo a inserir-me mais na sociedade. Assim sentia-me assim, finalmente assim, um bocadinho mais portuguesa, porque, entretanto, maior parte das pessoas com quem eu estava na faculdade, a não ser que eles vissem o meu bilhete de identidade, não era imediatamente óbvio que eu era de fora. Já tinha perdido assim o sotaque... ou pelo menos o suficiente... e eles também tinham outros sotaques. Havia pessoas, não é, do Ribatejo, de Madeira, de todos os sítios. Aí éramos todos, entre aspas, estávamos todos deslocados e eu senti-me bastante melhor e pronto. Pronto, não sei se estou a passar a intenção. O meu aprender português fora de Portugal a base em casa até hoje, o meu pai não fala inglês ou pouco, pouco pouco fala, nunca tentou inserir-se na sociedade aqui. Nunca fez esforço assim para isso e então falava-se português em casa, mas não, não era um português que me permitisse acesso ao ensino superior, era um português básico e eu, como muitos outros imigrantes, aqui existem tipo clubes, eles chamam clubes sociais como e são clubes sociais e muitos imigrantes aderem ao clube. Fazem as festas todas, o São Martinho, o São João, tentam imitar essas coisas todas, fazem o dia de

Camões e esses clubes geralmente tinham como uma escola portuguesa. Eles tinham tipo anos e só que era 2 disciplinas e eram 2 dias à semana e era Português e História. Então era tipo gramática, não, os verbos, tudo isso e depois era História. Era aquela coisa assim de Portugal no tempo dos reis e assim essa... [risos] Então essa foi a minha base que eu que eu tentei usar quando eu quando eu cheguei a Portugal, só que eu estava muito atrás das outras pessoas em compreensão, em saber e saber como é que o como é que funcionava, como é que navegava o secundário. Eu nem eu nem sequer sabia que tínhamos de escolher o ramo. Isso não existia aqui.

Entrevistadora: Exato, uma diferença grande.

NJ2: Então, eu aquilo foi uma decisão que eu fiz assim em cima do joelho, porque não eu nem sequer sabia que isso era... mal informada, tipo, foi mesmo à sorte. Então foi assim que eu aprendi português aqui e até hoje muitas pessoas que andaram nessa escola falam um bocadinho melhor, mas havia, mas também havia muitos portugueses que não fizeram isso aos filhos, não é? Não, não os puseram na escola portuguesa, então há muitos portugueses de 30 aqui que tem um português, assim como o de primária, um português de primária e parecem crianças a falar, tipo, é aquele português mesmo mínimo, porque não tinham a escola, a oportunidade da escola portuguesa. Em casa, se os pais deles inseriram-se na sociedade aqui, ou seja, falavam inglês, então esquece, então aí o português muito dificilmente passou de geração, a não ser aquele mesmo básico para falarem com os avós. Não de ter uma conversa completa, não a nível de conseguirem trabalhar ou algo assim. Então, sei lá... ... Então essa é a minha história.

Entrevistadora: Em que situações utilizas o português atualmente? Continuas a utilizar com a família?

NJ2: Quando eu regresssei aqui aos Estados Unidos, o meu primeiro emprego, eu trabalhei num escritório de contabilidade que, que assistia a clientes portuguesas, mas eu não consegui estar lá muitos anos. E isso facilitou muito a transição de regresso, porque eu tinha alguma utilidade enquanto estava a ganhar experiência, mas eu, entretanto, tive de sair para poder crescer. Esse sítio não tinha capacidade de me deixar crescer e eu tive de sair e, entretanto, nunca mais é que eu [sic], é que eu raramente tenho a oportunidade de falar português de ler português, escrever português, quer dizer de ler podia fazer mais esforço por mim própria, mas em conversa, nada. Porque mesmo quando eu falo, lá está, com as pessoas daqui é eu sinto que eu estou sempre a ensinar a elas... o que eu tenho, o que eu tenho gosto de fazer isso, mas elas estão, o que é que isso quer dizer? O que é que é isso? E eu, OK, está bem, eu ensino-te, mas não tenho ninguém assim, não tenho ninguém para fazer um diálogo. E também às vezes, quando falo com colegas amigos que mantenho em Portugal, então aí não dá muitas vezes devido ao fuso horário e também aos anos que eu já estou aqui, uma pessoa... não é, não acaba por ser aquela chamada regular, mas eu aí também presto atenção às maneiras deles e às sempre. Existe alguma coisa que as pessoas estão a dizer, algum, mas não, eu não tenho ninguém para falar aqui, então e agora eu vou casar com uma pessoa inglesa, americana, de família, descendentes de ingleses. Ele diz que está a tentar. aprender português, que comprou um programa, uma aplicação, mas não sei como é que, não sei como é que isso funciona, não vejo ele a fazer muitas vezes.

Entrevistadora: Parabéns. Com o tempo vai aprender português.

NJ2: É só começar umas palavras e depois, é como toda a gente, acrescenta. É como aprender uma língua diferente, a gente acrescenta, desde que não desista, acrescenta. Eu tento muito aprender espanhol as várias versões do espanhol, porque aqui nos Estados Unidos é uma língua que nos pode dar oportunidade e utilidade, mas o espanhol é outra coisa, tipo não existe um espanhol, existe 15 ou 20 e cada um usa expressões idiomáticas diferentes e não é fácil e tem que ser constante. Tens de praticar senão perdes.

Entrevistadora: Nesse percurso de aprendizagem do português, falaste da escola e de estares rodeada de colegas, da comunidade portuguesa. Mesmo assim, sentiste algum desafio no processo de aprendizagem, por exemplo, acesso a recurso, a influência ou, às vezes, até o gosto ou a preferência pessoal pelo inglês ou sentiste algum obstáculo, algum desafio a nível pessoal?

NJ2: Muito sinceramente, não, não sentia, não senti. Eu não senti desafio até tentar inserir-me em Portugal. Eu lembro-me até da professora da escola portuguesa aqui, quando ela soube que eu ia mudar-me para Portugal, de ela me sentar na sala, tipo fechar a porta e dizer assim, tu não te vais. Essa foi o meu primeiro impacto com essa, porque até eu não tinha medo, eu não achava nada, está tudo bem, a gente vai todos os verões, as pessoas são tão simpáticas, está bom. Eu senti mais a dificuldade em ser portuguesa do que em aprender o português.

Entrevistadora: Em Nova Jersey, houve algum episódio marcante, positivo ou negativo, relacionado com a língua portuguesa?

NJ2: Acho que não. Acho que, acho que aqui nos Estados Unidos a comunidade portuguesa é unida, na minha opinião, é unida. Eu acho que os portugueses ajudam-se uns aos outros. Talvez não. Eu já escutei pessoas a dizerem o contrário, mas eu não tenho essa experiência. Eu acho que as pessoas se ajudam. Eu acho que existe orgulho em ser português do que aquilo que eles definem por português, porque... Existe, sem dúvida, espaço para, sei lá, como trazer mais educação e eventos culturais aqui que não sejam só tipo pimba, não sejam só Quim Barreiros. Porque nesses clubes sociais ou assim, às vezes é a única coisa que vem. Vem de vez em quando a Mariza ou algo assim, mas a maioria é, então é essa a percepção que a nova geração tem de “ai, então ser português é só isto”, não, tem muito mais do que isso.

Entrevistadora: Precisamente sobre a nova geração, como é que vês a transmissão do português para as próximas gerações? Consideras importante uma herança que deve ser mantida, que está a ser feito esforço melhorado nesse sentido? Qual é a tua percepção?

NJ2: A minha percepção é que depende das famílias. Eu tenho pessoas da minha idade, têm meninos - eu ainda não tenho, mas faço intenção de ter - e aonde só se fala português em casa, então até eles irem à idade escolar, eles só falam português em casa. Eles não ensinam inglês aos seus filhos porque pensam sempre, tipo, o inglês eles vão, eles vão aprender com facilidade na escola ou assim. Mas é a única oportunidade que nós temos de registar algum português na criança, porque senão não vai ser... Não sei. É esta a ideia que eu vejo repetida, então onde só falam português em casa e os pais têm um bocadinho de esforço

nisso, bastante porque, entretanto, já eles pensam em inglês, não é? Já foram, já fizeram escola aqui e estão-se a esforçar para falar em português para os filhos para poder passar isso, conheço pessoas assim, mas também há muitos outros que por esse motivo mesmo perdem, porque depois eles não têm o português para conversa completa. Têm um português básico, então quando tentam fazer isso ao filho, eles não têm vocabulário, então acabam por envolver o inglês e já não conseguem fazer.

Entrevistadora: Há mais algo que queres acrescentar que consideres relevante sobre o tópico desta entrevista?

NJ2: Não.